UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

Jonatas Ribeiro Barbosa de Andrade

Aspectos da teoria da história em *Antiguos y Modernos*
A relação entre as causalidades econômicas e intelectuais na colonização da
América

São Paulo

2018

Jonatas Ribeiro Barbosa de Andrade

Aspectos da teoria da história em *Antiguos y Modernos*

A relação entre as causalidades econômicas e intelectuais na colonização da América

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, como exigência para obtenção do título
de Mestre em História Econômica, sob orientação
da Professora Doutora Sara Albieri

São Paulo

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jonatas Ribeiro Barbosa de Andrade

Aspectos da teoria da história em *Antiguos y Modernos*: a relação entre as causalidades econômicas e intelectuais na colonização da América.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como exigência para a obtenção do título de Mestre em História Econômica, sob a orientação da Professora Doutora Sara Albieri

São Paulo, de de 201

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Sara Albieri que acreditou no meu trabalho e pelas suas diversas qualidades acadêmicas e pessoais, cuja lista não cabe aqui. Obrigado pela lufada de esperança nesses nossos tempos. Agradeço à professora Maria Leda por ter me apresentado o texto e o tema principal e pela sua integridade marcante. Agradeço ao professor Carlos Roberto Figueiredo Nogueira pelas suas contribuições e ideias fecundas. Agradeço a meus pais Celso e Ana, que financiaram grande parte dessa empreitada. Agradeço aos amigos, Luiz e Mário, que financiaram o café e as caronas, e discutiram comigo os temas dessa dissertação.

“Acaba o giz, tem tijolo de construção”
Renato Russo (Giz)

Resumo

O presente trabalho propõe um estudo sobre aspectos da teoria da história na obra *Antiguos y Modernos*, publicada por José Antonio Maravall Casesnoves em 1966. Especificamente, procuramos entender sua teoria acerca da relação entre as causas intelectuais e as causas econômicas do processo histórico. Para a compreensão da obra serão tomadas também outras obras do autor, como *A Cultura do Barroco* e obras de autores que trataram temas similares, como Ortega y Gasset, mentor de Maravall, e Sebastião da Silva Dias, seu contemporâneo. O que Maravall vem destacar é a causalidade múltipla das transformações históricas e a lógica do relacionamento entre essas múltiplas causas. Ele aplica sua teorização na análise da história espanhola durante o período de colonização da América. Maravall então discute como os fatores econômicos e intelectuais da colonização se inter-relacionaram e ajudaram a formar as primeiras amostras do que viria a ser a teoria do progresso na modernidade.

Palavras-chave: Jose Antonio Maravall; Causalidade na história; Teoria da História; Renascimento; Autoritarismo e totalitarismo.

Abstract

This work proposes a study of theory of history aspects in the book *Antiguos y Modernos*, written by Jose Antonio Maravall Casesnoves in 1996. Specifically, we try to understand his theory regarding the relationship between intellectual and economical causes in the historical process. To comprehend this book we will also use other books, such as *A Cultura do Barroco* (The Culture of Baroque) and books by other authors studying similar themes, such as Ortega y Gasset, Maravall's mentor, and Sebastião da Silva Dias, his

contemporary. Maravall highlights the multiplicity of causality for historical change and the logic of the relationship between these causes. He applies his theory in the analysis of Spanish history during the period of America's colonization. Maravall then discusses how economic and intellectual factors of colonization affect each other and how they helped form the first samples of what would become modern progress theory.

Key words: Jose Antonio Maravall; Causality in History; Theory of History; Renaissance; Authoritarianism and totalitarianism.

Sumário

Introdução.....	9
 Capítulo I	
Aspectos da teoria da história em Maravall.....	20
 Capítulo II	
O único feito verdadeiramente grande feito pela Espanha.....	57
 Capítulo III	
Os debates intelectuais em Antiguos y Modernos.....	88
 Considerações finais.....	 122
 Bibliografia.....	 126

Introdução

Os anos da década de 1930 foram um tempo de combates intensos sobre o papel da história na sociedade. O impacto da I Guerra Mundial, da recessão de 1929 e da aparente falência da democracia no centro da Europa fazia-se sentir por toda a comunidade de intelectuais e pensadores. Em 1914, o escritor britânico H. G. Wells cunhava a expressão “A guerra para acabar com toda a guerra”, tornada popular através de uma série de artigos publicados por Wells meses após a entrada do Reino Unido na I Guerra Mundial. Alguns meses mais tarde, esses artigos foram reunidos em um livro intitulado *The War That Will End War*¹. Em nossa leitura da obra, podemos perceber que esses artigos têm um tom de marcado otimismo: Wells acreditava que a Alemanha seria derrotada em questão de semanas e com ela também toda a ideologia de militarismo. Esse tom otimista era característico de uma retórica que buscava apoio para a causa britânica e se difundiu para além do Reino Unido. Segundo o livro da historiadora da mídia e da retórica Kathleen Hall Jamieson², esse discurso otimista acerca do processo histórico e da função da guerra nesse processo também foi usado na América. Segundo ela, o historiador e presidente americano durante a I Guerra Mundial, Woodrow Wilson, também usou a expressão “*The war that will end war*”. Foi em um contexto semelhante ao de Wells, em um de seus discursos no qual procurava apoio para a entrada dos Estados Unidos na guerra. No entanto, a experiência histórica logo mostrou que esse otimismo não tinha

¹WELLS, H. G. *The War that will end War*. Whitefish, EUA: Kessinger Publishing, 2010.

²JAMIESON, Kathleen Hall. *Eloquence in an Electronic Age: The Transformation of Political Speechmaking*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1995, p.9.

fundamentos.

A Guerra Mundial se arrastou por mais de 4 anos e, como ficou claro anos mais tarde, não acabou com todas as guerras. Após o fim da guerra, Wilson foi à conferência de Paris onde seus “14 pontos” – inspirados por aquele sentimento que ficou conhecido na historiografia americana como “Idealismo wilsoniano”³ - foram rejeitados. Como pudemos ver em nossa leitura do Tratado de Versalhes, assinado na conferência, os vencedores do conflito demonstraram interesses mais pragmáticos. Foi o caso principalmente da França, que exigiu pesadas reparações, como remessas de carvão e territórios⁴. Não havia meios de conservar a paz após a escrita daquele tratado. Os primeiros a descobrirem isso foram os russos e os turcos que se viram atacados por uma coalizão de nações logo após o final do conflito. Mais tarde isso ficaria mais claro para os demais países europeus.

No entanto, nem todos os intelectuais que viveram e analisaram o período do pós-Primeira Guerra estavam otimistas. O economista John Maynard Keynes participou da conferência de paz de Paris como delegado do tesouro britânico, deixando-a antes da assinatura do tratado de Versalhes. Essa saída precipitada serviu como sinal de protesto, já que Keynes discordava profundamente dos termos que os governos aliados impuseram

³STEIRGERWALD, David. *Wilsonian Idealism in America*. Ítaca, EUA: Cornell University Press, 1994. Esse livro é interessante na medida em que discute as primeiras mostras do que seria uma retórica muito popular entre presidentes americanos tentando justificar uma guerra de agressão externa. Wilson foi o primeiro presidente americano a usar o discurso da defesa dos direitos humanos e da democracia para isso. O historiador e professor do Washington College, Edward L. Widmer, tem um artigo em que mostra alguns momentos desse mesmo discurso sendo usado para justificar guerras ao longo de algumas outras presidências, como a de Bush e de Kennedy. Esse artigo está disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/08/14/opinion/woodrow-wilson-world-war-1-and-american-idealism.html>. Acesso em: 30 de Novembro de 2017. Essa discussão também é interessante na medida em que a presidência de Wilson marcou a virada entre o clássico isolacionismo americano e o começo do intervencionismo na Europa que culminaria no *status* de superpotência a que os EUA chegam após a Segunda Guerra Mundial.

⁴O texto do Tratado de Versalhes está disponível em: <https://www.loc.gov/law/help/us-treaties/bevans/m-ust000002-0043.pdf>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

aos alemães derrotados, considerados por ele como exagerados e vingativos. De volta a Inglaterra ele escreve *As consequências econômicas da paz*⁵ onde faz um diagnóstico muito interessante. Segundo ele, os governos europeus eram instáveis demais para suportar os problemas econômicos inflacionários, que continuariam mesmo após o fim da guerra. Esses governos da antiga classe dominante do século XIX cairiam, segundo Keynes, porque não havia nessa classe nenhum tipo de planejamento para a substituição da antiga ordem por uma nova, adaptada à realidade do pós-guerra. Faltava um pensamento que inspirasse uma reorganização da Europa. Keynes vê essa falta como o maior perigo. Ele termina o sexto capítulo de “As consequências...” com o seguinte questionamento:

“But winter approaches. Men will have nothing to look forward to or to nourish hopes on. There will be little fuel to moderate the rigors of the season or to comfort the starved bodies of the town-dwellers.

*But who can say how much is endurable, or in what direction men will seek at last to escape from their misfortunes?”*⁶

A resposta para esse questionamento viria poucos anos mais tarde. Muitas das democracias europeias falharam em resolver a situação de penúria apontada por Keynes, principalmente depois da crise econômica de 1929. Elas foram substituídas pelos movimentos políticos que dominaram o cenário europeu durante a primeira metade do século XX. Foi a ascensão dos totalitarismos. O extremismo de esquerda viria logo após a guerra com a crescente influência de Stalin. Ele culmina em atrocidades como o

⁵KEYNES, John Maynard. *The Economic Consequences of the Peace*. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Howe, 1920. Disponível pelo *Project Gutenberg* em: <http://www.gutenberg.org/files/15776/15776-h/15776-h.htm>. Acesso em: 20 de Novembro de 2017.

⁶Ibid., p. 119, (Tradução nossa).

extermínio dos ucranianos na fome de 1932-33 ou o grande expurgo, em que os opositores do estalinismo foram massacrados e exilados. O extremismo de direita viria com a subida ao poder de Mussolini na Itália e mais tarde o nazismo e o Holocausto. Esse processo foi a plena instauração daquilo que E. Hobsbawn passou a chamar, em 1994 com a publicação do livro homônimo, de a “Era dos Extremos”⁷. Esses movimentos políticos romperam barreiras nacionais, pois seu meio de propagação era a cultura de massa. Dessa forma, toda a Europa estava sujeita a sua influência polarizadora. As tensões cresceram ao longo das décadas de 1920-30 e a luta travada entre diferentes ideologias se tornava cada dia mais perigosa. A corrida armamentista, que por um lado reativou a economia e fez a popularidade dos governos totalitários, por outro trouxe os maus agouros da guerra que estava sendo preparada.

Havia um lugar no qual essa tensão entre diferentes extremismos estava mais “à flor da pele”. A Espanha não contou com os sucessos coloniais e econômicos vividos por França, Inglaterra e Alemanha antes da I Guerra Mundial. Pelo contrário, o século XIX foi um período de longa decadência para o império espanhol, começando com a perda da maior parte das colônias americanas até 1824 seguida pelo “desastre de 98”, com a perda de Cuba, Porto Rico e das Filipinas na Guerra Hispano-Americana. Um livro foi publicado no México logo após esse último conflito, *Historia de la guerra Hispano Americana*, por Enrique Mendoza y Vizcaino⁸. Essa obra traz um segmento chamado *Opinón Española sobre la Guerra*, onde pode-se perceber o estado de desgosto com que os espanhóis encararam a perda de suas últimas possessões coloniais. Segundo o autor, a

⁷HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁸MENDOZA Y VIZCAINO, Enrique. *Historia de la guerra Hispano Americana*. México: A. Barral y Compañía Editores, 1989. Disponível em: <https://ia600708.us.archive.org/28/items/abz6364.0001.001.umich.edu/abz6364.0001.001.umich.edu.pdf>. Acesso em: 21 de novembro de 2017.

falta de confiança no governo, já muito instável, se tornou generalizada. Seguiram-se, já no século XX, golpes militares e a instauração de ditaduras. Há um artigo que trata desse assunto numa região específica, escrito por Gerardo Arriaza Fernández, sobre a polarização política em Granada⁹. Segundo Arriaza, a república instalada após 1931 não foi capaz de resolver os problemas espanhóis, que se agravaram ainda mais depois da crise econômica de 1929. A sociedade espanhola tinha rachaduras ideológicas profundas. A influência do anarquismo, do comunismo e do fascismo crescia, criando o que Arriaza chama de “*la antesala de la Guerra Civil*”. Após a vitória eleitoral da esquerda em 1936, os generais de direita tentaram um golpe, que só obteve sucesso em algumas áreas. A partir daí os extremismos se enfrentaram na Guerra Civil Espanhola, prefigurando os conflitos que abarcariam toda Europa, alguns anos mais tarde, na II Guerra Mundial.

Seria falso, porém, dizer que todos os projetos políticos, históricos e filosóficos do entre guerras ficaram perdidos nessa falsa divisão. Nem todos os projetos estavam contidos nas categorias fascismo central, comunismo oriental e imperialismo ocidental. Houve muitas vozes dissonantes, entre elas a do grupo formado pelo intelectual espanhol José Ortega y Gasset. O professor da UFSJ, José Maurício de Carvalho, escreveu um artigo panorâmico sobre os conceitos filosóficos desenvolvidos por Ortega. Em *Razão Histórica e Razão Vital e o problema do conhecimento em Ortega y Gasset*¹⁰, Maurício de Carvalho disserta sobre os modos pelos quais Ortega y Gasset trabalhou a tradição neokantiana que conheceu em seus anos de estudo de filosofia em Marburgo. Segundo ele, o filósofo espanhol tenta responder à pergunta que ele mesmo se coloca em

⁹ARRIAZA FERNÁNDEZ, Gerardo. Polarización, radicalización y fragmentación política de la sociedad granadina en la antesala de la Guerra Civil (1931-1936). *Revista del Centro de Estudios Historicos de Granada y su Reino*, Granada, Espanha, n.24, pp. 105-124, 2012.

¹⁰CARVALHO, José Maurício; BESSA, Vanessa da Costa. Razão histórica e Razão vital e o problema do conhecimento em Ortega y Gasset. *Prometeus: Filosofia em Revista*, Sergipe, ano 5, nº 10, pp. 71-90, Julho-Dezembro/2012.

“História como sistema” de 1941: “como estudar o homem, uma vez que os métodos usados pela ciência natural não captam o que lhe é fundamental?” Mas Ortega não limitou suas preocupações à temas alheios à realidade que o cercava e não transformou esse homem que estudava em conceito totalmente abstrato.

Para a geração espanhola nascida em torno de 1900-1910 - que viveu o auge dos conflitos intelectuais entre os projetos políticos do começo do século XX - Ortega foi muito mais que apenas um intelectual com preocupações distantes da realidade. Um grupo de estudiosos se formou em torno de suas várias iniciativas como, por exemplo, a *Revista de Occidente*. Um desses estudiosos, o historiador José Antonio Maravall Casesnoves – cujo estudo do Renascimento é o objeto central da dissertação que agora apresentamos – escreve em 1959 um livro muito esclarecedor sobre esse papel que Ortega desempenhou para essa geração. Em *Ortega en Nuestra Situación*¹¹, Maravall descreve como o filósofo oferece uma alternativa contra “as correntes da anarquia moral e de desordem intelectual que têm germinado nos anos recentes” e também contra aquilo que Ortega caracteriza como o estado absorvente, uniformizador e o homem-massa, característicos do fascismo e do estalinismo. Segundo Maravall, o pensamento de Ortega foi uma espécie de respiro no ambiente dos anos 30. No começo dessa década, em 1930, Ortega escreve aquela que hoje é considerada sua obra prima, *A Rebelião das Massas*. No prólogo podemos ler a seguinte passagem¹²:

“Ser de esquerda, assim como ser de direita, é uma das infinitas maneiras que o homem pode escolher para ser um imbecil: [...]. Além disso, a existência desses qualificativos contribui muito para falsificar mais ainda a “realidade” do presente, já falsa por si só, porque as experiências políticas a que cada uma corresponde giraram

¹¹MARAVALL, José Antonio. *Ortega en Nuestra Situación*. Madri: Taurus Ediciones, 1959, pp.16-17.

¹²ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, pp.26-27.

cento e oitenta graus, como demonstra o fato de que hoje as direitas prometem revoluções e as esquerdas propõe tiranias. ”

Esse é um exemplo muito preciso da postura que Ortega apresenta através de sua atuação como intelectual, se opondo a extremismos na tentativa de explicar e clarificar a dinâmica histórica. O professor Hélio Jaguaribe é um dos mais destacados estudiosos do pensamento de Ortega no Brasil, tendo escrito diversos artigos sobre o tema. No prefácio da edição da UnB de *História como Sistema*¹³, Jaguaribe chama Ortega de “educador de seu povo”. Segundo Hélio, Ortega instigava a compreensão da História através de uma morfologia explicativa, reafirmando a função da disciplina como “mestra da vida”. Outro exemplo dessa postura é a criação por Ortega da “*Liga de Educación Política de España*” em 1914. Maravall segue um caminho semelhante em sua obra. Podemos observar essa influência na introdução de *Antiguos y Modernos*, no trecho que citamos aqui, onde Maravall descreve suas expectativas para a recepção da obra na Espanha:

“*Ante esto, un modesto historiador no tiene otro tipo de cosas que hacer que, por ejemplo, escribir un libro sobre la aleccionadora experiencia de un movimiento de auge social e intelectual y de la penosa contracción que le sucedió [referindo-se ao apogeu e queda do século de ouro]. Y desear que en el inmediato futuro de España la sucesión de las etapas acabe siendo inversa en su orden a la que en estas páginas queda reflejada.*”¹⁴

Mais adiante, já no primeiro capítulo da dissertação, trataremos do modo como Maravall trabalha a teoria da história a partir das teses de Ortega e veremos como essa capacidade da história de ensinar será importante.

¹³ORTEGA Y GASSET, José. *História como Sistema / Mirabeau ou O Político*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

¹⁴MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*. Madri: Alianza Editorial, 1998, página 19.

A relação entre esses dois intelectuais foi muito importante para o desenvolvimento do pensamento de Maravall. Soledad Ortega escreve um artigo intitulado “*Mavarall, Ortega y la Revista de Occidente*” em 1990, para a revista *Cuadernos Hispanoamericanos*, em que trata dessa relação¹⁵. Soledad nos conta que Maravall conhece Ortega nas aulas da Universidade de Madri, enquanto frequentava o curso de letras. A partir desse encontro, Maravall entra para o círculo dos discípulos de Ortega e começa a publicar na *Revista de Occidente*. Segundo Soledad Ortega, entre abril de 1933 e fevereiro de 1936, Maravall publica 10 notas e 5 artigos. Também foi Ortega quem dirigiu Maravall, até então um estudante de letras e direito, para a carreira de historiador. Assim como Ortega, Maravall opta por um caminho que se afasta da polarização ideológica do período entre as duas guerras mundiais.

Uma biografia escrita pela historiadora María del Carmen Iglesias da Universidade Complutense de Madri nos traz algumas informações sobre Maravall antes de seu encontro com Ortega¹⁶. Ele nasce em Játiva, na Região de Valencia, em 1911. Sua vida acadêmica começa na Universidade de Murcia, em 1927. Mais tarde ele se muda para estudar na Universidade Central em Madri, finalizando sua licenciatura em 1931. Nesse período de estudante ele participa dos protestos contra a ditadura de Primo de Rivera (1929-1931). Nesse mesmo ano ele começa a escrever no jornal *El Sol*, em geral sobre literatura. Em 1932 começa a escrever para a *Revista de Occidente*, de Ortega. Sua carreira universitária começa em 1934 como professor auxiliar de direito. Durante a Guerra Civil, Maravall luta do lado dos republicanos. Após a guerra, já em 1942, torna-se professor de sociologia na Escuela Social de Madrid. Ele termina seu doutorado em

¹⁵ORTEGA, Soledad. Mavarall, Ortega y la Revista de Occidente. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madri, n. 477~78, p. 61-63, março/abril de 1990.

¹⁶IGLESIAS DEL CANO, María del Carmen. Presentación, noticia biográfica y bibliografía, in: Homenaje a José Antonio Maravall. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1985.

1944, com a tese *Teoría del Estado en España en el Siglo XVII*. A partir de 1949, Maravall dirige o Colegio de España en Paris. É nessa época que mantém contato com historiadores que marcaram sua obra, como Fernand Braudel, Marcel Bataillon e Pierre Vilar. Em 1954, volta para a Espanha e escreve *Teoría del Saber Histórico*. Essa obra marca o início de sua produção madura. Durante a escrita desse livro, Maravall desenvolveu seu conceito de “conjunto histórico”, como objeto de pesquisa, que discutiremos melhor no primeiro capítulo. Seguindo as teses de *Teoría...*, Maravall escreve suas principais obras.

Iremos estudar alguns textos desse historiador espanhol, com especial interesse o livro publicado por ele em 1966, *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*¹⁷. Nos preocuparemos com algumas questões que consideramos centrais, relativas à cultura espanhola durante o Renascimento. Para Maravall, há uma relação profunda e fecunda entre os desenvolvimentos intelectuais dos pensadores renascentistas e as transformações econômicas do período. Veremos ainda como essa relação fecunda teve uma expressão muito interessante no que concerne ao descobrimento e a colonização da América. Apresentaremos alguns aspectos da obra desse autor ainda pouco conhecido no Brasil. Procuramos assim contribuir para a popularização de um historiador muito importante no contexto espanhol da história das ideias que acreditamos poder ser de um aporte muito rico para nossa comunidade historiográfica. Também procuramos explorar alguns aspectos interessantes levantados durante o estudo que realizamos sobre o contexto intelectual da obra. Ao longo de nossa apresentação de Jose Antonio Maravall Casesnoves encontraremos algumas obras e certos intelectuais chaves para compreender a tradição intelectual na qual Maravall se insere. Citamos agora alguns nomes como o do filósofo da história Jose Ortega y Gasset, o

¹⁷MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*. Madri: Alianza Editorial, 1998, 628 páginas.

historiador suíço Jacob Burckhardt – ele mesmo um dos primeiros a trabalhar com o conceito moderno de “Renascimento” – e o nome de José Sebastião da Silva Dias. Contemporâneo de Maravall, este último também tratou da relação entre cultura do Renascimento e as transformações levadas a cabo através da colonização da América, já no caso português.

No primeiro capítulo procuramos traçar uma visão mais abrangente as posturas teóricas de Maravall: passaremos por alguns de seus livros, os conceitos filosóficos que estruturam seu trabalho e a origem desses conceitos e o direcionamento político de alguns de seus textos. Procuramos assim tentar compreender suas preocupações intelectuais de fundo. Além disso, também gostaríamos de contribuir para uma maior divulgação no Brasil do trabalho desse historiador tão importante, onde a maioria das suas obras ainda é pouco discutida.

Com esse panorama em mãos, passaremos então ao principal texto de nosso estudo. No segundo capítulo, nossa análise centra-se no livro *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el renacimiento*¹⁸, publicado pela primeira vez em 1966. Nessa obra Maravall coloca-se a seguinte pergunta:

"Cómo los Europeos habían vivido el paso del tiempo, la marcha de la Historia, y después, cómo se desarrolló en ellos una teoría o interpretación intelectual de los hechos históricos que ha venido intentando organizar la sucesión de los mismos bajo el esquema de la idea de progreso?".

Acreditamos que essa pergunta seja fundamental para a compreensão da

¹⁸ MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*. Madri: Alianza Editorial, 1998, 628 páginas. Além dessa edição de *Antiguos y Modernos*, também analisaremos mais à frente edições anteriores. As transformações no subtítulo dessa obra têm especial relevância para esta pesquisa.

história do pensamento espanhol e europeu. Desse modo, em nossa análise da obra, tentaremos mostrar como Maravall responde a essa pergunta, e com isso, como ele compreende esse período formativo da cultura não só da Espanha como de toda civilização Ocidental.

Passaremos então para o terceiro capítulo da nossa dissertação, no qual discutiremos aspectos mais específicos desse período. Passaremos a analisar alguns mecanismos históricos que Maravall percebe atuando no Renascimento espanhol. Trataremos principalmente de tentar compreender aqueles mecanismos ligados ao modo como o descobrimento e a colonização espanhola na América transformaram a consciência histórica dos Europeus. A partir dessa operação, nos centraremos em três debates intelectuais nos quais se inseriu a obra *Antiguos y Modernos*. Dessa forma, o que mais nos interessa nessa dissertação é a ligação entre a prática econômica dos Espanhóis no Renascimento – em especial a colonização, o comércio e a técnica envolvida, mas também o modo como esse crescimento econômico foi gerido internamente – e as transformações ocorridas concomitantemente no campo das mentalidades, assim como da consciência histórica.

Capítulo I

José Antonio Maravall Casesnoves esteve ligado ao movimento historiográfico e filosófico iniciado pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Pode-se depreender a natureza dessa relação da leitura alguns dos textos que escreve especificamente sobre o mestre, como o livro *Ortega em Nuestra Situación*¹⁹ de 1959. Em outro livro de Maravall, escrito em 1958, *Teoria del Saber Historico*²⁰, é possível ver como algumas preocupações filosóficas de Ortega foram chaves importantes para o seu trabalho historiográfico. É o caso, por exemplo, da tentativa, compartilhada pelos dois intelectuais, de entender os efeitos dos desenvolvimentos da física de Einstein e da física quântica na teoria das ciências humanas. Também atestam essa ligação alguns artigos sobre a história das ideias na Espanha. A *Revista de Occidente*, criada e editada por Ortega até 1936, foi um local de congregação dos estudos nessa área da história e para ela Maravall contribuiu ativamente. Dada essa ligação tão importante entre os dois intelectuais, achamos importante fazer uma breve investigação sobre os fundamentos teóricos de Ortega e sobre como eles chegam até Maravall.

José Ortega y Gasset foi um filósofo espanhol nascido no fim do século XIX. Dedicou-se aos mais diversos temas filosóficos, históricos e políticos, como atestam suas *Obras completas*, com mais de 10 mil páginas em 10 tomos²¹. Dentre seus escritos ligados à área da história e à sociologia, situa-se seu livro mais lido, *A Rebelião das Massas*²².

¹⁹MARAVALL CASESNOVES, José Antonio. *Ortega em Nuestra Situación*. Madri: Taurus Ediciones, 1959.

²⁰MARAVALL CASESNOVES, José Antonio. *Teoria del Saber Historico*. Madri: Editorial *Revista de Occidente*, 1958.

²¹ORTEGA Y GASSET, Jose. *Obras completas*. Madri: Fundación José Ortega y Gasset / Taurus, 2004.

²²ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Nele Ortega traça a história da constituição daquilo que chama de o “Homem-Massa”. Seu argumento central é de que esse seria o tipo do ser humano a ocupar os lugares de destaque nas sociedades dominadas pelo industrialismo, a cultura massificada, e mais a tarde, pelos movimentos totalitários como fascismo e estalinismo. Nessa obra também é possível notar alguns de seus posicionamentos teóricos. Ali se notam traços da tradição neokantiana de investigação em teoria das ciências humanas, assim como traços da tradição liberal de teorização de história, na qual se destaca Jacob Burckhardt. Há uma visão em Ortega muito semelhante àquela de Burckhardt quanto aos perigos de uma democracia decair em tirania. Não surpreenderia ver citadas em “A Rebelião das Massas” - porém apontadas contra o fascismo – certas frases de Burckhardt, como aquela encontrada em uma de suas cartas, escrita no prenúncio das revoluções de 1848²³: “Nenhum de vocês sabe ainda o que o povo é, e quão facilmente ele se transforma em uma horda de bárbaros”. O aporte neokantiano no livro de Ortega é confirmado pelos dados biográficos presentes no site da “Fundación Ortega y Gasset – Gregorio Marañón”²⁴. Segundo o autor do site, Ortega frequentou a escola de Marburgo, centro do neokantismo na Alemanha. A biografia presente no site também cita a publicação de um livro em homenagem a Ernst Cassirer, filósofo associado a essa mesma escola. Desse modo, parece adequado fazer uma investigação acerca da teoria de história Orteguiana buscando esses antecedentes intelectuais e de como esses antecedentes chegam a Maravall.

Antes, porém, de procurar os fundamentos teóricos de Ortega - para assim poder compreender melhor a obra de seu aluno Jose Antonio Maravall Casesnoves – é

²³BURCKHARDT, Jacob. *The Letters of Jacob Burckhardt*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1955.

²⁴FOM. *Datos Biograficos*. Disponível em: <http://www.ortegaygasset.edu/la-fundacion/jose-ortega-y-gasset/datos-biograficos>. Acesso em: 07 de dezembro de 2017.

preciso esclarecer um ponto. A própria palavra “teoria” é carregada de ambiguidade. Por exemplo: quando consideramos a música, encontramos em sua teoria muito de matemática e de estética. Já quando nos voltamos para a matemática, encontramos em sua teoria lógica e platonismo. Já na teoria da história convergem os mais diversos campos de conhecimento: economia, filosofia e mesmo teoria literária.

Segundo Gregory Nagy, filólogo do Centro de Estudos Helênicos de Harvard, a tradução aproximada para a palavra grega *teoria* poderia ser: “Uma jornada ritual com o propósito de ter uma visão sagrada”²⁵. Nagy explica que essa tradução é aproximada porque essa jornada não se refere a qualquer viagem, mas sim à instituição política específica da polis grega. O professor de grego da Universidade de Reading, Ian Rutherford, escreveu um livro muito interessante sobre as origens do vocábulo “theoria”. Em *State Pilgrims and Sacred Observers in Ancient Greece: A Study of Theōriā and Theōroi*, ele discute algumas dessas jornadas, a escolha dos participantes e a origem dos fundos para a viagem, entre outros aspectos. Segundo Rutherford, a “theoria” era um misto de peregrinação religiosa, missão diplomática e rito de passagem²⁶. Os escolhidos para a viagem deveriam assistir algo - ter uma visão - por exemplo uma olímpiada ou um oráculo. Dessa forma seriam transformados e, regressando à cidade natal, ela também seria transformada.

O sentido moderno do termo teoria começa a surgir com Pitágoras. Em *The*

²⁵NAGY, Gregory. *The Ancient Greek Hero in 24 Hours*. Cambridge, EUA: Harvard University Press, 2013.

²⁶A instituição política moderna mais parecida com a descrição dada por Rutherford que fomos capazes de encontrar foi um costume do governo chileno no começo do século XX de manter consulados em lugares remotíssimos. Dessa maneira o estado poderia mandar para ali seus jovens promissores. Pablo Neruda foi um desses jovens, como conta em sua autobiografia *Confesso que He Vivido*. Depois de alcançar certa fama como poeta e agitador social, o serviço de relações internacionais o manda para ser cônsul em algumas cidades do sul da Índia, Myanmar e Sri Lanka. Lá, Neruda trabalha nos consulados, conhece o budismo, os poetas e intelectuais locais. Dessa forma ele é preparado para se tornar um homem de estado, desempenhando mais tarde funções como a de senador e de candidato à presidência no Chile.

History of Western Philosophy, Bertrand Russel nota que Pitágoras compara dois sentidos dessa palavra. De um lado, Pitágoras fala da “theoria” enquanto viagem em busca dos mistérios do culto do deus do vinho, Baco; de outro, fala da “theoria” enquanto viagem intelectual em busca dos mistérios do misticismo matemático²⁷. Mais tarde, seguindo esse paralelo, foi com Platão que a palavra “teoria” adquiriu seu sentido atual.

Segundo Gergory Nagy, Platão cria uma metáfora poética no diálogo *Fédon*. Ele coloca a viagem anual dos atenienses escolhidos para o festival de Delos - era a “theoria” em seu sentido original. Nessa viagem os atenienses reencenavam o mito da independência de Atenas, a rebelião de Teseu contra Minos, rei de Creta²⁸. Num sentido mais prático, também agiam como embaixadores e reforçavam as ligações políticas com as outras cidades da liga de Delos, reafirmando o papel de Atenas como potência marítima²⁹. Durante o período da viagem não poderia haver execuções de prisioneiros em Atenas, caso contrário a “theoria” perderia seu poder purificador. Foi durante esse período que transcorreram os eventos narrados no *Fédon* e também na *Apologia de Sócrates*, daí o uso o sentido metafórico da palavra “theoria” por Platão. Sócrates fora condenado a morte, mas, devido à viagem oficial, não pode ser executado. Ele passa a conversar com seus discípulos nos dias que se passam entre a condenação e a morte. É importante notar, porém, que o filosofar de Sócrates nesse período fica diferente do que fora antes. Platão narra um sonho tido por Sócrates, que o mandava fazer a “arte das musas”. É nesse momento que ele compõe poesia pela primeira vez. No entender de

²⁷RUSSEL, Bertrand. A HISTORY OF WESTERN PHILOSOPHY And Its Connection with Political and Social Circumstances from the Earliest Times to the Present Day. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1945. Disponível em: <http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books/History%20of%20Western%20Philosophy.pdf>. Acesso em: 07 de Dezembro de 2017.

²⁸É valioso notar a ligação fundamental entre theoria e encenação e narrativa. A palavra tem a mesma raiz da palavra “teatro”. É interessante ter isso em mente ao pensar em teoria da história.

²⁹Note-se também a ligação entre narrativa e a instituição e a manutenção das relações políticas.

Gregory Nagy, nesse período de iminência da morte, Sócrates se afasta de suas preocupações quotidianas e parte em busca de sua própria “theoria”, já metafórica porque filosófica. Platão expõe essa teoria, já no sentido que conhecemos hoje, com base em três conceitos: a imortalidade da alma; a imortalidade do conhecimento atingido por essa alma; e o método socrático como forma de chegar a esse conhecimento imortal. No *Fédon*, Sócrates afirma que a vida bem vivida se vive através da constante aproximação com essas verdades imortais através da filosofia. É essa “theoria” que dá sentido à sua prática filosófica quotidiana. É muito interessante notar o paralelo estabelecido: a “theoria” anual de Atenas para Delos afastava alguns escolhidos que descobriam e reafirmavam o sentido político ateniense durante a viagem. Da mesma forma, a “theoria” de Sócrates descobre e reafirma o sentido da vida do filósofo. Esse e outros tópicos serão mais desenvolvidos nos diálogos posteriores. No entanto, estão lançadas aí as bases da teoria das formas de Platão. Essa foi provavelmente a teoria filosófica mais influente de todas, tendo influenciado profundamente tanto a ciência e a matemática como o cristianismo³⁰.

Partindo dessas considerações, podemos propor uma definição de trabalho da expressão “teoria da história”: trata-se uma jornada partindo dos conhecimentos quotidianos da história – seus conhecimentos fáticos, que poderiam compor a crônica – em direção a um conhecimento que dê sentido aos primeiros. Essa atribuição de sentido tem dois significados, como no *Fédon*: tanto o sentido lógico interno, na definição do que é verdade ou do que é importante; quanto o sentido externo, da ação, de “como viver uma vida bem vivida” de acordo com essa verdade - no caso da história, o sentido social, político. É com essa definição que voltamos agora ao pensamento orteguiano, para

³⁰Mais tarde, Aristóteles escreve em *Política* o a sua definição de teoria, contrapondo-a ao vocábulo praxis.

tentarmos compreender aspectos de sua teoria da história.

Começamos nossa análise com um debate entre dois dos grandes filósofos da história. Trata-se do debate entre Georg Hegel e Leopold Von Ranke, travado no início do século XIX. Ortega e Maravall não foram partidários de nenhum dos dois lados; de certa forma se opuseram a ambos. Dessa forma, faremos um breve panorama do debate e só então vamos nos deter na posição que originou a tradição de pensamento na qual se encontram os dois autores.

Em *Filosofia da História*, Georg Hegel propôs uma teoria da história baseada em sua lógica dialética³¹. Para Hegel a lógica teria um funcionamento universal em que haveria uma tese, sendo depois contrariada por uma antítese, finalmente alcançando uma síntese. Dessa forma, as épocas históricas também se sucederiam umas às outras, opondo-se. Uma época assumiria certa característica essencial, ao mesmo tempo em que gestaria dentro de si uma época de caráter oposto, que a sucederia. Uma terceira época histórica surgiria então para unir as características essenciais das duas épocas posteriores em um momento histórico novo. A culminação desse processo seria a instituição do estado moderno, conciliando a liberdade individual e a coesão social. Para Hegel esse desenvolvimento seria baseado na dinâmica iniciada e mantida em direção à Ideia Absoluta; ele seria universal e articularia todos os períodos da história. O professor da UFBA, Vinícius dos Santos, discute essa tentativa de conciliação dialética em seu artigo *A razão realizada? Notas sobre a filosofia da história de Hegel*. Segundo ele, esse processo abarcaria diversos fenômenos sociais e morais, como as percepções hegelianas da moral cristã e da filosofia iluminista, que Hegel tentava conciliar em um sistema

³¹HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Brasília: UnB, 2008.

abrangente³².

Uma passagem de *Elementos da Filosofia do Direito*, publicado por Hegel em 1820, nos ajuda a tentar entender o sentido político dessa teoria. Ele escreve: “O estado é a marcha de Deus na Terra”³³. Em nossa leitura dessa obra percebemos uma clara tentativa de conciliar a liberdade do indivíduo com a organização social em forma de estado. No entanto, por mais que a teoria hegeliana preveja que essa conciliação será perfeita, acreditamos que a história tenha mostrado resultados discutíveis³⁴. Um exemplo da própria época de Ortega e de Maravall servirá para esclarecer nosso ponto. Os filósofos Giovanni Gentile e Benedetto Croce foram dois dos responsáveis pelo ressurgimento do hegelianismo na Itália no começo do século XX. Ambos apoiam o início do governo de Mussolini, embora Croce se arrependa algum tempo depois. Em 1932, Gentile escreve, junto com o *Duce*, o livro *La dottrina del fascismo*³⁵. Nesse livro, os autores aplicam a sua versão da teoria hegeliana para a realidade da Itália. Usam o conceito de um estado perversivo a todas as esferas da vida do cidadão na prática da política totalitária fascista. Ortega não poderia deixar de se opor a um movimento como esse, como fica claro na leitura de *Rebelión de Las Masas*. Para Ortega, o estado totalizante - seja na sua forma fascista ou estalinista³⁶ - não era “a marcha de Deus na terra”, era sim a manifestação

³² SANTOS, Vinícius. A razão realizada? Notas sobre a filosofia da história de Hegel. *AUFKLÄRUNG*, João Pessoa, v.3, n.2, Dez., 2016, p.113-134

³³ HEGEL, G. W. F. *Philosophy of Right*. Kitchener, Ontario, Canadá: Batoche Books Limited, 2001, p. 198.

³⁴ A literatura é prolífica no tratamento da profundidade e da potência desse conflito entre a liberdade do homem e a instituição do estado. “Homem *versus* estado” é uma das categorias fundamentais da teoria literária. A leitura de alguns dos autores dessa categoria, como Kafka ou George Orwell, mostra uma dimensão desse conflito que escapara a Hegel e que se provaria decisiva.

³⁵ DE FELICE, Renzo. *Mussolini. Il Duce: gli anni del consenso, 1929-1936*. Turim, Italia: Einaudi, 2006, pp. 35–36. Embora “*La dottrina del Fascismo*” seja atribuído a Mussolini, o historiador italiano Renzo de Felice afirma em seu livro que Gentile escreve a primeira parte, teórica, de “*La dottrina...*” e Mussolini escreve apenas a segunda.

³⁶ É importante notar que os dois maiores movimentos totalitários do século XX invocaram Hegel como fundador de sua teoria da história. O fascismo invoca Hegel através de Gentile e o

institucional da ignorância da massa. O professor Thomas Akehurst, da Universidade de Sussex, discute em *Bertrand Russell Stalks the Nazis* algumas das possíveis influências da filosofia de Hegel na formação do fascismo³⁷. Ele analisa a crítica estabelecida por Bertrand Russell à essas ligações. Ele se opõe à tese de Russell, chegando à conclusão de que é exagerada a posição de que houve uma influência direta e intencional da filosofia hegeliana na formação do fascismo. No entanto, ele reconhece, assim como Russell, que o pensamento totalitário se inspirou muito no estatismo hegeliano.

Mas a oposição a Hegel não espera por Russell e pelo século XX. Agora discutiremos o outro lado desse debate. Trata-se da posição de Leopold von Ranke. O professor Arno Wehling, da UFRJ, tem um artigo muito interessante, chamado *Em Torno de Ranke: A questão da objetividade histórica*³⁸. Nesse artigo, ele afirma que Ranke chegou a Universidade de Berlim opondo-se a teoria de história e do direito de Hegel. Enquanto Hegel buscava uma história metafísica, com uma lógica única para todas as épocas, Ranke dizia que isso era impossível. Pelo contrário, cada época e cada povo teriam suas próprias essências individuais. Além disso, Ranke também se opõe à visão generalista da história no âmbito metodológico. Ele dá ênfase ao trabalho direto com as fontes primárias e advoga uma história mais científica, por oposição à história metafísica. Dessa maneira, Wehling afirma que Ranke foi um dos mais importantes responsáveis pela instituição da parte empírica do método científico na história.

Mas a teoria de Ranke também tinha seus problemas. Segundo Wehling,

estalinismo invoca Hegel através de Karl Marx. Hegel não viveu para ver os frutos políticos dos seus seguidores, tendo morrido na primeira metade do XIX.

³⁷ Thomas Akehurst, “Bertrand Russell Stalks the Nazis”, *Philosophy Now*, Jul/Aug, 2013.

³⁸ WEHLING, Arno. *Em Torno de Ranke: A questão da objetividade histórica*. *Revista de História*, São Paulo, v. 46, nº 93, 1973. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131940>. Acesso em: 09 de Dezembro de 2017.

Ranke nunca se afastou por completo da interpretação dos fatos históricos. No entanto, muitos de seus estudantes se afastaram. Eles levavam ao pé da letra a famosa frase de Ranke que afirmava que a história devia “apenas mostrar como realmente aconteceu”³⁹. Inspirados pelo sucesso das ciências físicas e biológicas, seguidores de Ranke produziram uma história que se abstinha de interpretar. Esse movimento foi o motivador da crítica por parte de E. H. Carr⁴⁰ à frase de Ranke, reproduzida por Wehling em seu artigo:

"este aforisma não muito profundo teve um fulminante sucesso. Três gerações de historiadores alemães, ingleses e franceses marcharam para a batalha entoando as palavras mágicas *wie es eigentlich gewesen ist* como um sortilégio, destinado, como os sortilégios, a salvá-los da enfadonha preocupação de pensar por si mesmos”.

Desse modo, a tradição historiográfica ligada a Ranke seguiu um caminho de oposição à presença da metafísica na história em direção a um materialismo das fontes. Na questão “do que fazer? ”, essa posição levou a um afastamento do historiador das questões políticas em nome de certo “cientificismo”, terminando, na prática, por conter um forte caráter conservador. Podemos ver essa tendência já na introdução de seu livro *Histories of the Latin and Germanic Nations from 1494-1514*. Ali, Ranke afirma que “À história foi designado o encargo de julgar o passado e instruir o presente para o benefício

³⁹Note-se que uma tradução alternativa de “*eingentlich*” para a “verdadeiramente” ao invés do usual “de fato” abre precedente para uma interpretação diferente, já que “verdade” pode ter sentido de “verdade dos fatos” ou de “verdade do espírito da coisa”. Georg Iggers afirma que a verdadeira tradução da frase deveria ser “apenas mostrar como essencialmente aconteceu” dadas as ligações de Ranke com o Romantismo e o idealismo alemão. De qualquer forma, não foram essas as traduções hegemônicas e nem foram elas que influenciaram a criação do movimento intelectual em torno de Ranke.

⁴⁰CARR, E. H. *What is History?*. Londres: 1967, p.8-9.

das eras futuras. Esse livro não aspira a tão elevada missão”⁴¹. Além disso, Ranke se opõe ao conceito de progresso aplicado ao conhecimento histórico. Em uma série de aulas proferidas diante do Rei da Bavária em 1854, Ranke escreve “Todas as épocas estão próximas a Deus”. Veremos mais adiante como isso será incompatível com a teoria da história em Ortega e em Maravall.

Mas não foi só Ranke quem se opôs ao hegelianismo. Ainda na Alemanha, um dos antigos alunos de Hegel se volta contra sua filosofia seguindo também ele um caminho materialista: Karl Marx se opõe à metafísica na história criando sua própria teoria sobre o modo como a história se desenvolve. Em 1843, Marx escreve sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* – nunca chegando a publicar essa obra em vida. Nesse livro, Marx critica a origem metafísica da dinâmica histórica como fora proposta por Hegel partindo de uma crítica à religião. É nesse livro que se encontra a famosa frase “a religião é o ópio do povo”. Ele aponta diversos momentos em que a teorização de Hegel começa com abstrações e termina com teses que Marx considera inaceitáveis. Um dos argumentos mais interessantes do livro é o que trata da democracia⁴²: Marx aponta que Hegel considera a participação do sujeito no estado como uma abstração, porque é o momento em que o sujeito atua mais próximo em relação à Ideia, sendo essa a responsável pela dinâmica no estado. O resultado prático desse tipo de raciocínio, para Marx, é que a vida política fica separada da vida “real”⁴³ e a democracia não é recepcionada de forma

⁴¹RANKE, Leopold Von. *Histories of the Latin and Germanic Nations from 1494-1514*. Londres, GB: George Bell and Sons, 1887. Disponível em: <https://ia800202.us.archive.org/33/items/historyoflatinte00rankuoft/historyoflatinte00rankuoft.pdf>. Acesso em: 8 de janeiro de 2018.

⁴²MARX, Karl. *Critique of Hegel's Philosophy of Right*. Cambridge, RU: Cambridge University Press, 1970. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1843/critique-hpr/index.htm>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2018.

⁴³Devemos levar em consideração o conceito específico de Marx para a palavra “real”, expressa numa visão materialista da filosofia da história.

racional no direito, sendo relegada a mero formalismo. Conforme nossa definição de trabalho para “teoria” vemos que a crítica de Marx se dirige não só contra a teoria de Hegel no âmbito da lógica interna da argumentação, mas também contra os efeitos políticos dessa teoria da história.

Partindo dessa crítica à metafísica, Marx mantém a ideia de que as fases históricas se desenvolvem através de um esquema dialético. No entanto, esse esquema dialético não seria movimentado pela Ideia ou por nenhum princípio metafísico. Segundo Marx, a dinâmica histórica seria movimentada pelas próprias contradições internas da história; contradições essas de origem material, ou seja, ligadas a busca pela sobrevivência pelo homem. Dessa forma, a dinâmica da história seria baseada na luta entre as classes possuidoras dos meios de produção das condições materiais dessa sobrevivência e as classes que não os possuem. A consequência política dessa teoria da história marxista é que o objetivo da história seria a liberação das classes exploradas pelas classes possuidoras dos meios de produção. É interessante notar que Marx mantém vários princípios da teoria de Hegel, como a dialética e a liberdade como objetivos fundamentais do homem na história. No entanto, a alteração de um aspecto fundamental, o materialismo, muda o sentido político completamente. Por isso, Marx vê o estado absolutista como fase a ser superada através de revolução, ao contrário de Hegel, que o via como a realização máxima da história.

Na prática, porém, essa teoria da história teve resultados discutíveis. Maravall reconhece a importância da teorização marxista - por exemplo na introdução do próprio livro *Antiguos y Modernos* onde cita a *Ideologia Alemã*, de Marx, como um dos exemplos respeitáveis de teorização acerca do conceito de progresso. Além disso, Maravall chega mesmo a se aproximar de uma revista comunista na juventude, a *Nosotros*, onde publica poemas e artigos, além de lutar pelo lado republicano na Guerra Civil Espanhola, tendo

chegado ao posto de sargento⁴⁴. Por outro lado, Maravall e Ortega têm ojeriza aos efeitos políticos práticos do marxismo. Como já mencionado anteriormente, os movimentos de massa representados pelo fascismo e pelo comunismo são percebidos por Ortega como parte de um mesmo movimento permeando toda a civilização ocidental. E os dois movimentos são igualmente rejeitados.

Ortega e Maravall vão por um caminho alternativo tanto à teorização totalizante da história de Hegel quanto às críticas do materialismo marxista e do cientificismo positivista. Ao longo dos textos que lemos desses dois autores acerca da teorização da história pudemos ver uma tentativa de criar uma teoria que se afastasse do cientificismo que se abstém de interpretar, mantendo, porém, a validade do saber científico para as humanidades. Temos um exemplo muito característico deste esforço de manter interpretação e ciência juntos no livro de Maravall, *Teoria del Saber Historico*. Essa obra é dividida em duas partes: a primeira começa com um capítulo intitulado “*La situación actual de la ciencia y la ciencia de la Historia*” e a segunda termina com o capítulo final intitulado “*La Historia como liberación*”⁴⁵. Nesse sentido, os esforços de Ortega e de Maravall são herdeiros de um esforço anterior que também tentava compreender a história como ciência capaz de interpretar e que rejeitava o Hegelianismo e o materialismo: trata-se da tradição Kantiana de pensamento sobre a ciência. Foi a partir dessa tradição, e por vezes contra ela, que os pensamentos de Ortega e Maravall sobre a teoria da história se desenvolveram.

Ortega y Gasset se aprofunda nesta escola de pensamento em seus estudos de

⁴⁴FRESÁN CUENCA, Francisco J. Un ideólogo olvidado: el joven José Antonio Maravall y la defensa del Estado Nacional Sindicalista. Su colaboración en *Arriba*, órgano oficial de FET y de las JONS. 1939-1941. *Memoria y Civilización (MyC)*, Pamplona, Espanha, v.6, 2003, pp. 153-187.

⁴⁵MARAVALL, José Antonio. *Teoria del Saber Historico*. Madri: Editorial Revista de Occidente, 1958, pp. 7-8.

filosofia em Marburgo, onde entra em contato com o pensamento desenvolvido pelos filósofos responsáveis pelo movimento conhecido por neokantismo⁴⁶. Havia então uma tentativa de reconciliar o idealismo com a ciência, trazendo novas perspectivas para as ciências humanas. O livro *History of Materialism and Critique of its Present Importance* de Friedrich Albert Lange é muito significativo desse descontentamento com o materialismo e os caminhos que a teoria da ciência tinha tomado nos anos anteriores⁴⁷. Os principais nomes dessa escola e desse esforço intelectual do neokantismo em Marburgo foram Hermann Cohen - com seu livro seminal *Kants Theorie der Erfahrung*-, Paul Natorp e Ernst Cassirer. Como explica a *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, esse movimento teve muitas ramificações e muitas vertentes que por vezes divergiram entre si⁴⁸. Além da tentativa compartilhada que já citamos de um meio termo entre a ciência e o idealismo, esses pensadores também compartilharam características como a tentativa de racionalizar a religião e de estabelecer uma teoria da história que não reduzisse essa disciplina a uma ciência menor. Voltando à nossa definição de trabalho de “teoria”, esses filósofos também compartilharam algumas das consequências práticas de suas teorias, especialmente a visão que essa interpretação da história promovia da social democracia. Essa é a posição que Adam Przeworski, professor da Universidade de Chicago, trabalha no primeiro capítulo de seu livro *Capitalism and social democracy*^{49,50}. Dada essa pouca

⁴⁶CARVALHO, José Maurício de seria Jose Murilo. Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset. Londrina: Cefil, 2002.

⁴⁷LANGE, Friedrich Albert. “History of Materialism and Critique of its Present Importance”. Charleston, EUA: Nabu Press, 2010. A edição de 1923 da “English and Foreign Philosophical Library” está disponível online em: <https://ia801409.us.archive.org/3/items/historyofmateria03languoft/historyofmateria03languoft.pdf>. Acesso em: 1 de fevereiro de 2018.

⁴⁸HUSSAIN, Nadeem J. Z. e PATTON, Lydia. “Friedrich Albert Lange”, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Edição de Inverno de 2016), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/friedrich-lange/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

⁴⁹PRZEWSKI, Adam. *Capitalism and Democracy*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2012.

⁵⁰RESENDE, José. Em busca de uma teoria do sentido: Windelband, Rickert, Husserl, Lask e Heidegger. São Paulo: Editora da PUC – SP, 2013. O livro trata da situação dos pensadores

coesão interna do movimento, iremos nos concentrar nos pensadores e obras que influenciaram diretamente o objeto de nossa pesquisa.

Para melhor compreender a tradição de pensamento da qual fizeram parte Ortega y Gasset e seu aluno Maravall, a de Kant, precisamos traçar uma visão ampla, procurando identificar que partes da tradição Ortega segue, contra quais se rebela e o que é original de seu próprio pensamento acerca da teoria da história. Para isso, evocamos o pensador cujas perguntas e questionamentos acerca do ser humano como ciência despertaram Kant de seu “sono dogmático” – como escreve em *Prolegômenos a toda Metafísica Futura que se Pretenda Ciência* -, David Hume⁵¹.

David Hume foi um filósofo e historiador escocês do período do iluminismo, vivendo entre 1711-1776. Segundo artigo escrito por Sara Albieri, professora da USP, “David Hume: Filósofo e Historiador”, seus esforços na filosofia da ciência estão ligados de uma maneira geral com a tentativa de aplicar o novo método newtoniano da física nas ciências humanas – ou morais, nas palavras do tempo de Hume⁵². Esse projeto é muito amplo e atinge várias áreas do que hoje chamamos de ciências humanas, por isso procuramos dar um enfoque que seja útil na compreensão de como essa corrente de pensamento afetou o pensamento dos espanhóis do século XX que agora estudamos.

Newton havia criado leis em que relacionavam grandezas variantes que ele era capaz de medir com rigor científico (como a massa de um objeto) com constantes descobertas empiricamente (como a constante gravitacional). Dessa relação, ele tirava os

neokantianos após a ascensão do nazismo em 1933. O Autor, José Resende, afirma que a maioria desses pensadores era de origem judaica e tinha visões políticas próximas ao socialismo ou à social democracia, por isso a maioria deles foi perseguida, tendo que se exilar, enquanto que alguns poucos dos neokantianos de origem alemã se juntaram ao nazismo.

⁵¹ KANT, I. *Prolegomena to Any Future Metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pág. 10.

⁵² ALBIERI, Sara. David Hume: Filósofo e Historiador. *Revista de Ciências Sociais*. VOL. 9-N. 2, 2004-p. 19-3.

valores das forças que organizavam o universo. Hume queria adaptar esse método ao estudo das relações humanas, da história, psicologia, etc.; tudo o que naquela época era chamado de ciências morais. Albieri explica que Hume compreendia uma série de problemas nessa adaptação: era o caso, por exemplo, da impossibilidade de se isolar o objeto de estudo nas ciências humanas, para organizar experimentos controlados, por exemplo. No entanto, Hume cria alternativas próprias das ciências humanas para realizar essa adaptação. Nesse caso da impossibilidade de se isolar os objetos, por exemplo, Hume indica que devemos observar os seres humanos agindo na vida e também devemos observar os humanos agindo no passado, através da leitura da história. No lugar das variáveis dependentes dos objetos específicos da física (como por exemplo, a massa de um objeto, que é própria e precisa ser medida caso a caso), Hume colocava os acontecimentos, específicos de cada momento histórico, país ou pessoa, caso a caso (qualquer que fosse o objeto de estudo do cientista humano. Hume, por exemplo, faz uso de seu método quando escreve a sua *História da Inglaterra*; um país, “objeto de estudo” específico⁵³). Da mesma maneira, no lugar das constantes de Newton, Hume colocava o que chamou de Natureza Humana, que explora nos três volumes do *Tratado sobre a Natureza Humana*⁵⁴. Dessa forma, embora não se pudesse saber questões específicas sobre os ingleses de 400 anos atrás diretamente, podia-se aplicar sobre eles os conhecimentos sobre a natureza humana que compartilhavam com o os ingleses do tempo de Hume ou com qualquer outro povo que tivesse deixado uma história escrita da qual se pudesse depreender lições sobre a natureza humana. Essa é uma forma revolucionária de

⁵³HUME, David. *The History of England: from the Invasion of Julius Caesar to The Revolution in 1688*. Indianápolis, EUA: Liberty Classics, 1983 (baseado na edição de 1778). Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/titles/hume-the-history-of-england-6-vols>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2018.

⁵⁴HUME, David. *Treatise on Human Nature*. Disponível pelo projeto Gutenberg em: https://www.gutenberg.org/files/4705/4705-h/4705-h.htm#link2H_PART21. Acesso em: 2 de fevereiro de 2018.

pensar e fez parte daquele divisor de águas nas ciências que foi o iluminismo. Essa revolução será sentida em outros pensadores, especialmente Kant, que analisaremos mais adiante.

Esse modo de pensar, relacionando constantes e variáveis, sejam eles números ou fatos sociais, tem raízes no pensamento algébrico, que relaciona elementos conhecidos para descobrir elementos desconhecidos. É importante notar que, até onde estudamos, Hume não diz isso de seu método. Isso é o que compreendemos dele, um ponto de vista para poder entender a influência de Hume em uma tradição de pensamento que chega até o autor do livro principal desse estudo, Jose Antonio Maravall. Acreditamos que a partir desse ponto de vista se possa entender algumas questões de pensadores que se agregam a essa tradição sem necessariamente concordar totalmente com ela. Esse “ponto de vista algébrico”, que não é o principal ponto de vista sobre esses pensadores e não pretende sê-lo, também nos ajuda a entender melhor esse debate que temos discutido. Do lado do cientificismo, vemos uma ênfase dada às variáveis, como atesta exemplarmente a frase de Ranke, “todas as épocas estão próximas a Deus”. Do lado do Hegelianismo, vemos a ênfase dada mais às constantes, a determinação totalizante do espírito na história. Acreditamos que a tradição de pensamento que Hume inicia no iluminismo segue o meio termo em relação a constantes e variáveis, tanto pela sua herança newtoniana, que discutimos acima, quanto pela sua herança do ceticismo (já que ela não coloca nem um dos lados com preponderância sobre o outro, mas permanece crítico à ambos). Essa atitude vai aparecer muito clara em Kant nos seus estudos sobre o pensamento, “despertado” pelos ensinamentos de Hume, que analisaremos a seguir.

Kant começa seu programa filosófico pela crítica. Essa atitude é exposta em

seu artigo *O que é o Iluminismo?*⁵⁵. Nele, o autor explora a capacidade do homem de pensar por si mesmo, em que compara uma pessoa que se abstém de criticar apoiada na razão a um menor de idade. Kant escreve suas “três críticas”⁵⁶ e as publica entre 1781 e 1790. Nessas obras ele estabelece seu programa filosófico baseado na investigação da possibilidade da metafísica. Essas obras são uma tentativa de entender os limites do conhecimento no campo da razão e também no campo da moral e na relação estabelecida entre essas duas esferas. Segundo Kant, em *Crítica da Razão Pura*⁵⁷, a ciência tem uma dualidade interessante. Ela não poderia ser dependente apenas daquilo que ele chama juízos analíticos, isto é, daquilo que não depende da experiência. Se assim fosse, a ciência diria sempre a mesma coisa. Por outro lado, se a ciência fosse dependente apenas de juízos sintéticos, ou seja, daquilo que depende de experiência, ela não passaria da constatação de hábitos. Kant afirma que o conhecimento científico vem da relação entre as impressões dos sentidos e de certas categorias mentais *a priori*, como a ideia de causalidade, o tempo e o espaço.

Essa é a resposta que Kant dá ao problema colocado por Hume. Embora diverjam em vários aspectos, há uma semelhança muito importante no que toca ao ponto de vista que expusemos acima sobre a obra de Hume. Kant reafirma o tipo de pensamento sobre a ciência humana (ou ciência moral, sobre o ser humano) que Hume inicia com a adaptação das inovações de Newton para o campo das humanidades. Kant mantém a ideia de que o conhecimento científico sobre o homem nasce do relacionamento de constantes e variáveis. As constantes de Kant são, por exemplo, as categorias do pensamento

⁵⁵KANT, Immanuel. *O que é iluminismo?* Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kant/1784/mes/resposta.pdf>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018.

⁵⁶*Crítica da Razão Pura* (1781), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica do Juízo* (1790).

⁵⁷KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Editora Acrópolis, 2008. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kant/1781/mes/pura.pdf>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018.

expostas na *Crítica da Razão Pura* ou o imperativo categórico exposto na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*⁵⁸. As variáveis são os fenômenos com os quais nos deparamos, os diferentes objetos de estudo, legislações, religiões e etc., ou seja, tudo que pode ser analisado pela razão. Kant afirma dessa maneira que o conhecimento científico não vem de nenhum desses polos primariamente, mas surge da relação entre eles, não existe preponderância de um sobre outro⁵⁹. Essa “resposta” foi responsável por aquilo que Kant chamou de revolução copernicana da filosofia e é iniciadora de uma tradição que chega até Ortega y Gasset. Os continuadores/críticos do programa filosófico de Kant, já no século XIX e início do XX, deram início ao movimento chamado neokantismo. É sobre ele que nos debruçamos agora.

Há um artigo do professor da Universidade de Cornell, Andrew Chignall sobre o neokantismo, *Introduction: on going back to Kant*⁶⁰. Segundo Chignall, em 1865, Otto Liebmann publica um livro intitulado *Kant e seus Epígonos*. Cada um dos capítulos terminava com a frase “Por isso, é necessário voltar a Kant”. Esse foi um marco do movimento que começara alguns anos antes de retorno a filosofia de Kant em meio ao debate entre Hegelianos e Materialistas e Positivistas que temos discutido acima. Chignall descreve esse momento da seguinte maneira:

“*Liebmann’s jeremiad [é necessário voltar a Kant] expressed the frustration of many German philosophers with the excesses of absolute idealism and at the same time their unwillingness to collapse theoretical philosophy into the empiricist program of someone like J. F. Fries or the*

⁵⁸KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.

⁵⁹Comparar com a relação entre natureza humana e história em Hume.

⁶⁰CHIGNELL, Andrew. *Introduction: on going back to Kant*. *The Philosophical Forum*, Boston, EUA, v. 39, n. 2, pp. 109-124, junho de 2008.

psychologism of a J. F. Herbart.”⁶¹

Vemos, novamente, essa tentativa de encontrar um meio termo.

A obra de Ernst Cassirer se mostra a de maior interesse dentre as produções do neokantismo para o estudo que fazemos nessa dissertação. Cassirer trabalha muitas áreas da filosofia do conhecimento. Ele busca a fundamentação da epistemologia relacionada a muitas áreas, como a filosofia da matemática e da ciência natural⁶² -- como em *Substance and Function*, publicado em 1910⁶³. Mais tarde, Cassirer também vai procurar tal fundamentação para as ciências humanas. Ao contrário de Kant, Cassirer argumenta que as categorias do pensamento são históricas. Isto é, para Cassirer, as categorias transcendentais, que tornam o homem capaz de dar sentido ao que lhe é entregue pelos sentidos, não são apriorísticas, mas sim transformadas ao longo do tempo por forças culturais. É nesse sentido que Cassirer caracteriza o homem de “animal simbólico” em sua obra *Filosofia das formas simbólicas*⁶⁴. Essa aproximação da filosofia pós-kantiana com a questão simbólica - principalmente na colocação dos símbolos como as constantes para a formação do conhecimento científico – sugere influências da psiquiatria e da psicologia. Lembramos, é claro, do trabalho desenvolvido por Carl Jung quando ele trabalha os arquétipos enquanto “constantes” que evoluem segundo a cultura.

⁶¹CHIGNELL, Andrew. Introduction: on going back to Kant. *The Philosophical Forum*, Boston, EUA, v. 39, n. 2, pp. 109, junho de 2008.

⁶²É interessante notar a preocupação dos filósofos dessa corrente de pensamento com a necessidade de uma epistemologia que desse conta das diferenças entre ciências humanas e exatas e também com as comunicações entre esses dois campos do conhecimento. Hume investigou as possibilidades do método da física de Newton na ciência humana; Kant investiga uma epistemologia geral que dê conta dos; um dos temas do neokantismo em von Helmholtz e Lange foi a tentativa de investigar como as novidades da neurologia poderiam ajudar a explicar as categorias do pensamento; por fim, em Ortega e Maravall houve uma tentativa de entender quais seriam as implicações da física moderna do tempo de Einstein e depois da física quântica no campo das humanidades.

⁶³CASSIRER, Ernst. *Substance and Function*. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1923. (Publicado originalmente em 1910)

⁶⁴CASSIRER, Ernst. *Filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Cassirer escreve em *Filosofia das formas...*:

“For what it is seeking is not so much common factors in being as common factors in meaning. Hence we must strive to bring the teachings of pathology, which cannot be ignored, into the more universal context of the philosophy of culture”.

A aproximação com esse tipo de teoria psicológica que trabalha signos culturais interessa ao estudo nessa dissertação. Veremos mais adiante como esse caminho interpretativo leva a outra tradição de teorização da história seguida por Maravall na escrita de *Antiguos y Modernos*, aquela iniciada por Giambattista Vico ainda no século XVII. Em Cassirer, essa aproximação trouxe uma abertura para a historicidade das categorias do pensamento. Veremos agora como tal concepção de historicidade aparece em Ortega y Gasset.

Ortega escreve sobre o neokantismo, sobre sua formação em filosofia na escola de Marburgo e sobre o modo como ele se volta contra alguns aspectos dessa formação em vários artigos. Ele têm um artigo especificamente sobre Kant em que diz “Durante dez anos vivi dentro do pensamento kantiano: eu o respirei como uma atmosfera, e ele foi minha casa e minha prisão”⁶⁵. Ortega critica o pensamento kantiano, e germânico em geral, por dar uma ênfase grande demais ao “eu” separado da sua circunstância. Nesse sentido, Ortega aprofunda a historização das categorias do pensamento.

José Maurício de Carvalho, professor da UFSJ e estudioso da obra de Ortega, escreveu um artigo relevante acerca do tema. Em *Razão Histórica e Razão Vital e o Problema do Conhecimento em Ortega y Gasset*, o professor explica, através da análise

⁶⁵ORTEGA Y GASSET, José. *KANT*, in *Obras Completas*. Madri: Revista de Occidente, tomo IV, 1947, páginas 23-59.

de alguns artigos de Ortega, a evolução da resposta que Ortega dá a esse problema do pensamento que se volta demais sobre si mesmo. Vale lembrar, por exemplo, das críticas que Kant sofre sendo acusado de solipsista, ou seja, de tornar impossível o conhecimento de coisas externas ao “eu”. Para Ortega, a saída passa por uma razão que busca seus fundamentos na “vida” e não apenas em si mesma. É o que Ortega chama de Razão Vital. Além disso, José Maurício de Carvalho afirma que Ortega também trabalha as variações da vida através das transformações históricas. Dessa maneira, a fundamentação da razão mudaria conforme mudam os tempos. É o que ele chama de “Razão Histórica”. Podemos ver que Ortega aprofunda a historização das categorias de pensamento dando uma importância significativa à circunstância do ser que conhece. Veremos mais adiante como esse pensamento abriu um caminho para os estudos de história em Maravall, que analisamos a seguir.

Por fim chegamos ao trabalho desenvolvido por Jose Antonio Maravall Casesnoves. Como já mencionamos anteriormente Maravall foi aluno e seguidor de Ortega y Gasset, assim, esteve em contato próximo com esses desenvolvimentos do período final do neokantismo. Além disso, Maravall escreve em *Teoria del Saber Historico* sobre outras leituras que realizou do trabalho de figuras envolvidas com o neokantismo como Wilhelm Dilthey – com quem compartilha a preocupação com a cientificidade no tratamento das relações causais na história - e em especial Max Weber⁶⁶. Maravall chega a comparar a pesquisa que ele próprio realiza em *Teoria del Saber...* com aquela realizada por Weber na criação do seu “tipo ideal”. Ele reconhece que Weber parte da historização da categoria de pensamento de Kant para criar essa ferramenta epistemológica, abrindo assim caminhos de interpretação sociológica. Voltando ao ponto

⁶⁶MARAVALL, J. A. C. *Teoria del Saber Historico*. Madri: Editorial Revista de Occidente, 1967, p. 25.

de vista do pensamento algébrico, com o qual iniciamos a análise dessa tradição de pensamento, Weber usa o tipo ideal, uma abstração, como constante para poder analisar e comparar várias sociedades e épocas diferentes, as variáveis⁶⁷. Em “*Teoria de Saber...*”, Maravall diz não estar satisfeito ainda com as soluções apontadas por Weber, além de outros historiadores. Para ele, a história é a ciência mais próxima das variáveis, e por isso sua teorização deve levar essa proximidade em consideração. Por isso, ele parte para a conceituação de seu próprio ferramental teórico, com o conceito de “conjunto histórico”.

Em primeiro lugar é necessário esclarecer o papel da escrita de *Teoria del Saber Histórico* no conjunto da obra de Maravall. O historiador da Universidad Complutense de Madrid, Antonio Elorza, escreve um artigo analisando a produção historiográfica de Maravall em ordem cronológica e aponta para uma informação importante acerca desse papel. Em *El Historiador en la Historia* ele faz o seguinte comentário⁶⁸:

“En los primeros libros, de los años 1940 y 1950, se aprecia ya su espléndida capacidad como lector, la intención de enlazar todo texto con el marco político en que surge, pero sobra quizás valoración de lo concreto y la historia de las ideas aparece como algo desligado del proceso social. De haber proseguido esta línea, hubiese sido lo que llamaríamos un autor de referencia, pero no ocuparía el lugar que hoy le pertenece en la historiografía española. En “Las Comunidades de Castilla” (1963) y “El mundo social de la Celestina” (1964), la imaginación del historiador comienza a actuar a fondo

⁶⁷Esse tipo de trabalho com as constantes criado por Weber atinge uma expressão muito interessante em Sérgio Buarque de Holanda, em “Raízes do Brasil”, por exemplo. O par “Semeador – Ladrilhador” proposto por Sérgio é uma abstração histórica, já que parte da análise do comportamento histórico de dois povos, e dá um ponto de partida epistemológico importante, já que abre caminhos para comparar e analisar cidades distintas como Buenos Aires, na Argentina e Salvador, no Brasil.

⁶⁸ELORZA, Antonio. *El Historiador en la Historia*. El País, Madri, 20, Dezembro de 2006. Cultura. Disponível em: https://elpais.com/diario/2006/12/20/cultura/1166569205_850215.html. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

al integrar la historia de las ideas. A partir de ese momento las reflexiones expuestas inicialmente en su “Teoría del saber histórico” (1958) comienzan a rendir frutos. Maravall regresa una y otra vez al mundo ideológico y rural de la España del antiguo régimen y elabora un análisis cada vez más complejo del pensamiento político. De ahí la impresión de constante rejuvenecimiento que transmite su obra. El prólogo de “La cultura del Barroco” (1975) aporta suficientes datos para entender cómo en Maravall el trabajo histórico no era acumulación de hechos. Es así como su temprano interés por la historia de las mentalidades desemboca en “Estado moderno y, mentalidad social” (1972).

A partir de nossas leituras das obras de Maravall nos vemos inclinados a concordar com Antonio Elorza. Foi depois da escrita de *Teoria del Saber...* que Maravall publica aquelas que consideramos suas obras mais significativas. É a aplicação do conceito de *conjuntos históricos* proposto em *Teoria del Saber...* que torna possível a análise feita pelo autor em *Antigos e Modernos* e *A Cultura do Barroco*. Esses livros tratam de dois conjuntos históricos que se sucedem: o Renascimento e o Barroco. Neles, Maravall não vai em busca de uma constante cultural, como, por exemplo, o “Ladrihador e o Semeador” de Sérgio Buarque de Holanda; ele busca a constante na *forma* da transformação histórica. No caso do Barroco, por exemplo, é a forma da configuração e expansão da “sociedade de massas”, comparando a forma dessa transformação com aquela descrita por Ortega y Gasset em sua obra *A Rebelião das Massas*. Segundo Maravall esse conceito que está propondo, o “conjunto histórico”, dá sentido aos fatos da mesma maneira que o conjunto da espécie ou grupo de animais dá sentido ao comportamento de um indivíduo desse grupo. Ele cita uma frase de Ortega que exemplifica essa perspectiva⁶⁹:

⁶⁹MARAVALL, J. A. C. *Teoria del Saber Historico*. Madri: Editorial Revista de Occidente, 1967, p. 86.

“Que el hecho de la muerte de César sólo es históricamente real, es decir, solo es lo que en verdad es, solo está completo cuando aparece como manifestación momentánea de un vasto proceso vital, de un fondo orgánico amplísimo que es la vida toda del pueblo romano. Los hechos son solo datos, indicios, síntomas en que aparece la realidad histórica”⁷⁰

Maravall segue essa posição de Ortega ao dizer que o objeto do conhecimento da história – ou seja, aquilo que é único e conhecível - é a transformação da qual os fatos são parte e da qual os fatos são indícios:

“Lo individual de la historia no está en el dato aislado, sino en la conexión irrepetible en que se da. Lo individual es el conjunto; el hecho histórico no es un dato, es un encadenamiento. La singularidad de la historia es la singularidad del conjunto...”⁷¹

Em “*Teoria...*”, Maravall fala desse conceito durante um capítulo inteiro, mas essa frase que citamos é especialmente importante para a pesquisa que realizamos aqui. Por um lado, ela define de maneira simples um conceito complexo que ele desenvolve e exemplifica mais adiante; por outro, fica expresso nessa frase o tipo de pensamento “algebrico” que Maravall recebe da tradição neokantiana e da releitura de Ortega. Ele não coloca a formação do conhecimento nem nos fatos puros, nem em uma teoria prévia que dê sentido aos fatos, mas sim na junção dos dois em um objeto de conhecimento novo. Note-se a semelhança entre o esquema de variáveis (fatos), constantes (forma da transformação histórica) e a formação de conhecimento no *conjunto histórico*.

Essa é a forma que Maravall trabalha dentro da tradição neokantiana e orteguiana de historização das categorias de pensamento. A ideia de colocar a

⁷⁰ORTEGA Y GASSET, J. *Obras completas*. Madri: Taurus, 2017.

⁷¹MARAVALL, J. A. C. *Teoria del Saber Historico*. Madri: Editorial Revista de Occidente, 1967, p. 86.

transformação como constante é muito complexa e à primeira vista até mesmo contraditória. Mais adiante, iremos analisar a obra *Antigos e Modernos* mais de perto e poderemos ver a aplicação desse conceito mais próxima ao trabalho com as fontes. No entanto, antes disso, acreditamos que seja necessário investigar um pouco a história dessa ideia para não nos perdermos nos seus detalhes e aparentes contradições. Essa ideia não era nova, mas carregava séculos de trabalho intelectual.

Em 1725, o historiador e filósofo italiano Giambattista Vico publica sua obra mais conhecida, *Ciência Nova*. Nessa obra, Vico expõe seu novo método para o estudo das ciências humanas. Para começar a abordar a obra desse filósofo da história no que ele tem de relevante para a pesquisa desta dissertação é interessante lermos o que Alexander U. Bertland, professor da Niagara University e especialista na obra de Vico, escreve em um de seus artigos sobre a obra do filósofo italiano⁷²:

*“Giambattista Vico is often credited with the invention of the philosophy of history. Specifically, he was the first to take seriously the possibility that people had fundamentally different schema of thought in different historical eras. Thus, Vico became the first to chart a course of history that depended on the way the structure of thought changed over time.”*⁷³

Em nossa leitura da *Ciência Nova* de Vico pudemos ver que ele realmente dá essa atenção maior ao modo como a transformação opera ao longo da história⁷⁴. Para compreendermos essa preocupação do autor temos de nos recordar que essa obra foi escrita em 1725 como reação ao cartesianismo. Vico reagia contra a proposição de Descartes de que a ciência devia tratar apenas de fenômenos que dessem a possibilidade

⁷²BERTLAND, A. U. *Giambattista Vico (1668—1744)* in IEP. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/vico/>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.

⁷³Note a importância dada por Vico à forma da transformação histórica.

⁷⁴VICO, Giambattista. *Princípios de ciência nova: acerca na natureza comum das nações*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

de se atingir um conhecimento exato sobre eles, deixando assim as humanidades de fora do pensamento científico. Vico reage a isso com o conceito de “verum-factum”, pelo qual afirma uma ideia complexa de que a ciência humana tem um tipo diferente de verdade a ser atingida daquela da ciência exata, com diferentes possibilidades de conhecimento⁷⁵. A partir dessa proposição, Vico cria os conceitos de “corso” e “ricorso”, que poderíamos traduzir como curso e recurso, assim como aponta a tradução usada na coleção “Os Pensadores”⁷⁶, ou como fluxo e refluxo. Esse é o par de conceitos que vai criar uma tradição de pensamento que chega até Maravall. Vico argumenta que, embora as sociedades sejam diferentes em muitos aspectos, o modo como elas se transformam e as fases pelas quais passam tem uma lógica que nos é acessível através do estudo da história. A partir daí essa teoria pode ser interpretada de duas formas principais. Uma interpretação mais rasa acusa Vico de produzir apenas uma história cíclica à moda dos autores clássicos, como Políbio. Outra interpretação compreende que, embora o processo de transformação seja semelhante, a situação histórica com a qual esse processo começa e os seus produtos são diferentes entre si e por isso mantém-se a identidade de cada época histórica, inclusive com espaço para ideias como progresso, já que as transformações de um período permanecem afetando os períodos posteriores. Essa segunda interpretação é a favorecida por autores como Isaiah Berlin, que em *Vico e Herder* faz uma exposição interessante do trabalho intelectual de Vico⁷⁷.

Há um livro relevante para nossa pesquisa, chamado *The Legacy of Vico in Modern Cultural History* que trata do caminho que os conceitos de Vico fizeram na

⁷⁵Na Ciência Nova, Vico afirma que os seres humanos criaram a sociedade civil, por isso podem conhece-la enquanto criadores. Essa possibilidade não estaria aberta às ciências exatas porque ela investiga a natureza, que não foi criada por seres humanos.

⁷⁶VICO, G. Princípios de (uma) Ciência Nova: acerca da natureza comum das nações. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores)

⁷⁷BERLIN, Isaiah. Vico e Herder. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

formação da história cultural⁷⁸. O primeiro capítulo desse livro trata de um autor que também viu o potencial interpretativo da obra de Vico, Jules Michelet, cuja influência chega à Maravall através de Jacob Burckhardt. Michelet descobre Vico em 1825. Em 1835 publica uma tradução de obras escolhidas de Vico⁷⁹. É possível compreender esse interesse do historiador pela obra de Vico dado que suas preocupações intelectuais têm muito em comum. Há um livro sobre teoria da história escrito pelo historiador, ensaísta e crítico literário Edmund Wilson que trata, entre outros assuntos, dos projetos intelectuais do jovem Michelet. Nele, o autor lista alguns dos objetivos do historiador francês: uma série de estudos filosóficos sobre poetas; o caráter dos povos como revelado por seus vocabulários e uma história misturada com filosofia “já que elas se completam”⁸⁰. São temas correlatos aos temas da história através da filologia e da filosofia explorados por Vico em *Ciência Nova*. Veremos mais tarde, já no período compreendido entre 1833-1841, a publicação da obra prima de Michelet, *História da França*. Nessa obra os temas que descobre em Vico aparecem já amadurecidos e aplicados à história francesa. É no sétimo volume desse livro que esse autor cunha pela primeira vez a expressão “Renascimento” enquanto período histórico. Trata-se de um esforço de investigação da história de um povo através dos seus caracteres culturais, assim como Vico havia proposto. Dessa maneira, Michelet não apenas dá fôlego à história cultural; cria a ideia de Renascimento – hoje tão importante na historiografia –, mas também recobra os ensinamentos de Vico, um esquecido filósofo de Nápoles, trazendo-os para o ofício do historiador moderno. Veremos agora como esse conceito foi utilizado pelos historiadores

⁷⁸MALI, Joseph. *The Legacy of Vico in Modern Cultural History: From Jules Michelet to Isaiah Berlin*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012

⁷⁹VICO, Giambattista; MICHELET, Jules. *Oeuvres Choisies de Vico*. Paris: Nabu Press, 2010.

⁸⁰WILSON, Edmund. *To the Finland Station: A Study in the Writing and Acting of History*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1972. Disponível em: <http://people.duke.edu/~dainotto/Texts/finlandstation.pdf>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

que seguiram Michelet.

Um dos historiadores a seguir o ímpeto dado por Michelet a essa tradição de pensamento foi Jacob Burckhardt. O livro *O Renascimento*, da historiadora Tereza Aline Pereira Queiroz, professora da FFLCH-USP, discute o impacto que a forma de fazer história e os conceitos de Michelet tiveram em Burckhardt⁸¹:

“Embora a obra [volume 7º de História da França] trate sobretudo da invasão da Itália pelos franceses em 1494, Michelet utiliza a introdução do volume para caracterizar o período do ponto de vista cultural e espiritual. Contrapondo-se à agonia da Idade Média, incapaz de absorver as grandes tentativas de liberação criativa de Dante, Petrarca e outros, teria surgido a Renascença. [...]”

A retórica da ruptura, da dualidade vida e morte, do contraponto monstruosidade e racionalidade, utilizada por Michelet para distanciar os séculos XIII e XIV do século XVI, encontrou um leitor fervoroso em Jacob Burckhardt.

[...] Burckhardt resolveu desenvolver esse tema numa obra que seria lançada em 1860 com o título *A Civilização do Renascimento na Itália*. ”

Se, em *História da França* de Michelet, a história cultural e a ideia de Renascimento são focadas apenas na introdução do livro sétimo, com Burckhardt esses temas são o assunto principal. Em *A Civilização do Renascimento na Itália* o tema do Renascimento tem sua primeira exposição de peso. Segundo artigo do historiador Brian Vickers, da University of London, Burckhardt foi o responsável por colocar em ampla circulação a frase de Michelet que caracterizava o Renascimento como tendo feito a “descoberta do mundo e a descoberta do homem”. Ou seja, Burckhardt teria sido o

⁸¹QUEIROZ, Tereza Aline Pereira. “O Renascimento”. São Paulo: Edusp, 1995, p. 12.

responsável por espalhar e aprofundar a ideia de que o Renascimento teria sido um ponto de viragem na cultura ocidental, entre a Idade Média – com valor inferior – e a idade moderna – que supera a fase anterior ao mesmo tempo em que remete ao um período antigo e de valor também positivo⁸².

Carlos Antônio Leite Brandão, professor da UFMG, em seu livro *Quid tum?: o combate da arte em Leon Battista Alberti* nos lembra que a palavra “Renascimento” tem suas raízes na “*rinascita*”, como podemos ler na *Vite* de Vasari (1511-1574) e em outros autores do período. Embora a palavra fosse usada no próprio período do Renascimento, esse uso se referia a um movimento estético da poesia, da pintura, escultura, etc. que se opunha à estética medieval⁸³. São Michelet e Burckhardt - trabalhando na tradição da história cultural de Giambattista Vico - que fazem do vocábulo um conceito para entender não apenas transformações no campo estético, mas em toda a sociedade do ocidente na passagem do período medieval para o período moderno. Em nossa leitura de *A Civilização do Renascimento...*, podemos ver esse empenho em descobrir uma transformação profunda afetando todas as áreas, a partir dos signos culturais. Também vemos esse procedimento em “*Antiguos y Modernos*” de Maravall, em que ele busca as profundas alterações da sociedade espanhola e europeia durante o Renascimento a partir da produção, principalmente literária, dos autores espanhóis do período dos descobrimentos. O professor Guilherme Simões Gomes Júnior, da PUC de SP, traça alguns comentários muito interessantes no prefácio que escreve para o livro *A*

⁸²VICKERS, Brian. Jakob Burckhardt's Idea of the Renaissance, in Research Gate, 2016.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/28110053_Jakob_Burckhardt%27s_Idea_of_the_Renaissance. Acesso em: 28 de fevereiro de 2018. Esse artigo é interessante porque trata desde a concepção da ideia de Renascimento em Michelet e seu uso por Burckhardt até às críticas do pós-modernismo ao vocábulo “Renascimento”.

⁸³BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. *Quid tum?: o combate da arte em Leon Battista Alberti*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

Cultura do Barroco de Maravall⁸⁴:

“O Problema de Maravall é mais precisamente a Renascença espanhola e suas vicissitudes.

Neste sentido há que vê-lo como legítimo herdeiro da tradição constituída por Burckhardt. Não na consideração da História enquanto arte, mas no procedimento que valoriza o “corte transversal” que, no século XX, aproximaria a História das outras ciências sociais em constituição e reduziria no discurso histórico a parte estritamente narrativa. Além disso, herdeiro do mestre suíço no esforço da constituição da ideia renascentista, retomando inclusive certos aspectos controvertidos que são centrais em “*A Cultura do Renascimento na Itália*”.

Dessa forma, chegamos à própria obra de Maravall. Antes de nos aprofundarmos no seu texto propriamente dito, faremos uma pequena esquematização para compreender como essas duas tradições, neokantismo e história cultural, se encaixam desde Vico.

Da tradição kantiana da teoria da formação do conhecimento, Maravall traz o que chamamos de “pensamento algébrico”: a formação do conhecimento se dá no encontro das constantes (categorias de pensamento) com as variáveis (fatos históricos) formando assim o objeto de conhecimento do historiador, o “conjunto histórico”. Da tradição neokantiana de Marburgo e de Ortega em especial, Maravall traz a necessidade de historização das constantes, dando ênfase à transformação e às formas de transformação (essa forma será mais bem explicada nos parágrafos seguintes com a introdução da conceituação dessa transformação que o próprio Maravall escreve a partir das fontes que estuda).

⁸⁴MARAVALL, J. A. C. *A Cultura do Barroco*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 14.

Da tradição da história cultural de Vico e Burckhardt, Maravall traz as formas assumidas por essa transformação, particularmente nos conceitos ligados à ideia de “Renascimento” e nas técnicas de história cultural. Veremos mais adiante como Maravall irá estudar temas como “*teorias progresivas*”, “*concepción dinámica del tiempo*” durante o Renascimento – que podemos comparar à visão otimista do Renascimento de Burckhardt e Michelet ou mesmo ao “curso” da civilização como visto por Vico – e depois como ele estuda o “fechamento” desse período durante o Barroco – comparável ao “ricorso” da civilização de Vico e à instituição da cultura massiva em Ortega – em que as forças de inovação e progresso são estranguladas pelas estruturas de poder durante o imperialismo dos “Áustrias”.

Veremos agora como essa teorização dá lugar à escrita de Maravall quando ele compõe essa interpretação do *Siglo de Oro* espanhol: Renascimento-Abertura e Barroco-fechamento. Esses são os dois “conjuntos históricos”, que formam a sua interpretação. Nos próximos parágrafos faremos uma visão panorâmica dessa construção.

Como argumentamos anteriormente, a potencialidade interpretativa no trabalho de historiador de Maravall floresce após a escrita de *Teoría del Saber Histórico*. Dentre suas obras das quais tivemos notícia, propomos uma seleção daquelas que tratam desse período. A análise dessas obras ajudará a compreender como Maravall delineia essa sua interpretação.

- 1958 - *Teoría del saber histórico*
- 1959 - *Ortega en nuestra situación*
- 1960 - *Menéndez Pidal y la historia del pensamiento*
- 1960 - *Velázquez y el espíritu de la modernidad*
- 1960 - *Carlos V y el pensamiento político del Renacimiento*

- 1963 - *Las Comunidades de Castilla. Una primera revolución moderna*
- 1964 - *El mundo social de "La Celestina"*
- 1966 - *Antiguos y modernos. La idea de progreso en el desarrollo inicial de una sociedad*
- 1972 - *Estado Moderno y mentalidad social: siglos XV al XVII*
- 1972 - *La oposición política bajo los Austrias*
- 1972 - *Teatro y literatura en la sociedad barroca*
- 1975 - *La cultura del Barroco. Análisis de una estructura histórica*

A escrita das obras *Teoría del saber histórico, Ortega en nuestra situación e Menéndez Pidal y la historia del pensamiento*⁸⁵ aponta para um período de preocupação profunda com a teoria da história. Ao longo dessas obras, Maravall organiza muitas das referências que recebe, organiza seus pensamentos sobre metodologia e estabelece seus objetivos enquanto historiador. Ali vemos como o trabalho com a teoria leva Maravall à uma nova perspectiva com possibilidades interpretativas muito interessantes.

No período logo após a publicação dessas obras podemos constatar a progressão da interpretação histórica de Maravall para o chamado “*siglo de oro*”. Esse período começa a ser explorado em *Velázquez y el espíritu de la modernidad*⁸⁶; um texto que busca na Espanha Renascentista os caminhos que a modernização tomou através da história da cultura e vê no pintor Velásquez um dos fundadores da modernidade. Maravall argumenta que a pintura de Velásquez trazia um forte caráter individualista, característico

⁸⁵MARAVALL, J. A. C. *Menéndez Pidal y la Historia del Pensamiento*. Madri: Arion Editorial, 1960.

⁸⁶MARAVALL, J. A. C. *Velazquez y el espíritu de la modernidade*. Madri: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 1999.

do homem moderno. Em *Carlos V y el pensamiento político del Renacimiento*⁸⁷, o autor volta a trabalhar os temas do estado e da teoria política que já vinha trabalhando em suas obras anteriores, porém agora já focado na compreensão do *conjunto histórico* do Renascimento. Em *Las Comunidades de Castilla. Una primera revolución moderna*⁸⁸, Maravall parte do trabalho realizado sobre a teoria política do início da modernidade e argumenta que a *Guerra de las Comunidades de Castilla* – conflito armado ocorrido entre 1520-22 – teria sido uma das primeiras revoluções modernas. Essa posição foi duramente criticada, já que a comunidade historiográfica ainda não chegara a um consenso sobre o caráter dessa guerra. Alguns, como Joseph Pérez veem essa revolta como precursora das revoltas burguesas⁸⁹, outros, como o grupo ligado ao franquismo, a relegam a uma revolta comparável aos nacionalismos separatistas da Espanha moderna. Em *El mundo social de "La Celestina"*, Maravall continua pesquisando a história cultural do período renascentista, através da análise de *La Celestina*, uma obra que, segundo ele, marcou a divisão entre a literatura medieval e a moderna:

“A través de un problema elegido con gran acierto, *La Celestina* nos presenta el drama de la crisis y transmutación de los valores sociales y morales que se desarrolla en la fase de crecimiento de la economía, de la cultura y de la vida entera, en la sociedad del siglo XV”⁹⁰.

Por fim, é em *Antiguos y Modernos: La idea de progreso en el desarrollo inicial de una sociedad* que Maravall configura o *conjunto histórico* do Renascimento espanhol como um todo. Maravall foca o modo como a mentalidade espanhola se

⁸⁷MARAVALL, J. A. C. *Carlos V y el pensamiento político del Renacimiento*. Madri: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 1999.

⁸⁸MARAVALL, J. A. C. *Las Comunidades de Castilla. Una primera revolución moderna*. Madri: ALIANZA EDITORIAL, 1994.

⁸⁹PÉREZ, Joseph. *Los Comuneros*. Madri: La Esfera de los Libros, 2001.

⁹⁰MARAVALL, J. A. C. *El mundo social de "La Celestina"*. Madri: Editorial Gredos, 1964, p. 18.

transformou durante o período, com destaque para o surgimento de conceitos como *avance* e a experiência com o novo mundo. Sua conclusão é de que o pensamento espanhol da primeira metade do *siglo de oro* já apresentava o que se poderia chamar de teoria do progresso. Esse será o livro que iremos explorar melhor no próximo capítulo da dissertação.

A partir desse esforço de trabalhar a história do Renascimento, Maravall parte para a transição para o período subsequente, o Barroco. Como dissemos anteriormente, para Maravall, se o Renascimento poderia se comparar ao “corso” de Vico, então o Barroco seria comparável ao “ricorso”. Em *Estado Moderno y mentalidad social: siglos XV al XVII* de 1972⁹¹, Maravall estuda a transformação nas ideias políticas desde o fim da Idade Média até o fim do *Siglo de Oro*⁹². Um dos temas principais dessa obra é a formação do estado absolutista. Segundo Maravall, essa formação teve impactos profundos na cultura espanhola, já que o estado absolutista dos imperadores Habsburgos austríacos teria sido um dos principais responsáveis pelo “fechamento” social e pela cristalização das elites no período Barroco. Esse teria sido o principal “freio” ao desenvolvimento intelectual que aconteceu durante o Renascimento espanhol e uma das explicações para a decadência espanhola no fim do *siglo de oro*. Em *La oposición política bajo los Austrias*, também de 1972, Maravall explora a oposição a esse processo de formação e consolidação desse estado absolutista imperial⁹³. Em *Teatro y literatura en la sociedad barroca*, Maravall começa a análise da história cultural do Barroco, projeto que termina na grande síntese que publica 3 anos mais tarde com o título de *La cultura del*

⁹¹MARAVALL, J. A. C. *Estado Moderno y mentalidad social: siglos XV al XVII*. Madri: Ediciones de la *Revista de Occidente*, 1972.

⁹²Nesse livro também é interessante a receptividade de Maravall às críticas ao modelo do Renascimento como ruptura abrupta com o passado. Desse modo, Maravall passa a denominar o estado desse período de “estado moderno”, ao invés de estado renascentista, e estuda certos aspectos desse estado que provem da Idade Média.

⁹³MARAVALL, J. A. C. *La oposición política bajo los Austrias*. Madri: Ariel, 1972.

*Barroco. Análisis de una estructura histórica*⁹⁴. Nesse livro, Maravall escreve sobre o *conjunto histórico* do Barroco. Ele faz uma grande síntese da transformação na cultura através da ação das elites com o objetivo de controle social. Para Maravall, essa ação acaba por criar uma cultura “dirigida”, “massiva”, “urbana” e “conservadora”⁹⁵. No próximo capítulo iremos focar em *Antiguos y Modernos*, sem deixar de ver esse livro como parte de um grande esforço de caracterização desses *conjuntos históricos* Renascimento-Barroco.

Terminamos agora a análise das tradições de teorização da história às quais Maravall se agrega e dos modos como essas tradições aparecem e formam sua obra. Antes, porém, de partirmos para o próximo capítulo, devemos voltar à nossa definição de trabalho de teoria da história. Além da lógica interna da teoria temos de nos perguntar qual era o “sentido político” da teoria de Maravall. Em primeiro lugar, vimos nos parágrafos anteriores que Maravall participa do grande embate intelectual de teorias sobre a sociedade que teve lugar na primeira metade do século XX. Nesse sentido, Maravall participa, em seu período formativo, de jornais fascistas, socialistas, monarquistas, republicanos e católicos; luta na Guerra Civil Espanhola do lado dos republicanos e trabalha no grupo político de apoio à república montado por Ortega y Gasset, mas, após a guerra, toma parte no governo de Francisco Franco trabalhando em uma área ligada ao ministério da educação. Nesse sentido, é complicado afirmar que Maravall tenha uma posição bem definida desde sua juventude. Através da análise das suas obras, podemos ver que sua posição política vai se formando e manifestando conforme ele vive os eventos

⁹⁴MARAVALL, J. A. C. *La cultura del Barroco. Análisis de una estructura histórica*. Madri: Ariel, 1975.

⁹⁵Note-se a referência tanto à Burckhardt com o título muito semelhante ao seu “*Cultura do Renascimento na Itália*” quanto à Ortega, já que Maravall segue a teoria da história cultural orteguiana como exposta em “A Rebelião das Massas”.

da primeira metade do século XX.

Dessa forma, podemos tirar algumas conclusões a partir de sua obra mais madura. De maneira geral, a principal crítica contida na história dos conjuntos históricos “Renascimento/Barroco” é dirigida por Maravall contra a elite espanhola que se submete à política imperial dos Habsburgos austríacos em troca de privilégios banais e que depois se reproduz no comando da sociedade espanhola nos séculos seguintes. Esse é o tema principal de *Las Comunidades de Castilla. Una primera revolución moderna*. Maravall termina a introdução de *Antiguos y Modernos* também criticando essa elite que se reproduz ao longo da história moderna da Espanha:

“Al concebir este libro en el que venimos trabajando hace más de quince años, el autor no ha dejado de sentirse en dramática relación con el presente. No podemos concebir cómo pueden efectivamente dirigir el desarrollo de un pueblo y conseguir impulsarle por un camino de crecimiento, grupos, clases, personas que intelectualmente viven de la nostalgia del pasado, que socialmente actúan con insuperable enemistad hacia todas las reformas capaces de dar lugar a la necesaria transformación del país y que, moralmente, se cierran a la defensiva en torno de irritantes privilegios.”⁹⁶

Nessa citação podemos ver a ligação entre a construção histórica e teórica de Maravall e a situação Espanhola da segunda metade do século XX, quando suas obras mais importantes foram lançadas. Maravall compara a elite governante dos séculos passados, ineficiente na modernização, com a elite espanhola de seu próprio tempo. Um trecho da conclusão de *A cultura do Barroco* também retoma essa crítica comentando a direção que a elite espanhola imprimia à sociedade na época:

“Eis aí como a sociedade do século XVII, mordendo-se o rabo,

⁹⁶MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*. Madri: Alianza Editorial, 1998, p. 20.

revela-nos a razão de sua própria crise: um processo de modernização, contraditoriamente montado para preservar as estruturas herdadas. Sob esse delineamento, explica-se essa relação como uma lei histórica pela qual quanto mais uma sociedade, no século XVII, se mostra ajustada a uma cultura barroca, quanto mais rico reputemos nela seu Barroco, tanto mais fechado o futuro dessa sociedade que nos será dado contemplar”⁹⁷.

Essa crítica faz mais sentido se lembrarmos que esse período em que Maravall estuda os *conjuntos históricos* é o mesmo período do “Milagre Econômico” na Espanha. Ou seja, Maravall aponta as similaridades entre a elite que “modernizava para preservar as estruturas senhoriais” no Barroco com a elite espanhola de seu próprio tempo, que “modernizava” ao mesmo tempo que assegurava a preservação da ditadura franquista e das estruturas de poder antidemocráticas que já há muito dominavam a Espanha.

Nessa postura Maravall deixa entrever uma atitude republicana e democrática, de combate aos privilégios sociais que, em sua visão, travavam a sociedade espanhola em seu desenvolvimento. A partir daí sua visão do que seria um momento positivo da história espanhola aparece na leitura do Renascimento. No próximo capítulo, examinaremos mais de perto o livro *Antigos y Modernos*, que trata do Renascimento. Voltaremos a esse tema através da ótica do “*ser de España*”, um tema clássico do pensamento espanhol.

⁹⁷MARAVALL, J. A. C. A Cultura do Barroco. São Paulo: Edusp, 1997, p. 405.

Capítulo 2

Em *Antiguos y Modernos*, Maravall narra a história de uma Espanha muito diferente daquela que vivia em seu próprio tempo. O período abordado pelo autor nessa obra compreende a primeira parte do chamado “*Siglo de Oro* (c. 1489 – 1650). Maravall analisa o período em que a Espanha se tornou o poder dominante no cenário europeu, servindo de modelo para o continente em questões como organização estatal, colonização, guerra, entre outros aspectos daquilo que poderíamos chamar de “civilização”. A Espanha vivida por Maravall nos anos 1960, época da publicação do livro, diferia profundamente desse cenário.

Durante o auge do império dos Habsburgos, as instituições espanholas eram levadas por toda a Europa como exemplo. Um dos símbolos dessa influência espanhola que perduram até hoje é o uso da cor preta para roupas formais. O professor da Sorbonne, Michel Pastoureau, em *Noir – Histoire d’une Couleur*⁹⁸, mostra como a moda da cor preta para roupas, que hoje é usada nos ternos e togas de magistrados, foi popularizada a partir de sua adoção no século XVI pela corte dos Habsburgos espanhóis. Podemos ver o contraste dessa influência espanhola com os anos 1960. Nesse período do pós-guerra, o governo espanhol havia se tornado símbolo de atraso, carregando sua herança fascista e reacionária até bem depois do fim da II Guerra Mundial. O fascismo espanhol perdurou depois da derrota do fascismo na Itália e Alemanha⁹⁹. De maneira oposta, no *Siglo de Oro*, a Espanha criava sociedades novas com a colonização de grande parte do mundo. Já no período de Maravall, a sociedade espanhola ainda sofria pela perda de suas últimas colônias fora da África. A Espanha havia perdido Cuba e as Filipinas na desastrosa Guerra Hispano-Americana, de 1898. A perda especificamente da colônia de Cuba seria um duro

⁹⁸PASTOUREAU, Michel. *Noir – Histoire d’une Couleur*. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

⁹⁹A Espanha só voltaria à democracia após a morte de Francisco Franco.

golpe na consciência histórica dos Espanhóis. Ela nega de súbito uma vocação nacional de colonização existente há pelo menos 4 séculos¹⁰⁰. O mentor de Maravall, Ortega y Gasset, chega a afirmar que a colonização da América foi “*lo único hecho verdaderamente grande que ha hecho España*”¹⁰¹.

Em *Espanha Invertebrada*, de 1922, Ortega analisa algumas causas daquilo que chama de “desintegração peninsular”. Ele vai adiante e afirma que pode-se ver nessa perda das colônias um dos fatores fundamentais da ebulição dos nacionalismos e regionalismos que ameaçavam a integridade da Espanha como estado nacional¹⁰²:

“*el proceso de desintegración avanza en riguroso orden desde la periferia al centro, de forma el desprendimiento de las últimas posesiones ultramarinas parece ser la señal para el comienzo de la dispersión intrapeninsular*”¹⁰³

Ao vermos esse contexto político e cultural, é curiosa a esperança com a qual Maravall escreve *Antiguos y Modernos*. Convém aqui entender o contexto da escrita deste livro. Como mencionamos no fim do capítulo anterior, Maravall escreve essa obra durante os anos 1950 e começo dos anos 1960. Foi esse o período em que se deu a sua investigação dos *conjuntos históricos* Renascimento-Barroco. Na história econômica da Espanha do século XX, esse é o período chamado *Milagro Económico Español*¹⁰⁴. Durante esse

¹⁰⁰Mais antiga ainda se dermos crédito à corrente historiográfica que atribui um caráter colonial à reconquista da península ibérica durante o período medieval. Essa corrente vê a reconquista como um movimento predecessor da colonização americana: várias das estruturas sociais transmitidas da cultura do norte da Espanha para o sul, surgidas na reconquista, são adaptadas para esse transplante cultural, só que dessa vez para a América.

¹⁰¹ORTEGA Y GASSET, José. *La España Invertebrada*. Madri: Espasa-Calpe, 2006 (publicado originalmente em 1922).

¹⁰²Podemos ver no recente plebiscito de separação da Catalunha uma continuidade dessa ameaça.

¹⁰³ORTEGA Y GASSET, José. *La España Invertebrada*. Madri: Espasa-Calpe, 2006, p. (publicado originalmente em 1922).

¹⁰⁴SEBASTIÁN, Miguel. *La falsa bonanza: Cómo hemos llegado hasta aquí y cómo intentar que no se repita*. Barcelona: Ediciones Península, 2015. Esse livro apresenta uma crítica pertinente

período a Espanha atravessou um crescimento econômico acelerado, comparável ao do Japão. Maravall tinha uma visão muito particular desse período: sua perspectiva sobre o crescimento econômico era multifacetada, não podendo ser enquadrada em “contra” ou “a favor”. Além disso, Maravall não podia expressar essa opinião de forma livre devido à censura franquista., o que tornava mais desafiador a exposição de uma visão clara de sua avaliação do período.

A posição do intelectual na Espanha franquista foi muito precária. Essa situação foi ainda mais precária para quem, como Maravall, não manifestou um apoio claro a nenhum dos lados. Ele participou da Guerra Civil do lado republicano, mas também ajudou a formar o gabinete da educação durante o começo do governo franquista. A *Ley de Responsabilidades Políticas*, promulgada ainda no final da Guerra Civil, dava legitimação jurídica para a perseguição daqueles que haviam apoiado a República. Segundo Conxita Mir, historiadora catalã e autora do artigo *The Francoist Repression in the Catalan Countries*, foi através dos procedimentos dessa lei que o regime de Franco fez o expurgo político após a tomada do poder. Esse expurgo fez uso de “[...] *both physical violence and measures such as economic repression, imprisonment, professional purges and the social and moral control*”.¹⁰⁵ Dadas as ambiguidades, procuramos compreender a postura de Maravall através da valorização que ele dá a cada um dos *conjuntos históricos* que estuda. Além disso, também usaremos como ferramenta de análise a forma pela qual Maravall esperava que esse estudo dos *conjuntos* fosse recebido pelo público leitor.

Em primeiro lugar frisamos que os dois conjuntos históricos, Renascimento

do período do “*milagro*”. Maravall também criticava esse período já durante o próprio “*milagro*”.

¹⁰⁵MIR, Conxita Curcó. *The Francoist Repression in the Catalan Countries*. CATALAN HISTORICAL REVIEW, Barcelona, N. 1, p.133-147, 2008, p. 133.

e Barroco, são parte do “*Siglo de Oro*”. Ou seja, os dois momentos analisados são representantes daquilo que poderíamos chamar de auge de poder imperial espanhol. No entanto, a avaliação que Maravall faz do Renascimento é positiva, enquanto que a do Barroco é negativa. Maravall vê no Renascimento um exemplo de sociedade mais livre e progressista, enquanto que o Barroco seria o fechamento dessa sociedade devido à cristalização da estrutura de poder imperial. Se fizermos a conexão dessa avaliação com o momento histórico vivido por Maravall, temos que o “*Milagro Económico Español*”, vivido em 1960-70 pelo próprio autor, era comparado ao Barroco, “uma mudança para não mudar”, ou seja, uma modernização econômica para cristalizar a estrutura de poder presente sem alterar outras esferas da sociedade. Já o Renascimento era visto por Maravall como um bom exemplo. O Renascimento seria, dentro de uma visão europeísta que deve muito a Ortega, um momento em que a Espanha compartilhou os movimentos cultural e social da Europa ocidental. Maravall vê os anos 1960, com o “*Milagro Económico*”, como uma nova chance da Espanha deixar seu passado de decadência e atraso para trás e voltar a compartilhar desse movimento europeu. Essa é a perspectiva que explica a “esperança”, como dissemos anteriormente, com a qual Maravall escreve *Antiguos y Modernos*.

Faremos agora uma revisão panorâmica do livro com foco nos debates singulares analisados ao longo do texto. Dessa maneira, poderemos agrupá-los mais adiante nos três grandes debates principais: a inter-causalidade entre economia e desenvolvimento das ideias; o possível surgimento da ideia de progresso no Renascimento Espanhol e, por fim, o debate sobre o *Ser de España*. O livro é dividido em 4 partes mais a conclusão, num total de 628 páginas. Nas primeiras 110 páginas, Maravall procura fazer um diagnóstico do pensamento do Renascimento espanhol. Essa primeira parte é intitulada “*LA ESTIMACIÓN DE LO NUEVO*”. Nela, Maravall discute como a questão da “novidade” era acolhida pelos espanhóis do período renascentista.

Essa discussão é baseada na análise de uma ampla gama de textos da época. A análise é realizada em torno de conceitos como “*originalidad*”, “*extraño*” e “*invención*”. Esta primeira parte do livro termina com uma discussão acerca da reação a essas novidades, vinda do que ele chama de “*una sociedad estática*”.

A segunda parte é intitulada “*LAS BASES DE UNA HERENCIA CULTURAL: HACIA UNA VISION DINAMICA DE LA HISTORIA*”. Nesta segunda parte, Maravall estuda as tradições culturais mobilizadas durante o Renascimento espanhol. Ele tenta encontrar a tradição que levou à criação da base de uma visão progressista da história. Ele passa pela antiguidade clássica, pela visão cristã da história (apontada para um “fim dos tempos”, em contraste com a visão cíclica clássica, por exemplo de Políbio), pelos aportes da cultura islâmica, pela Idade Média, terminando no pré-humanismo do século XV. Essa parte termina em uma discussão acerca do tratamento que os pensadores do século XV davam a essas heranças culturais.

A terceira parte é intitulada “*FACTORES IDEOLOGICOS DE LA CONCIENCIA DE PROGRESO EN EL RENACIMIENTO*”. Esta é a parte mais importante para o nosso estudo. É dividida em seis capítulos. Nela, Maravall discute os meios precisos através dos quais os espanhóis do Renascimento desenvolveram uma consciência histórica particular disseminada em partes importantes da sociedade. Para o autor, é possível entender os mecanismos de transformação social em que as ideias abrem caminhos para essas transformações e estas, por sua vez, geram pressões para transformações das ideias. Maravall trabalha aqui com determinações mútuas. No capítulo quinto, em especial, trabalha-se as determinações mútuas entre o campo econômico e o campo intelectual na empresa da colonização da América. Mais adiante nessa dissertação, analisaremos esse capítulo mais a fundo. Essa análise mais a fundo também compreenderá o cap. 3. Ele trata do choque entre a experiência pessoal - obtida

nas navegações – e as estruturas sociais herdadas. Essa parte do livro termina com uma análise do novo papel da razão na cultura moderna.

A quarta parte do livro é intitulada “*LOS SECTORES DE AVANCE DE LA CULTURA SEGUN EL PENSAMIENTO DEL HOMBRE MODERNO*”. Esta parte investiga as discussões em que se dá a consciência de “*avance*”. Esse termo, em português “avanço”, é termo seminal que o autor acredita estar proximamente ligado à emergência de um pensamento progressista. Maravall trata de fontes do Renascimento espanhol em que se exaltam ou se criticam as novas realidades sociais, tais como na arte, política, arte militar e, de especial interesse para nós, a economia e as “artes” manuais. Na análise que faremos dos capítulos dessa parte esperamos poder encontrar os aspectos da mentalidade transformados pela empresa da colonização da América.

O livro termina na parte intitulada “*CONCLUSION: LOS ORIGENES DE LA TEORIA DEL PROGRESO*”. Nessa parte, o autor avança sua tese de que as ideias principais relacionadas àquilo que viria a ser a teoria do progresso já tinham sido formadas no Renascimento, em especial no Renascimento espanhol. O Renascimento na Espanha, segundo Maravall, sentiu menos o peso da herança clássica do que na Itália ou na França. Isso se deveu ao peso das navegações e da descoberta do novo mundo. Dessa forma, Maravall acredita que as ideias seminais que seriam articuladas em uma teoria do progresso já teriam surgido por força dessas circunstâncias. A partir dessa constatação, explorada na quarta parte de *Antiguos y Modernos*, Maravall comenta as obras de alguns escritores espanhóis daquele período nas quais acredita haver já uma teorização incipiente de progresso.

O livro aponta para a formação dessa teoria do progresso como um conjunto histórico. Maravall usa cada uma das suas partes como se formassem um quebra-cabeça.

Dessa forma, ele procura montar uma imagem de uma Espanha progressista. Cada uma das partes tenta tirar o leitor do preconceito de que a Espanha teria sido sempre um lugar de atraso. Maravall tenta levar o leitor a considerar uma posição diferente. É preciso frisar como essa imagem era difícil de conceber em meio ao franquismo dos anos 50, quando surge a ideia do livro. Por isso, *Antiguos y Modernos* é um projeto ambicioso e muito importante. É um livro que tem por um de seus objetivos fazer um aporte no antigo debate sobre o caráter nacional espanhol, o debate sobre o “*ser de España*”. Para compreendermos esse aporte, iremos agora nos aprofundar na obra, pontuando a discussão com pequenos comentários acerca dos debates intelectuais específicos nos quais Maravall participa.

Na primeira parte do livro, Maravall busca o que considera ser de mais básico para qualquer teoria de progresso: uma apreciação positiva do “novo”. Maravall acredita que a apreciação pelo novo é uma das causas necessárias, *sine qua non*, do surgimento das teorias do progresso. No entanto, ele não acredita no sentido inverso, ou seja, que onde houver essa apreciação necessariamente deva surgir tal teorização.

“Ni aun cuando nos encontremos en una situación histórica en la que sea común, o por lo menos frecuente, juzgar con criterio favorable la novedad que toda mutación trae consigo, podemos dar por seguro que nos hallamos ante una concepción progresiva del acontecer. Pero en sentido inverso, sí podemos estar seguros de que, donde no haya preferencia por la novedad, no podremos ver surgir y desarrollarse una idea de progreso”¹⁰⁶

A partir daí, Maravall busca nas fontes iniciais da modernidade europeia, e espanhola em especial, indícios dessa apreciação. Essa busca é organizada em torno de

¹⁰⁶MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 28.

“tópicos” ou “fórmulas literárias”. Segundo Maravall, esses tópicos expressam um estado da mentalidade de certa época. Por conseguinte, os movimentos dessas fórmulas nas fontes, suas evoluções, sinalizariam para o movimento da mentalidade, ajudando assim a dar forma ao *conjunto histórico*. É o caso, por exemplo, da fórmula latina com a qual ele começa o primeiro capítulo “*Omnia nova placet*” (em português, “tudo o que é novo apraz”). Maravall encontra essa fórmula em uma igreja espanhola construída no Renascimento. Ao longo das primeiras 110 páginas do livro, à guisa de introdução ao tema principal, Maravall continua buscando tópicos como esse em quatro categorias: “*pretensión de originalidad*”, “*capacidad de invención*”, “*interés por lo extraño*” e “*despertar de la juventud*”.

É um trabalho extenso, de erudição, tendo valor importante como repositório temático para consulta de fontes e referências. É, porém, a amarração teórica que Maravall dá a esse compêndio o que nos revela a função dessa parte na argumentação geral do livro. A primeira operação de Maravall é mostrar que esse gosto pela novidade estava presente no Renascimento espanhol, assim como também estava em outros países do ocidente europeu. Dessa forma, o autor confronta um preconceito – e toda uma visão acadêmica da sociedade espanhola – de que o povo espanhol é um povo retrógrado, tradicionalista e reacionário por natureza. Uma obra exemplifica bem essa visão contra a qual Maravall debate. Luis Hernando de Larramendi, um político e intelectual do movimento “*tradicionalista*”, escreve um livro chamado *El sistema tradicional* em 1937¹⁰⁷. A tese central dessa obra, depois publicada com o nome *Cristiandad, tradición, realeza*, é de que o “sistema tradicional” não precisava ser implantado politicamente, já

¹⁰⁷LARRAMENDI, L. H. de. *Cristiandad, tradición, realeza*. Madri: Calamo, 1952.

É interessante notar que esse livro teve sua publicação proibida pela ditadura espanhola, já que se tratava do tipo errado de tradicionalismo, carlista. A mudança de título foi uma forma de burlar a censura.

que fazia parte da própria natureza do espanhol. Maravall mostra que essa visão não é totalmente aplicável a todos os períodos da história espanhola. Combater esse tipo de visão que coloca o tradicionalismo naturalizado no espanhol é a função do seu grande compêndio realizado e analisado nessa primeira parte.

A partir dessa constatação, de que o gosto pelo novo era relativamente disseminado no Renascimento espanhol, o autor de *Antiguos y Modernos* se pergunta: “*Es un producto de la mentalidad renacentista?*”¹⁰⁸. A resposta que ele encontra nas fontes é “não”. Essa atitude de gosto pelo novo pode ser encontrada em gestas medievais, em crônicas dos reis aragoneses e mesmo em escritores da antiguidade. Ele chega a se perguntar se não se trataria mesmo de uma “*una constante de la psicología humana*”¹⁰⁹. À primeira vista, esta constatação levaria à uma contradição. Afinal, qual seria então a novidade trazida pelo Renascimento? A argumentação de Maravall procura aprofundar o debate. Sua intenção não é a de dizer o contrário da tese de que o espanhol é reacionário. Sua tese é a de que o espanhol não *é*, mas *está* reacionário em um período específico. Maravall acompanha a mutação da oposição cultural *reacionarismo* vs. *apreço pelo novo* ao longo dos primeiros séculos do início da modernidade. Para ele, haveria uma variação entre períodos de maior abertura para as novidades e períodos de menor abertura. Para tal, ele parte dos avanços em história medieval feitos pela corrente historiográfica iniciada por Huizinga, com seu livro *O Outono da Idade Média*¹¹⁰. Esse livro é importante no

¹⁰⁸MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 30.

¹⁰⁹MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 32.

Vemos aqui uma expressão do neokantismo de Maravall. Ele tem a ideia de categorias de pensamento viva dentro do seu labor historiográfico. No entanto, essa ideia não está disposta como axioma. A ideia da categoria de pensamento, “*constante de la psicología humana*”, é apenas o começo da argumentação. Mais adiante vemos como esse modo de pensar se aplica no tratamento que Maravall dá à filosofia de Max Scheler.

¹¹⁰HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. (Publicado originalmente em holandês, em 1919)

sentido de que faz um esforço no sentido de refutar o preconceito de que a Idade Média era apenas morte, peste e obscurantismo. Segundo nossa leitura de *O Outono...* ele tem sucesso nessa empreitada através de um aprofundamento na mentalidade medieval. Nesse sentido, Huizinga inicia uma corrente de pensamento que tenta encontrar os valores próprios da Idade Média na qual se incluem Jacques Le Goff e, no Brasil, Hilário Franco Júnior e Marcelo Cândido da Silva¹¹¹. Maravall usa essa corrente historiográfica no sentido de mostrar que a abertura à novidade já estava presente na sociedade espanhola desde a baixa Idade Média. A diferença trazida pelo Renascimento seria a preponderância e o impacto social que essa abertura alcança durante a metade do século XV até fins do século XVI.

Em nossa leitura da obra, pudemos perceber que a chave para sua compreensão está na diferença essencial entre “ser” e “estar”. Tentaremos esclarecer esse ponto citando a discussão que Maravall faz de uma ideia do filósofo Max Scheler em sua obra *El puesto del Hombre em el cosmos*¹¹²:

“Max Scheler ha dicho que el hombre es un asceta de la realidad, porque es el único ser capaz de decir no a la realidad, pretendiendo montar otra en su lugar. No sé si más que una condición ontológica del ser humano en general, esa actitud que Scheler señala no es, más bien, una condición histórica del hombre occidental o, por lo menos, una situación histórica del mismo que potencia al máximo una originaria cualidad del

¹¹¹ O seu projeto "O pobre e a pobreza na Alta Idade Média (séculos VI-IX)" têm como objetivo reavaliar o conceito de pobreza e sua aplicação na alta Idade Média. Esse projeto pode ser acessado em <http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/180429/o-pobre-e-a-pobreza-na-alta-idade-media-seculos-vi-ix-estudo-linguistico-e-historico/>

O trabalho de Marcelo Cândido em torno dos valores semânticos da palavra “pobre”, “*pauper*”; traz uma revisão interessante sobre uma certa visão negativa da Idade Média

¹¹² SCHELER, Max. *El puesto del hombre en el cosmos*. Madrid: 1936.

humano”¹¹³.

Enquanto Scheler argumenta que a curiosidade é um traço distintivo do ser humano, Maravall argumenta que a humanidade tem uma característica de curiosidade, mas que essa característica varia com o tempo, podendo estar mais ou menos expressada. Para Maravall, essa variação se dá devido à circunstância histórica. Para compreender essa operação, lembremos da tradição neokantiana de historização das categorias de pensamento. É isso que Maravall propõe nessa primeira parte de *Antiguos y Modernos*, a historização da curiosidade, fundamentando essa proposição em extensa bibliografia. Dessa forma, ele pode responder ao debate do “*Ser de España*” com uma resposta mais profunda. O espanhol não é reacionário, ele *está*, dizíamos acima. E a resposta tem mais alcance porque, se ele já esteve mais aberto à novidade e à transformação social, então pode reassumir essa identidade. E essa identidade de abertura não seria estrangeira, por exemplo, uma cópia dos franceses: ela seria uma autêntica criação de Espanha. O neokantismo que chega até Maravall, aliado à tradição de Burckhardt, Michelet e Vico, não promove uma busca por caracteres fixos formadores de uma imagem do povo espanhol à maneira de um *volksgeist*¹¹⁴ – como a curiosidade do espanhol ou a ferocidade dos germânicos, por exemplo. A busca é agora pelos padrões de transformação. Nesse

¹¹³ MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 30.

¹¹⁴ Pode-se ver o perigo do conceito de *volksgeist* durante todo o século XX. A Alemanha Nazista criou uma narrativa de sua própria história baseada na ideia de que parte da identidade nacional era a capacidade de comando, o que tornaria o povo alemão o senhor dos outros povos, o *Herrenvolk* (povo de senhores). A Itália fascista invadiu, sem sucesso, a Grécia, justificando a agressão com o *volksgeist* de Império Romano do povo italiano. É muito interessante ver como esse conceito de *volksgeist* foi primeiro criado pelos pensadores do romantismo alemão durante as invasões francesas contra a Alemanha. O termo nasce de uma discussão na área da história do direito entre o jusnaturalismo, defendida pelos invasores napoleônicos da Alemanha, e a escola histórica, surgida na própria Alemanha. Segundo os intelectuais dessa escola cada povo tinha uma natureza própria, o que inviabilizava a adoção de leis de outros povos (o direito napoleônico, no caso concreto da Alemanha do século XIX). Ou seja, a princípio a ideia de *volksgeist* foi uma forma de autodefesa, mas séculos depois aparece numa retórica imperialista e totalitária.

caso, trata-se dos padrões de transformação de uma sociedade mais fechada para a novidade no medievo até uma sociedade mais aberta já no Renascimento. Esse é o potencial explicativo do ferramental teórico ligado ao conceito de *conjunto histórico* que discutimos no capítulo anterior.

Maravall dá vários exemplos desses padrões de transformação através das causalidades mútuas entre o campo intelectual e o campo econômico. Para ele, é no fortalecimento das cidades, no século XIII, que essa abertura começa a ganhar momento¹¹⁵:

“La creación de universidades, en las que los saberes adquieren un desenvolvimiento hasta entonces no sospechado; la recepción de corrientes intelectuales que enriquecen grandemente el pensamiento; la formación de ciudades, en las que se concentran mercaderes y artesanos; la seguridad jurídica y política, que trae un nuevo sentido del derecho y del gobierno, todo ello colabora en producir un extraordinario desarrollo de la vida social, y, por lo menos en los núcleos urbanos, nace y crece la apetencia de lo nuevo bajo el signo de la burguesía que inicia su auge.”

O aumento das cidades e de sua importância é um fenômeno de muito interesse para Maravall. Segundo ele, a formação desse ambiente urbano, tanto pelas universidades e sua concentração de intelectuais quanto pela concentração de mercadores, cria em conjunto um ambiente em que o novo é valorizado. Um tipo específico de homem surge nesse ambiente, o *homo faber*. *“La pasión inventora del <<homo faber>>, en todos los aspectos de su producción, desde un soneto a un aparato técnico, es una inconfundible marca del hombre del Renacimiento”*¹¹⁶. Maravall elenca uma série de fontes em que se

¹¹⁵MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 39.

¹¹⁶MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 60.

usa a mesma fórmula literária do gosto por novidades -- fontes relacionadas à arte e ao que chamaríamos hoje de engenharia, ao comércio em geral e mais tarde ao comércio de ações. A disseminação desse gosto seria uma marca do período Renascentista na Espanha.

Maravall analisa o efeito político dessas novas formas de vida social e seu ápice na Espanha na Guerra das Comunidades de Castela. Segundo ele, esses novos atores sociais com características burguesas e com aspirações liberais são os responsáveis por uma revolução contra o despotismo do imperador Carlos V. Esse tema é aprofundado em seu livro *Las Comunidades de Castilla*¹¹⁷ em que avança a tese de que essa revolução talvez tenha sido a primeira revolução moderna. Em *Antiguos y Modernos* não há um aprofundamento do tema. O que se faz é uma análise da fórmula literária “*ommes nuevos*”. Esse tópico é retomado por autores do começo do Renascimento espanhol, como Hernando de Pulgar, a partir de obras de autores clássicos como Tácito e Cícero. Maravall mostra como essa fórmula foi usada para se referir a esses novos atores sociais surgidos em princípios da formação da burguesia. Esses atores foram os que fizeram fortuna durante o começo do Renascimento com as novas rotas comerciais, novas técnicas e novas estruturas econômicas derivadas da reestruturação da economia medieval. Depois, ele compara esse fenômeno com as fontes do período barroco. Nesse período posterior, o gosto pelas novidades é banalizado e chega a se tornar uma forma de levar os jovens a se afastarem dos temas importantes como política e economia. Maravall analisa um texto de Jerónimo de San José, já no Barroco, em que Jerônimo incentiva ocupar a juventude com “novidades banais da literatura”. Pode-se ver então esse movimento já no sentido de fechamento social para as novidades. Essa é a variação que Maravall quer mostrar, na passagem do Renascimento para o Barroco.

¹¹⁷MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Las Comunidades de Castilla*. Madri: Alianza Editorial, 1979.

Esse ponto da transformação do caráter nacional é aprofundado no último capítulo da primeira parte do livro, *La Reacción de una Sociedad Estática*. Nesse capítulo, o autor procura as reações contra o movimento de abertura social à novidade. Além de mostrar esse movimento na Espanha, Maravall discute o gosto pela novidade em escritos, por exemplo, da ciência física em Galileu Galilei e da ciência política em Jean Bodin. Depois, ele mostra as resistências que as obras desses escritores encontraram por parte da sociedade de seus próprios países, Itália e França. A parte mais interessante e mais pertinente ao tema dessa pesquisa é a discussão multifacetada que Maravall faz da obra de Michel de Montaigne.

Montaigne participou desse movimento de abertura do Renascimento. Ele foi um filósofo nascido no sul da França em 1533, escritor de *Essais*¹¹⁸. Uma de suas maiores contribuições foi a de dar uma expressão em melhor forma do novo gênero de discussão filosófica surgido no Renascimento, o ensaio. Maravall discute a leitura que Montaigne fez da obra de Pedro Mexía, *Silva de varia lección*¹¹⁹, mostrando a participação do pensamento renascentista espanhol na formação da mentalidade moderna. Além disso, apresenta a posição dupla deste filósofo: por um lado, Montaigne cria uma nova forma de comunicar e trabalhar pensamentos filosóficos desligada da tradição medieval, o ensaio. Por outro, nos próprios *Essais*, Montaigne expressa opiniões marcadamente conservadoras sobre política e sobre como deve ser organizada a sociedade. Sobre isso Maravall escreve¹²⁰:

“[...] también Montaigne defiende a los modernos en más de una

¹¹⁸MONTAIGNE, Michel de. Ensaaios. São Paulo: Martins Fontes, 2000/2001.

¹¹⁹MEXÍA, Pedro. *Silva de varia colección*. Espanha, Sevilha: 1542.

Maravall indica a leitura do livro VIANEY, P. “*Les sources et l’évolution des Essais de Montaigne*”. Paris, 1933. Ele também aponta o artigo de TURNER, P. A. *Sobre Pedro Mexía en Inglaterra*.

¹²⁰MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 108.

ocasión y hasta considera absurdo creer que aquello que va fuera de la costumbre se repunte como cosa que se haya salido de los goznes de la razón; pero, no obstante, confiesa que “je suis desgousté de la nouvelleté [...] ». Y señala como una de las marcas de “justicia y utilidad” de la religión cristiana que recomiende la obediencia a los magistrados y la conservación del orden político (64). Estas palabras representan un parecer francés, en una situación determinada, pero no expresan “lo francés”.”

(64) Essais, lib. I, cap. XXIII; ed. de “Les Belles Lettres”, París, 1946; volumen I, págs. 160 y ss.

Esse exemplo ilustra bem o que Maravall pretende nessa primeira parte de *Antiguos y Modernos*. Haveria um momento de abertura e outro de fechamento da receptividade de uma sociedade àquilo que é novo. Assim, a Espanha estava muito fechada para as novidades nos anos 1960, mas isso não quer dizer que isso fosse devido ao caráter nacional do povo espanhol. Outras nações, como a francesa e a italiana, também passaram por esse processo de abertura e fechamento. Desse modo, abre-se uma nova maneira de olhar a História da Espanha, já livre do preconceito de que ela nunca teve uma sociedade aberta. Na próxima parte do livro, Maravall vai discutir quais foram as tradições intelectuais que fizeram parte dessas transformações no *conjunto histórico* do Renascimento.

A segunda parte de *Antiguos y Modernos* é intitulada “*LAS BASES DE UNA HERENCIA CULTURAL: HACIA UNA VISIÓN DINÁMICA DE LA HISTORIA*”. Vimos que, na primeira parte, Maravall discute a possibilidade de os espanhóis do Renascimento estarem abertos a uma visão progressista da história. Nesta segunda parte, Maravall investiga as bases culturais para a criação dessa visão. Ele passa pelas heranças culturais que chegaram até os espanhóis do Renascimento: clássica, árabe, medieval e pré-humanista. Além disso, há uma preocupação mais abrangente, com a própria ideia de

herança e o que significa considerar-se herdeiro de uma cultura¹²¹:

“Esa doble posición en quien se estima heredero entraña, de una parte, considerarse otro distinto de aquel a quien se hereda, pero, a la vez, reconocerse ligado al mismo, con una cierta común naturaleza, por lo menos en aquellos aspectos a los que la herencia se extiende”

Isso quer dizer que essa 2ª parte do livro tem um objetivo além de investigar as bases culturais com as quais os renascentistas operaram. O argumento defendido nessa parte é que a consciência histórica da condição de herdeiro cultural atingida pelo homem do Renascimento tem uma importância própria. Essa consciência foi um dos passos que levariam mais tarde à consciência de que a sociedade estava apresentando avanços em relação à antiguidade; e mais tarde levaria à teorização de uma visão progressista da história.

A primeira herança cultural analisada é a grega, no capítulo *“Un testimonio socrático: el adanismo de los griegos”*. Maravall começa sua argumentação notando que a cultura grega clássica não reconhece antepassados imediatos. Ele também reconhece que essa percepção recolhida das fontes gregas clássicas não corresponde necessariamente à realidade. Lembremos, por exemplo, do mito do herói Cadmo¹²²: segundo o mito, esse príncipe fenício teria sido o primeiro herói grego e teria trazido o alfabeto para a Grécia clássica além de fundar Tebas, uma das principais *polis* do período clássico¹²³. Um fenômeno semelhante é a genealogia fenícia atribuída a Tales de Mileto, primeiro filósofo grego, ou às viagens de Pitágoras ao Egito e à Índia. No entanto, Maravall alude principalmente ao fato de que os gregos não dispunham de um *corpus*

¹²¹MARAVALL, José Antonio Casenoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 115.

¹²²Há uma análise desse mito no livro *“Kings of Greek Mythology”*, de Burton Menoni.

¹²³Uma das versões desse mito pode ser encontrado na “Biblioteca” de Pseudo-Apolodoro. Disponível em: <http://www.theoi.com/Text/Apollodorus1.html>. Acesso em: 19/04/2018.

documental cultural “preciso” ao qual se referir do mesmo modo que tiveram depois os povos que herdaram a cultura grega.

Os romanos foram, segundo Maravall, o primeiro povo a se considerar plenamente herdeiro de uma cultura anterior. O autor de *Antiguos y Modernos* passa então a analisar fontes romanas para investigar as primeiras características dessa mentalidade “herdeira”. São várias as fontes analisadas. Maravall passa pelo *De Bello Gallico*, no qual Júlio César faz a história de sua conquista da Gália¹²⁴. Nessa obra César indica como as virtudes romanas vêm dos ensinamentos dos antigos. Maravall também passa pelo *De Republica*, de Cícero e pela obra de Sêneca, onde encontra alguns temas depois retomados pelo Renascimento.

Em primeiro lugar, em Cícero, Maravall encontra uma discussão acerca da comparação entre os gregos e os romanos nas áreas da poesia, filosofia e história. Cícero chega a dizer em *De Legibus* que “a natureza progride por si mesma”, “*Ipsam per se naturam longius progredi*”. No *De Oratoribus*, de Tácito, Maravall encontra um personagem que defende os romanos, em relação aos gregos e a seus próprios ancestrais, argumentando que as construções de seu tempo eram mais ricas e tinham mais mármore que as dos antigos. No entanto, Maravall também encontra muitos argumentos a favor dos gregos, inclusive argumentos calcados na própria ideia grega de “Era dourada”. Essa ideia vem do mito presente em *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, que afirma que a humanidade viveu numa era dourada, para sempre perdida após a queda do homem. Após essa queda a humanidade foi marcada pela decadência dos tempos. Desse modo, a conclusão desse capítulo é que, embora os romanos não tivessem chegado a se considerarem completamente superiores aos gregos, suas discussões acerca do tema

¹²⁴MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 119.

acabaram sendo lidas pelos espanhóis, e outros europeus, do Renascimento. Esse é o caso, por exemplo, da obra do romano Marcial, como se pode ler no livro *Martial and the epigram in Spain in the sixteenth and seventeenth centuries*¹²⁵. Esse livro traz alguns casos do uso dessa discussão romana no Renascimento espanhol. Há um artigo que explica isso de forma muito clara na obra de Sêneca, *The Idea of Progress in Senecan Thought*¹²⁶. Segundo a autora desse artigo, Anna Lydia Motta, da Universidade do Sul da Flórida, Sêneca até via o progresso no desenvolvimento das ideias e do pensamento. No entanto, o filósofo romano não acreditava que esse desenvolvimento das ideias pudesse ter um efeito positivo na sociedade em geral. Para ele o “progresso” era apenas um melhoramento individual. A ideia de que a sociedade romana havia superado a sociedade grega só vai se tornar hegemônica após o advento do cristianismo, alguns séculos depois. Esse tema será explorado no próximo capítulo.

Em “*Cristianismo e Historia*”, Maravall começa a analisar a discussão sobre a origem da teoria de progresso propriamente dita. Houve alusões a essa discussão na introdução do livro, mas nessa parte Maravall se aprofunda na questão do papel do cristianismo na formação da mentalidade progressista. A primeira referência é o trabalho de J. B. Bury, *The Idea of Progress*¹²⁷. Segundo Bury, a antiguidade clássica e o período medieval não conheceram uma ideia de progresso coerente. A antiguidade clássica teria ficado presa à ideia de “idade do ouro”, como expressa no verso de Horácio, “o tempo diminui o valor do mundo”. Já o período medieval teria ficado preso à ideia bíblica da “queda do homem”, após a expulsão do jardim do éden. Maravall escreve que essa posição defendida por Bury foi a dominante durante a primeira metade do século XX. No

¹²⁵GINLIAN, A. A. *Martial and the epigram in Spain in the sixteenth and seventeenth centuries*. Filadélfia, EUA: *University of Pensilvania*, 1930.

¹²⁶MOTTO, Anna Lydia. *The Idea of Progress in Senecan Thought*. *The Classical Journal*, Chicago, v. 79, n. 3, pp. 225-240, 1984.

¹²⁷BURY, J. B. *The Idea of Progress*. Londres: Macmillan and co., limited. 2013.

entanto, Maravall elenca uma série de historiadores responsáveis por aportes inovadores a essa discussão¹²⁸. Esses autores - entre os quais Robin George Collingwood e o filósofo Karl Löwith – começam a mostrar que a ideia de progresso é muito complexa para ter surgido espontaneamente durante a primeira modernidade. Segundo eles, essa ideia teria uma formação lenta, composta de muitos desenvolvimentos que se acumularam ao longo de séculos¹²⁹.

Maravall analisa esses autores no que diz respeito ao papel do cristianismo na formação da ideia de progresso. Desse modo, ele acompanha uma discussão que começara 20 anos antes da publicação de *Antiguos y Modernos*¹³⁰. O primeiro autor analisado por Maravall é H.-M. Ferét, com seu *L'apocalypse de Saint Jean*¹³¹, de 1943. Esse autor procura as preocupações expressadas nos evangelhos e dos textos de Paulo. Segundo ele, os autores dos textos do novo testamento estão preocupados com o fim da história; o apocalipse e a volta de Cristo. Hans Kohn, em seu *Historia del nacionalismo*¹³² de 1949, compara essa atitude com a dos textos hebraicos. Para Kohn, houve uma mudança entre antigo e novo testamento. Os antigos hebreus tinham uma visão de pacto que se renovava a cada grande promessa, com Noé, Abraão e Moisés. Isso fazia com que, embora os livros do antigo testamento tivessem uma vocação histórica importante, o foco dessa história estivesse no começo do pacto. Depois, o povo escolhido ia caindo em desgraça, exilado no Egito ou na Babilônia, até o próximo pacto. Isso aproximava a visão hebraica da visão da “idade do ouro” grega, com a decadência que se seguia. Segundo

¹²⁸MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 137.

¹²⁹ COLLINGWOOD, R. G. *Progress as Created by Historical Thinking" in The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1946.

¹³⁰MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 138-142.

¹³¹FERÉT, H.-M. *L'apocalypse de Saint Jean, vision chrétienne de l'histoire*. Paris: Corrêa, 1943.

¹³²KOHN, Hans. *Historia del nacionalismo*. Cidade do México: S. Cosío, 1949.

Kohn, o cristianismo, em contrapartida, colocava a decadência no momento atual, e o melhoramento no futuro, com o retorno de Cristo.

É em Collingwood que Maravall encontra uma discussão especificamente focada no papel do cristianismo no pensamento histórico. Maravall cita uma frase de *The Idea of History* onde isso fica muito claro¹³³:

“Su nueva manera de ver <<significaba que el proceso de mudanzas históricas no se concebía y como deslizando, por decirlo así, sobre la superficie de las cosas, afectando tan sólo a sus accidentes, sino afectando a su sustancia misma e implicando, de ese modo, una verdadera creación y una verdadera destrucción>> (6)”

(6) Collingwood, *Idea de la Historia* (trad. Esp. De O’Gorman) México, 1952; página 64.

Para Maravall, é aí que se introduz a possibilidade de uma novidade real e significativa na teoria da história. Maravall acredita que dessa maneira os feitos históricos deixam de ser apenas expressão de uma teoria que é mais importante que eles. Ele cita Agostinho como um autor que fez juízos de valor do dado histórico baseado na ideia de que a morte de Cristo mudou para melhor o valor da história. O raciocínio de Collingwood em *The idea of History* continua: se os fatos históricos melhoram ou pioram a realidade, então eles teriam a capacidade de iniciar uma era de maior qualidade do que as anteriores. *Antiguos y Modernos* segue essa discussão e propõe uma contribuição original. Para Maravall, a influência cristã na cultura e na história como expressão dessa cultura foi um dos passos necessários em direção à uma teoria de progresso¹³⁴.

¹³³MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 139.

¹³⁴Nessa parte do livro lembramos claramente das ideias de Nietzsche em “*Genealogia da Moral*”. Também em “*Antiguos y Modernos*” é usado o método de Nietzsche de encontrar a

Maravall parte dessa discussão para analisar diversas fontes primárias. A primeira destas fontes é o *Discurso contra los griegos (Oratio ad Grecos)*, de Ticiano, escrito no século II d.C. Ao contrário das fontes latinas de até então, Ticiano declara abertamente a superioridade dos cristãos sobre os gregos. Sua tese é de que a filosofia grega foi importante, mas se perdeu em diversas escolas menos importantes. Isso teria então afastado o povo grego da verdade. Maravall vê na obra desse sírio do século II d.C um marco na visão positiva do futuro. Além disso, Ticiano também argumenta que a posição dos cristãos de “herdeiros” da cultura hebraica aprimorada pelo cristianismo também os torna superiores aos gregos¹³⁵. Seria a valorização da época posterior em relação à anterior, contrariamente ao mito da “Idade do Ouro”. Maravall vê aí indícios de transformação cultural que teria mais tarde influenciado o pensamento renascentista.

Esse marco em Ticiano não traz de imediato uma nova visão sobre as épocas históricas. O que acontece é a instauração de uma polêmica sobre o mundo antigo. Essa polêmica atravessa a antiguidade tardia e continua no período medieval. Maravall passa então a analisar alguns textos que concordam ou discordam da posição do autor. Dessa forma, ele pretende testar as hipóteses teóricas trazidas de Collingwood, Kohn e etc. sobre o papel do cristianismo na formação de uma visão progressista da história.

Além de Ticiano, Maravall analisa uma grande série de autores. Em um texto

formação do juízo de valor no processo histórico de formação da religião cristã. Também podemos ver traços do pensamento de Nietzsche, vindos de seu “*Nascimento da Tragédia*” na caracterização dos conjuntos históricos. O barroco é exagerado, tenta superar os limites da razão e promover o estupor, nas linhas do dionisiaco. Já o Renascimento é caracterizado por Maravall como um período de mais balanço estético e mais racionalismo, nas linhas do apolíneo. A diferença é que Maravall valoriza o “apolíneo” ao afirmar que a arte do barroco, mais dionisiaca, vira instrumento de controle social nas mãos do imperialismo Habsburgo. Esse paralelo é notado pelo professor da Universidade do Ceará Dr. Eduardo Diatahy B. De Menezes em seu artigo “O BARROCO COMO COSMOVISÃO MATRICIAL DO ÊTHOS CULTURAL BRASILEIRO”, apresentado na 25ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, em Goiânia (GO), de 11 a 14 de Junho de 2006.

¹³⁵MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 139.

de São Basílio, por exemplo, ele encontra uma definição de “*historia do espírito humano como el curso de un río que progresivamente se acrecienta*”¹³⁶. Essa visão da história e da cultura como “acumulação” é um importante passo em direção a uma visão progressista. O próprio São Basílio via essa acumulação como uma tentativa falha de emular a verdade divina. No entanto, o reaproveitamento que essas ideias tiveram mais tarde pode ser visto, por exemplo, no conceito de cultura como crescimento e cultivo do espírito, mesmo em uma visão laica da história. Santo Atanásio tinha uma visão parecida com aquela de São Basílio, mas sustentava que essa acumulação também aumenta o número de erros. Trata-se de uma polêmica de muitas contribuições e muitos pontos de vista.

Maravall procura descobrir então qual desses pontos de vista emerge como a visão hegemônica no período medieval. Segundo ele, as respostas mais aceitas vêm de Santo Agostinho, na *Cidade de Deus* e de seu pupilo Osório. A posição defendida por eles é a de uma divisão. Enquanto a história com a vinda de Cristo melhorou os tempos no sentido espiritual, não se pode dizer o mesmo do sentido material. As guerras continuaram, as fomes, as pestes. Isso quer dizer, a visão preponderante acerca desse movimento na história durante o período medieval acabou por aceitar a nova divisão em idades apontadas para um fim superior ao passado, em termos de valor. No entanto, ela não via esse valor superior em questões práticas ou laicas. Maravall avalia esse estado do pensamento com um “degrau necessário” para a futura teorização do progresso. Ele nota que foi a partir dessa noção espiritual de melhoramento dos tempos que surgiria mais tarde uma visão laica de um melhoramento nas áreas mundanas da vida do homem.¹³⁷ A

¹³⁶MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 147.

¹³⁷MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 172.

partir daí, ele passa a estudar os influxos culturais que chegaram na Europa entre o começo da Idade Média e o Renascimento.

O principal desses influxos é aquele vindo da cultura árabe. A partir do surgimento do islamismo, essa cultura se espalhou por grandes partes do mundo, “cercando” a Europa. Do século VII até a reconquista e depois até o fim do império otomano, o islã se espalha continuamente do sul da península ibérica até partes da Rússia e Europa Oriental e para o leste até a Indonésia. Maravall começa a análise dessa cultura pela apreciação de um fenômeno muito interessante para o estudo do *conjunto histórico* do Renascimento europeu: aquilo a que o historiador suíço Adam Mez chamou de *O Renascimento do Islã*, título de seu livro publicado originalmente em 1922¹³⁸.

Segundo Adam Mez, esse período em torno do século X teria visto uma retomada dos textos gregos e latinos pelos estudiosos árabes. O período iniciado pela ascensão do Califado Abássida foi marcado pela tolerância e pelo esforço estatal de recuperação dos centros de conhecimento. Esse processo se deu com o financiamento de tradutores e filólogos para a passagem dos textos gregos para a língua árabe e a fundação de uma grande biblioteca em Bagdá. Peter Adamson, professor de filosofia na Universidade de Munique Ludwig Maximilian, tem uma série de livros e pesquisas sobre o tema. Em *Philosophy in the Islamic World*, ele faz uma análise extensa das produções filosóficas de diversos autores do islamismo, como Avicena, Averroes e Maimônides¹³⁹. Maravall reconhece a importância desse fenômeno e comenta o trabalho dos estudiosos judeus na Andaluzia durante o período árabe. No entanto, no que refere ao tema do Renascimento, sua posição é mais cética. Maravall chega à conclusão de que essa

¹³⁸MEZ, Adam. *El Renacimiento del Islam*. Madri: Publicaciones de las Escuelas de estudios árabes de Madrid y Granada, 1936.

¹³⁹ADAMSON, P. *Philosophy in the Islamic World*. EUA: Oxford University Press, 2016.

redescoberta dos textos antigos no mundo árabe do século X não teve o mesmo efeito que a redescoberta alguns séculos mais tarde na Europa. Na Europa essa retomada teria levado a uma discussão sobre antigos e modernos na qual os modernos saíram como vencedores. No mundo árabe os vencedores teriam sido os antigos. Desse modo, logo após a derrocada do Califado Abássida, a ênfase volta para a reprodução inalterada do costume. Maravall vê essa ênfase através da prevalência do Hádice e da Suna (palavra que significa “caminho trilhado”) na estabilização do mundo árabe após o fim dos Abássidas. Segundo ele, essa ênfase teria levado esse movimento de redescoberta ao ostracismo e o mundo árabe a uma situação reacionária.

O período medieval na Europa seguiu um caminho diverso do mundo árabe. Para Maravall, o ocidente Europeu começa a formar uma cultura própria e única nessa divisão. Segundo ele, a Europa medieval é dominada pelo conceito de “*contemporaneidad*” com os antigos¹⁴⁰.

Esse panorama começa a ficar mais dinâmico no século XV. O longo trabalho intelectual de definição das idades que dividem a história, iniciado no fim da antiguidade e continuado durante a Idade Média, finalmente chega a uma divisão tripartite. Antiguidade, Idade Média e Idade dos Modernos. Essa divisão ainda não chega se tornar dominante nesse período, mas ela já começa a fazer parte de certa visão de mundo. O trabalho de definição dos grupos caracterizados pelos vocábulos “*Antiguo*” e “*Moderno*” iniciado na Idade Média também chega a uma conclusão. “Antigos” passa finalmente a designar especificamente os escritores greco-latinos, apontando para o fim da ideia de “*contemporaneidad*”. Foi nessa época que a palavra “moderno” começa a aparecer nas línguas vulgares. Maravall data o primeiro uso do vocábulo “moderno” no castelhano em

¹⁴⁰MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 172.

1417 e meses antes em catalão, no livro chamado *Los doce trabajos de Hérules*.¹⁴¹ O cenário começa a ter a configuração que mais tarde definiria os traços gerais do debate entre “*Antiguos y modernos*”.

A valorização de um ou outro desses grupos também começa a aparecer. Maravall nota o surgimento de ideias como a “idade dos modernos”. Essa idade começa a ser estimada por oposição à ideia da “idade de ouro”. A instalação do debate é completada com o surgimento de um novo tipo de reação à novidade: a crítica ao pré-capitalismo. Maravall argumenta que a crítica às fases iniciais do capitalismo, à usura e à desintegração do sistema econômico medieval muda o tom do escritor de crítica social. A crítica vai deixando de se dirigir aos males gerais da existência e da vida nos seus caracteres imutáveis. Quando a crítica passa então às mudanças econômicas, ela se foca no presente e na transformação histórica. A partir desse processo, podemos ver a ligação íntima entre as mudanças econômicas e as mudanças no campo das ideias, processo que tem a semente de uma nova consciência histórica.

Maravall inicia a sua análise da modernidade na terceira parte de *Antiguos y Modernos*: “*Factores ideológicos de la conciencia de progreso en el Renacimiento*”. Sua primeira preocupação é com o modo como os modernos trabalham as fontes clássicas. Os dois primeiros capítulos dessa parte tratam de dois aspectos característicos dessa leitura. O primeiro desses capítulos trata da função “histórica” dos mitos clássicos. Essa função assume as formas da exemplaridade e da imitação. O segundo desses capítulos trata da função oposta desse mito. Segundo Maravall, esses mitos deixam seu papel de fonte e passam ao papel de alvo de certa cultura nacional burguesa. Esses capítulos não apresentam grandes inovações quanto aos debates sobre a dinâmica da história cultural

¹⁴¹MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 240.

do Renascimento. A sua ideia mais importante é essa forma dual de se relacionar com a fonte clássica. Primeiro, tomando-a como exemplo, depois tomando-a como “*record*” a ser batido. Maravall acredita que a contribuição da burguesia nascente foi uma mistura de admiração e inveja pela cultura pregressa que não lhe pertencia.

Esse esquema é facilmente aplicável a qualquer dos países que viveram o Renascimento. É nos capítulos seguintes que essa atitude será mostrada no que a Espanha tem de específico. Para Maravall, o desenvolvimento das características específicas de cada país foi muito importante, pois foi a origem da nova consciência histórica da modernidade. No caso espanhol, o maior dos eventos nacionais foi a descoberta e a colonização da América. O esquema dual do Renascimento (emulação/superação) toma uma proporção impactante nesse processo de colonização. Por um lado, foi nas fontes antigas que os intelectuais foram buscar a inspiração para tratar das descobertas. Por outro, o choque da descoberta de um novo continente, cheio de coisas novas, diminui o aporte das teorias botânicas, geográficas, antropológicas, históricas, escritas pelos povos antigos. Esse foi o choque que acordou a cultura espanhola para o nascimento da nova era da modernidade.

Maravall argumenta que esse processo teve impactos profundos na visão de mundo dos espanhóis do Renascimento. Foram três os grandes avanços intelectuais do período, responsáveis por essa mudança de visão: 1. O despertar da consciência histórica no sentimento de comunidade durante a criação do estado moderno, 2. A circunstância da descoberta da América e 3. A experiência pessoal gerando a autonomia da razão.

As duas primeiras partes de *Antiguos y Modernos* tiveram sua importância maior na contribuição à empreitada historiográfica de mostrar o longo desenvolvimento milenar de algumas ideias relacionadas à ideia de progresso. Esse é o caso, por exemplo,

das discussões sobre a divisão da história em idades durante o período medieval. A parte três do livro difere das anteriores, pois começa a investigar os desenvolvimentos próprios da Espanha e da Europa durante o século XVI. Maravall argumenta que esse desenvolvimento próprio foi condicionado especialmente pela formação do estado nacional. A partir desse ponto, ele estuda como a cultura renascentista espanhola afirma a superação de antigos por modernos através da exaltação das conquistas nacionais.

A ligação entre as inovações no campo das ideias e o surgimento de certo protonacionalismo é uma característica marcada do Renascimento. Podemos ver esse processo em uma de suas mais brilhantes expressões na obra de Nicolau Maquiavel. Em *O Príncipe*, Maquiavel desenvolve duas posições entrelaçadas¹⁴². No campo da ciência política, ele desenvolve uma visão centrada no homem, com suas características reais. No campo da história, Maquiavel traça o percurso de alguns dos líderes italianos e usa essa história como exemplo para um projeto de estado italiano. Em nossa leitura de sua obra vemos dois desejos andando lado a lado: o desejo de um estado bem organizado e o desejo de uma Itália que pudesse se defender das potências europeias. É com esses dois desejos que Maquiavel dedica a obra a Lorenzo de Médici, governador de Florença. Ele nutre a esperança de que esse governador possa unificar a Itália munido de suas novas ideias sobre ciência política e história.

Maravall argumenta que essa atitude dupla, reunindo protonacionalismo e humanismo, teve um impacto na ideia de superação dos antigos pelos modernos. A formação dessa atitude começaria em uma discussão acerca da constância e variação na natureza e nas humanidades. O estudo da língua vulgar de cada país e a história própria nacional foram duas vertentes do desenvolvimento dessa atitude dupla. Isso gerou uma

¹⁴²MACHIAVELLI N., *Principe*. Turim: Einaudi, 1972. (Publicado originalmente em 1513)

valorização das produções nacionais específicas do país específico do humanista em relação ao passado greco-latino comum a todos. É o que Maravall vê no trabalho do humanista português Sánchez de Lima e no espanhol Garcia Matamorros¹⁴³. Para ele, ao contrapor as produções nacionais e a língua nacional a um passado comum a toda a civilização, o humanista abre a possibilidade para uma visão propriamente moderna e localizada historicamente na formação do estado moderno de superação dos antigos pelos modernos. A situação da Espanha nesse processo traz, portanto, as características próprias de sua história como motivos pelos quais os pensadores modernos seriam superiores aos antigos.

Maravall investiga essa característica específica da Espanha durante o Renascimento no capítulo 5, “*La circunstancia del descubrimiento de América*”. Foi na descoberta da América que esse processo intelectual reunindo protonacionalismo e humanismo atingiu sua expressão máxima na Espanha. Segundo ele, é na exploração desse tópico que os escritores espanhóis do Renascimento deixaram o caráter nacional espanhol mais claro e onde fica mais patente a sua noção de superioridade sobre os antigos. Maravall segue nesse capítulo a tese de Ortega sobre a colonização da América ter sido o maior feito da nação espanhola -- no qual os espanhóis reconheceram a si mesmos como nação moderna e superior à antiguidade.

“No hay nada dificultoso

*que no acometan y osen los mortales”*¹⁴⁴

Maravall começa o capítulo V fazendo referência a versos de Horácio (como

¹⁴³MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 406.

¹⁴⁴MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 431.

esse da citação) e a textos de Sêneca. Esses textos tratam da descoberta de novas terras e dos perigos da navegação. Maravall mostra como esses textos são lidos, comentados e traduzidos durante o começo da modernidade espanhola. Horácio foi lido e traduzido para o Espanhol durante o Renascimento. Desse autor veio o tópico da audácia dos navegantes: os homens que se lançavam ao mar desafiavam os deuses. De Sêneca vêm alguns tópicos sobre as navegações em geral, mas também sobre as partes que formam o mundo. No final de sua *Medea*, o coro canta uma profecia de que serão descobertas novas terras no futuro. Maravall mostra o papel das obras desses dois autores na formação da ideia das navegações, como partes da causa de um processo histórico, como inspiração e instrumental no planejamento das viagens.

Mais adiante, quando os espanhóis chegam de fato à América, os conhecimentos antigos são comparados às façanhas dos modernos. A comparação das conquistas militares no México e no Peru com as conquistas antigas, por exemplo, são um tema recorrente dessas comparações. É o processo intelectual que Maravall chama de “*La proyección del mito clásico sobre América*”:

“*Creo, sin embargo, que hay más que esto. No sólo con Hernán Cortés [conquistador do México], sino con otros múltiples aspectos del tema americano, se aplica ese procedimiento. Es una transposición de los esquemas mentales con que se pensaban las cosas europeas, a las del nuevo mundo – en lo que tal vez hay que ver la más colosal empresa intelectual española*”¹⁴⁵

José Manuel Pedrosa, professor da Universidade de Alcalá, escreveu um artigo no qual expressa uma visão semelhante. Em “*Los mitos en la era de los*

¹⁴⁵MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 439.

Descubrimientos”¹⁴⁶, Pedrosa avalia que a descoberta da América viu a projeção dos mitos clássicos – e também de mitos do norte da África árabe e da África austral – sobre um continente na maior parte das vezes não cabia dentro desses mitos antigos. Pedrosa argumenta que essa falta de explicação para as novidades trazidas pelas descobertas se aliou à invenção da imprensa. As histórias e geografias escritas sobre o novo mundo foram impressas e ajudaram a formar uma cultura naturalista, com descrições de plantas, minérios, antropologia. Dessa forma, Pedrosa argumenta que a cultura gerada nessa “projeção insuficiente” transformou os modelos literários, assim como os conteúdos.

Para Maravall, a descoberta da América é esse momento de projeção da ideia antiga sobre o novo continente. A partir dessa projeção, os espanhóis vão aos poucos descobrindo as limitações das ideias antigas. Conforme essas limitações vão ficando patentes, começa o movimento de consciência histórica da valorização da modernidade em relação à antiguidade. Maravall analisa essa valorização através do que chama de “*Los tres órdenes de superioridad de los tiempos modernos*”¹⁴⁷. Ele separa as três áreas em que essa valorização foi mais forte. São elas: “domínio político”; o “saber” e o que hoje chamaríamos de “técnica”.

Os argumentos relacionados a essas ordens de superioridade são o núcleo do aporte feito pela obra *Antiguos y Modernos* aos debates que analisaremos no próximo capítulo. Segundo Maravall, o fenômeno sociocultural dessa percepção de superioridade em relação aos antigos foi um ponto de viragem. As ideias que vinham sendo desenvolvidas por milênios nas tradições culturais grega, hebraica, medieval, foram então vistas a partir de uma nova consciência histórica. Analisaremos no capítulo seguinte, as

¹⁴⁶PEDROSA, J. M. Los mitos en la era de los Descubrimientos. *Memoirs of the Cultural Documents Research Institute, Aichi Prefectural University*, N. 2, pp. 124-132, 2016.

¹⁴⁷MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 441.

implicações desse processo.

Capítulo III

Neste capítulo estudaremos a relação entre as teses do livro *Antiguos y Modernos* e a situação dos debates intelectuais aos quais ele foi direccionado. Ao longo do estudo que temos realizado sobre a obra de José Antonio Maravall Casesnoves notamos que as teses do livro se relacionam com três grandes debates no panorama intelectual espanhol e historiográfico geral dos anos 1960. Ao longo do estudo das obras de Maravall pudemos notar que esses debates têm relações com preocupações antigas já expressas ao longo de suas outras publicações. É em *Antiguos y Modernos* que Maravall finalmente desenvolve respostas que considera satisfatórias em relação a essas preocupações. Os debates são os seguintes:

1. O debate sobre o papel causal das ideias na história
2. O debate sobre o *Ser de España* (uma tentativa plurissecular de compreensão do carácter nacional do povo espanhol e do papel da Espanha no mundo).
3. O debate sobre o surgimento da teoria de progresso

Antes de analisar os debates propriamente, procederemos a uma reconstrução da estrutura lógica a eles subjacente. A recuperação dos argumentos envolvidos visa o clareamento das questões, porque a maneira como Maravall expõe as teses não está dividida de acordo com os debates. A exposição de Maravall coloca a ênfase no processo de desenvolvimento histórico, na transformação dessas ideias no tempo. Além disso, algumas dessas teses não foram expostas de forma explícita, devido às dificuldades de escrita no regime fascista da Espanha. Esse procedimento nos ajudará a melhor compreender os temas e problemas envolvidos.

Em *Antiguos y Modernos*, Maravall estuda três tempos pelos quais uma ideia pode passar no que diz respeito ao seu papel nas transformações históricas. Cada um desses tempos retrata uma esfera de correlação entre os fatos históricos e o desenvolvimento das produções intelectuais. Maravall trabalha esses três tempos ao longo do livro de forma não sistemática. O tratamento que daremos aqui é uma sistematização desse trabalho de forma a tentar compreender melhor os argumentos principais de *Antiguos y Modernos*. Dessa maneira, procuramos sistematizar aquilo que está espalhado nas 628 páginas do livro quanto a esse tema.

O primeiro desses tempos está na correlação de uma ideia com o advento do fato histórico. Esse é o papel da ideia como causa. Maravall trabalha essa esfera de correlação através de uma visão neokantiana segundo a qual a ideia é um pré-requisito, uma categoria de pensamento, para a criação de uma relação significativa do sujeito com o mundo. É o caso, por exemplo, dos versos de Horácio que mencionamos anteriormente. Esses versos ajudaram a criar, no espanhol do século XV, a possibilidade de imaginar, projetar e analisar as possibilidades concretas da descoberta de um novo continente. Essa imaginação foi necessária antes do fato da descoberta acontecer historicamente. Esse primeiro tempo define a face causal da produção intelectual na história.

O segundo desses tempos da correlação entre ideia e história é o do período de duração do fato histórico. Trata-se do papel estruturante da ação que algumas ideias assumem durante as transformações históricas. Pensamos num exemplo que poderia ilustrar a concepção de Maravall: é o caso de um manual de instruções, usado durante a operação de uma máquina. Embora a leitura do manual seja feita antes e durante pausas na operação, a ideia trazida pelo manual também está operando a máquina dentro da mente do operador. No caso da descoberta e conquista da América, pode-se ver efeito análogo na leitura que alguns dos espanhóis fizeram de obras clássicas. É o caso da leitura

de narrativas das campanhas militares de Júlio César na Gália que serviram de modelo para a conquista do México. Aqui também se vê a tradição neokantiana na qual a ideia desenvolvida historicamente é fator essencial para a criação de uma relação significativa com o mundo. Esse segundo tempo define a face estruturante da ideia para a ação humana durante a história.

O terceiro tempo do papel histórico de uma ideia foca no resultado do processo. Esse tempo define a face da ideia como o produto do processo histórico, não mais como sua causa. Para Maravall, esse terceiro tempo da ideia, durante o Renascimento espanhol, foi o momento em que a teoria de progresso surge pela primeira vez na história do ocidente. Essa ideia de progresso teve, e ainda tem, papel basilar no pensamento ocidental. Maravall vê essa ideia como uma categoria de pensamento formada historicamente ao longo de milênios de desenvolvimento da cultura. Como discutimos anteriormente no capítulo um, a possibilidade dessa formação historicizada das categorias de pensamento foi uma inovação dos neokantianos. Essa formação histórica foi desenvolvida em oposição ao caráter estático (*a priori*) que Kant atribuiu às categorias originalmente. Esse terceiro tempo trata a ideia como produto histórico.

Cada um desses tempos corresponde a um momento específico do desenvolvimento de uma ideia. Do ponto de vista do *conjunto histórico* Renascimento, o primeiro tempo é a ideia no passado. Se formos ser mais precisos, trata-se de um conjunto de ideias ainda não ordenado que atua como causa de um processo. O segundo tempo é o presente do processo histórico, no caso, o Renascimento. Esse segundo momento é marcado pelo teste das ideias contra a realidade e pela recombinação do conjunto de ideias anteriores enquanto elas estruturam a ação do homem no mundo. O terceiro momento da correlação entre ideia e fato é o que acontece depois de findo determinado processo histórico. É o momento de retrospecto, em que o passado é visto como conjunto com

sentido passível de identificação e teorização. É o momento em que a ideia vira ela mesma um fato. Para Maravall, esse momento após a descoberta da América, em fins do Renascimento espanhol, foi o momento em que se deu a primeira teorização acerca do progresso.

Vamos aqui explorar essas ideias desenvolvidas em *Antiguos y Modernos* através do uso de um diagrama. Esse diagrama tem o propósito de deixar mais claro o funcionamento desse processo e também o relacionamento entre esses tempos como fases de um mesmo desenvolvimento.

Figura 1 – Diagrama dos tempos da relação entre fato histórico e uma ideia

Cada parte desse diagrama tem um significado próprio que tentaremos

explicar detalhadamente¹⁴⁸. Essa explicação será feita antes da análise de cada um dos três tempos e sua relação com os três debates que apontamos acima. Esses três momentos são importantes para nossa análise porque cada um deles é a base de cada um dos três debates principais em que *Antiguos y Modernos* se insere no contexto de sua publicação.

Debate 1

O papel causal das ideias

Maravall começa a análise deste tema já na introdução de *Antiguos y Modernos*. Em primeiro lugar ele faz uma revisão panorâmica de algumas obras que tratam da formação da ideia de progresso no Ocidente¹⁴⁹. Analisaremos essas obras ao longo da terceira parte deste capítulo. Após essa breve revisão, Maravall nota que, para os estudiosos de história da economia europeia, já havia ficado clara a existência de um progresso econômico ao longo do século XVI. A partir dessa constatação, Maravall se pergunta se esse progresso já havia se refletido no campo das ideias gerais acerca da sociedade em forma de teoria de progresso. Para ele, esse questionamento é um dos principais impulsos para o historiador de seu tempo estudar o século XVI:

“Y cuando la labor se centra sobre el siglo XVI, los resultados

¹⁴⁸Esse diagrama é uma adaptação do “Diagrama de Feynman”. Esse tipo de diagrama foi usado pela primeira vez em 1949, originalmente para o estudo da aniquilação de partículas subatômicas, destruindo uma situação no passado para a geração de uma nova situação no futuro. Essas partículas que se aniquilam têm cargas opostas e se aniquilam ao longo do tempo, gerando então novas partículas opostas. Acreditamos que se possa fazer uma adaptação para trabalhar o papel das ideias na história, já que o comportamento das ideias tem analogias interessantes com a questão do “aniquilamento de situações passadas”. Pretendemos desenvolver essa adaptação desse diagrama de maneira mais aprofundada para os estudos históricos em uma oportunidade futura.

¹⁴⁹MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 7

*pueden constituir una aportación de interés, ya que el estudio de esa época, económico, político, espiritual, tiene hoy especial valor: nos proporciona hoy el primer vislumbre de la idea de crecimiento, de avance o de progreso, en una sociedad en desarrollo. ¿Existió ese avance en el siglo XVI y, consiguientemente, una conciencia correlativa de adelanto de los tiempos?*¹⁵⁰

Essa é a principal questão de *Antiguos y Modernos*. O livro termina com uma resposta positiva e com uma tentativa de estudo dessa consciência correlativa do progresso. Após o estabelecimento dessa questão, ainda na introdução, Maravall passa a estabelecer as linhas gerais da metodologia de trabalho a ser utilizada no livro. Antes de definir sua própria metodologia, ele considera aspectos da metodologia marxista do estudo da correlação entre as ideias e a economia.

Maravall se detém um momento na consideração da teoria marxista de que a realidade social seria dividida entre “Infraestrutura” e “Superestrutura”. Ele afirma, em *Antiguos y Modernos*, conhecer essa teoria através da leitura de *La Ideologia Alemana* e de *Contribución a la Crítica de la Economía Política*. Dessa segunda obra Maravall cita a seguinte frase:

*“... el conjunto de las relaciones de producción constituye la estructura económica de la sociedad, la base concreta sobre cual corresponden formas sociales de conciencias determinadas. El modo de producción de la vida material condiciona el proceso de vida social, política e intelectual en general.”*¹⁵¹

Como pudemos ver nessa citação e na leitura que realizamos dessas obras de

¹⁵⁰MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 7

¹⁵¹MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 8

Marx¹⁵², há uma relação de causa e consequência na história intelectual. A condição material causaria a condição intelectual de um determinado grupo social. Essa perspectiva desenvolvida por Marx tem relação direta com a discussão que realizamos no primeiro capítulo dessa dissertação. Desse modo, iremos nos deter em um breve análise desse ponto de vista teórico.

Assim como grande parte da teoria marxista, a discussão conduzida em Ideologia Alemã foi desenvolvida em reação à teoria da história de Hegel. A *Ideologia Alemã* em especial, é uma crítica desenvolvida contra os pensadores conhecidos como “Jovens Hegelianos” ou “Hegelianos de Esquerda”. Este movimento político-social havia surgido após a morte de Hegel. Warren Breckman, do departamento de história da Universidade da Califórnia, Berkeley, escreveu um livro sobre esse movimento, *Marx, the Young Hegelians, and the Origins of Radical Social Theory: Dethroning the Self*¹⁵³. Nesse livro há um panorama do pensamento dos principais autores pertencentes ao grupo. Ele era formado por seguidores de Hegel que rejeitavam a tese hegeliana de que o estado alemão era a realização máxima da história. A crítica social era um fator importante na filosofia, história e teologia desenvolvida pelos membros do movimento. Filósofos como Ludwig Feuerbach, Max Stirner, Bruno Bauer e Karl Marx, criticavam o estado imperial alemão e outras instituições tradicionais como a igreja católica. Esse livro de Breckman também traz uma explicação da divisão entre Marx e o restante do grupo. Marx defendia, como analisamos acima, a tese de que as relações materiais de produção determinavam o curso dos desenvolvimentos intelectuais. Outros jovens hegelianos, como Bruno Bauer, não rejeitam a precedência da ideia sobre a matéria como desenvolvida no idealismo

¹⁵²MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Ideologia Alemã. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 1999.

¹⁵³BRECKMAN, Warren. *Marx, the Young Hegelians, and the Origins of Radical Social Theory: Dethroning the Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

hegeliano, mantendo o princípio de que a história era movida pelo desenvolvimento das ideias.

Segundo o que discutimos anteriormente no capítulo um, José Maravall e seu mentor, Ortega y Gasset, rejeitam os dois extremos da discussão entre Materialismo e Idealismo. No caso específico do papel causal das ideias na história, Maravall também rejeita a ascendência da matéria como causa de todos os fenômenos intelectuais, assim como também rejeita a ascendência da ideia como causa dos fenômenos materiais. O caminho seguido por Maravall fica no meio termo entre esses dois opostos. Essa postura fica clara nas duas citações que faz da obra de Pierre Vilar, *Crecimiento y Desarrollo*¹⁵⁴:

*“existe una estrecha correlación entre crecimiento de las fuerzas productivas de un país y convicciones extendidas entre las clases sociales que asumen la responsabilidad de ese crecimiento. Está por hacer una historia de las relaciones entre crecimiento e ideología de progreso”*¹⁵⁵

A segunda citação se refere à causalidade e à atitude que o historiador deve manter para trabalhar com ela:

*“una sensibilidad para la interpretación continua entre los factores históricos, al mismo tiempo que una desconfianza sistemática hacia toda idea de causalidad unilateral; economistas y sociólogos intentan el aislamiento de modelos movidos exclusivamente por impulsos internos, endógenos; la Historia es la observación atenta de todos los impulsos”*¹⁵⁶

¹⁵⁴VILAR, Pierre. Desenvolvimento econômico e análise histórica. Lisboa: Ed. Presença, 1982. A obra de Pierre Vilar é de especial interesse para o trabalho realizado por Maravall. Pierre Vilar trabalha a história da Espanha a partir de duas tradições teóricas, o Marxismo e a então relativamente nova História dos Annales

¹⁵⁵MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 9.

¹⁵⁶MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 9.

Pierre Vilar é uma evocação interessante. Embora fosse marxista, Vilar abandona a ortodoxia da divisão entre infraestrutura e superestrutura e parte para o que chama de “história total”. Maravall usa essa “*observación atenta de todos los impulsos*” para compreender o papel causal da ideia como um desses impulsos. Dessa maneira, tentamos deixar clara essa atitude que Maravall vai adotar ao longo do livro na primeira parte do esquema que desenhamos acima. Mais adiante iremos explorar o modo como Maravall trabalha essa causalidade no contexto da descoberta e colonização da América.

Figura 2 – Primeiro tempo da ideia na história – Causalidade

Como mostrado na figura, o trabalho desenvolvido por Maravall toma a ideia como elemento independente da realidade material das relações de produção. Embora Maravall vá estudar um tema essencialmente ligado à economia, como é o caso do progresso, ele trata as ideias sobre os fenômenos econômicos como elementos tão importantes quanto os processos concretos de produção, finanças ou de comércio ligados ao progresso.

Esse é o caso do tópico literário da navegação durante o fim do século XV e início do século XVI. Maravall trabalha uma série de autores clássicos que exploram esse

tema no capítulo em que trata do período da descoberta e colonização da América. Ele analisa textos de Horácio e Sêneca e também uma série de tradutores e comentadores desses textos, além de poetas e literatos que trouxeram os *topoi* desses autores clássicos para os movimentos literários da época. Maravall começa o capítulo analisando um verso de Horácio traduzido para o espanhol pelo humanista Diego Ponce de León y Guzmán, como consta no *Las Flores de Poetas Ilustres de España*¹⁵⁷:

“No hay nada dificultoso

que no acometan y osen los mortales”

Segundo Maravall, esses versos formaram parte de um movimento de valorização da atividade da marinha. Essa valorização é tão importante para o impulso que levou os homens do período às viagens das descobertas quanto os impulsos econômicos das demandas materiais. Essa formação de uma cultura propícia aos descobrimentos explica porque muitos dos povos do norte da Europa, embora partilhando as mesmas demandas materiais que os ibéricos, demoraram muito mais tempo para entrar no movimento da colonização da América.

Maravall também analisa a *Medeia* de Sêneca. Segundo o *Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist*¹⁵⁸, essa peça foi escrita em torno de 50 d.C. No fim da peça, nos versos cantados pelo coro, há uma profecia do descobrimento de novas terras além mar. Citamos a seguir um pequeno excerto da obra que exemplifica a exploração desse tópico literário¹⁵⁹:

¹⁵⁷ESPINOSA, Pedro de. *Las flores de poetas ilustres de Espana*. Sevilha, Espanha: Rasco, 1896.

¹⁵⁸HEIL, Andreas, DAMSCHEN, Gregor. *Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist*. Leiden, Países Baixos: Brill, 2013.

¹⁵⁹SENECA, L. A. MEDEA. 50 d.C. Disponível em: <http://www.theoi.com/Text/SenecaMedea.html>. Acesso em: 14 de julho de 2018

Poupai-nos, ó deuses, suplicamos-vos a graça
 de que possa viver em segurança aquele que subjugou
 os mares. Mas o senhor do mar profundo enfurece-se
 por o segundo reino ser conquistado.

Segundo Maravall, Sêneca trabalha esse tópico da navegação em várias de suas obras. O tópico é subdividido em três sub tópicos: o primeiro é a audácia dos primeiros a se lançar nas ondas em cima de “tábuas frágeis”; o segundo é a inocência de uma idade primitiva que se contentava com pouco e não ousava atravessar o mar; o terceiro é a superioridade de sua própria época, na qual os mares (no caso, o mediterrâneo) foram domados e são criadas outras cidades em outras terras. A partir dessa análise, Maravall passa aos comentadores e às obras de outros poetas e escritores que desenvolveram e exploraram os temas senequistas durante o século XVI.

Foi o caso de López de Villalobos, escritor de *Libro intitulado Los problemas de Villalobos*¹⁶⁰, de 1544. Nessa obra o autor trata de diversos temas que o preocupavam, como medicina, alimentação e demais conhecimentos sobre cultura e sociedade humanas abrangidos na época pelo nome de “moral”. Ele usa os temas de Sêneca para criar uma imagem do homem espanhol característico do Renascimento. Essa imagem segue a colocação do homem no centro da história, característica do Renascimento. No entanto, explorando o tema senequista da ousadia do homem que navega, López de Villalobos coloca o homem no centro, caracterizando as navegações como desafio à ordem estabelecida por Deus de que o homem deveria ficar preso à terra. O frei Alonso de

¹⁶⁰VILLALOBOS, López. Caragoça, Espanha: casa de George Coci, 1544. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/libro-intitulado-los-problemas-de-villalobos-que-trata-de-cuerpos-naturales-y-morales-y-dos-dialogos-de-medicina-y-el-tractado-de-las-tres-grandes-y-vna-cancion-y-la-comedia-de-amphytrion/>. Acesso em: 13 de Julho de 2018.

Castrillo, em seu *Tratado de República*¹⁶¹, também trabalha esse tópico senequista. Ele vê as navegações como momento de transformação do homem, de perda de inocência e nascimento de uma nova consciência. O professor Pablo Luis Alonso Baelo, em seu artigo *El Tratado de República de Alonso de Castillo. Una reflexión sobre la legitimidad de la acción política*¹⁶², faz uma ligação interessante entre o momento do pensamento espanhol do Renascimento e essa obra de Alonso de Castrillo. O professor Pablo Luiz analisa a ligação existente no *Tratado de República* entre o pensamento republicano no Renascimento espanhol, as transformações econômicas trazidas com a colonização da América, o auge da monarquia espanhola e as transformações políticas do período. Segundo ele, os fatores da nova consciência histórica advinda da colonização, aliados à pujança econômica das cidades espanholas do período, fomentou um processo político que teria desembocado na *Guerra de las Comunidades de Castilla*, que Pablo Luis prefere chamar de *el Movimiento Revolucionario de las Comunidades*. Essa posição também é adotada por Maravall em seu livro *Las Comunidades Castellanas* e demonstra claramente a atitude de causalidade conjunta da matéria e da ideia no processo histórico.

Outro aspecto característico do Renascimento espanhol foi a falta de relatos geográficos, botânicos, históricos, etc. deixados pela antiguidade sobre o novo mundo. Maravall cita o exemplo do estudo empreendido sobre a Alemanha por Maquiavel no Renascimento italiano. Maquiavel pode contar com a *Germânia* de Tácito para estudar a Alemanha; ele inclusive prefere fazer referência à essa obra clássica do que recorrer aos relatos escritos em seu próprio tempo. Esse não foi o caso daqueles que trataram da América, já que não havia relatos clássicos. Por isso, a empresa intelectual espanhola na

¹⁶¹CASTRILLO, Alonso. *Tratado de República*, 1524.

¹⁶²ALONSO BAELO, Pablo Luis. *El Tratado de República de Alonso de Castillo. Una reflexión sobre la legitimidad de la acción política*. *Res publica: revista de filosofía política*, Espanha, N.18, págs. 457-490, 2007.

América sentiu um peso menor da tradição clássica. Daí os relatos escritos na modernidade terem um peso causal maior no curso da história espanhola. O resultado desse processo foi o poder “inflamável” da ideia do “novo” no Renascimento espanhol. Maravall analisa as cartas de Pedro Mártir endereçadas a diversos personagens do fim do século XV e início do XVI¹⁶³. Estas cartas davam a notícia dos descobrimentos e discutiam o impacto das descobertas no pensamento europeu do período. Uma dessas cartas, endereçada ao cardeal Bernardino de Carvajal, trata das ideias antigas de Sêneca e Aristóteles sobre as descobertas e navegações, ao mesmo tempo em que reconhece na descoberta da América o início de uma nova época. Esses relatos tiveram o papel de “*invención de un nuevo mundo*”¹⁶⁴. Esse novo mundo foi composto de ideias novas trazidas pelos relatos sobre o novo continente e também de ideias antigas sobre a possibilidade de novos mundos.

Maravall argumenta que a valorização da novidade ajudou a criar uma cultura que mudou o modo como os europeus viam o mundo. Essa valorização teria sido uma criação intelectual que estaria na base da atual cultura progressista. Mais adiante, em *Antiguos y Modernos*, ele analisa o modo como essa nova cultura operou durante a colonização da América e como ela contribuiu na formação da modernidade. O professor da Universidade de Coimbra, José Sebastião da Silva Dias, publicou um livro sobre esse desenvolvimento cultural relacionado à América, *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*¹⁶⁵. Discutiremos essa obra de maneira mais aprofundada na seção do segundo debate no qual se insere *Antiguos y Modernos*. Por enquanto, nos interessa de

¹⁶³MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 436.

¹⁶⁴MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 434.

¹⁶⁵DIAS, José Sebastião da Siva. *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*. Lisboa, Portugal: Editora Presença, 1982.

sua obra a argumentação de que o conhecimento trazido pelos descobridores criou uma cultura própria, com impactos profundos na mentalidade do início da modernidade.

Esse modelo de causalidade do fenômeno das descobertas e da colonização da América contrasta profundamente com modelos advindos de outras escolas de pensamento histórico. É o caso da já citada escola marxista. Também é o caso da escola positivista, com sua ênfase na causalidade política dos fatos sociais. No caso da escola marxista podemos fazer a comparação com o modelo de causalidade da descoberta da América como exposto no artigo *1492: The discovery of America*” publicado na *International Review* em 1992¹⁶⁶. Nesse artigo, usa-se o método marxista para a análise dos fatores que levaram à descoberta da América. A postura do autor com relação à causalidade pode ser vista já em uma das primeiras frases:

*“The wind swelling the sails of the Caravelles and driving them
on to new horizons was mercantile capitalism in search of new trade routes to
India and Asia, and the spices and silks “more valuable than gold”.*

O autor leva essa postura em relação à causalidade mais adiante, quando analisa o fato de que navegadores vikings já haviam alcançado a costa americana. Segundo ele, essa “descoberta da América” pelos vikings, ou por outros possíveis descobridores no passado, havia caído no esquecimento pois não correspondia às necessidades econômicas do período em que ocorreu. Mais adiante no texto há a menção ao papel daquilo que o autor chama de conhecimento. Ele se refere aos desenvolvimentos na construção de barcos, nas técnicas financeiras e na geografia. No entanto, esse papel fica limitado à contribuição imediata que essas ideias fizeram às técnicas relacionadas à

¹⁶⁶J.J. 1492: The discovery of America. *International Review* no.70, 1992. Disponível em: <http://en.internationalism.org/internationalreview/200912/3406/1492-discovery-america>. Acesso em: 14 de Julho de 2018.

navegação e às atividades econômicas que impulsionaram essa navegação. Por fim, o autor afirma que a colonização da América foi fruto da necessidade de rompimento com as antigas relações de produção ou de propriedade pelas novas forças produtivas surgidas durante o começo da modernidade.

Maravall não está tentando negar, ou mesmo discutir, esse tipo de tese. O que ele tenta em *Antiguos y Modernos* é mostrar que existem outras esferas de causalidade e origem dos impulsos que levaram à ocorrência do fenômeno. Além disso, sem essas outras causalidades seria impossível entender o fenômeno. Embora seja claro para Maravall que as necessidades materiais das relações de produção têm seu papel causal na história, também fica claro que esse modelo causal material tem algumas limitações epistêmicas. Ele não explica a valorização artística de certas atividades e a desvalorização de outras. Também deixa de lado as questões de retórica e do papel da criação artística, além de subsumir a criação científica ao seu papel de apoio à prática. Desse modo, em *Antiguos y Modernos* é apresentado um modelo de causalidade alternativo, mas também complementar às outras correntes historiográficas dos anos 1960.

Debate 2

O Ser de España

A preocupação com o estudo do caráter nacional espanhol é muito anterior ao trabalho de Maravall. A questão do caráter nacional data do estabelecimento dos estados-nações no século XIX, e tem implicações em todas as esferas da vida de um país; o estudo das características de uma nação ajuda a informar o debate sobre os rumos políticos que tal país deve seguir. O debate sobre o *Ser de España* foi direcionado para a avaliação dos

rumos da Espanha de modo semelhante ao papel das interpretações do Brasil, como a *História Geral do Brasil*¹⁶⁷ de Varnhagen ou *Casa-Grande & Senzala*¹⁶⁸ de Gilberto Freire, na condução da política brasileira. Essas obras formaram a visão de políticos que por sua vez tiveram influência direta no curso da história brasileira.

Em *Antiguos y Modernos*, Maravall trabalha uma visão muito específica de seu país. Essa visão é marcada pela tentativa de alinhar o rumo da nação espanhola com o rumo da Europa na segunda metade do século XX. Na introdução do livro, Maravall compara esse estudo com aqueles realizados por outros historiadores do pensamento em outros países europeus. Ele cita os nomes de Jules Delvaille¹⁶⁹, Hubert Gillot¹⁷⁰ e Ferdinand Brunetière¹⁷¹ na França; J. B. Bury¹⁷², Richard F. Jones¹⁷³ e Ernest Lee Tuveson¹⁷⁴ na Inglaterra; Giovanni Gentile, Margiotta e Roldolfo Mondolfo¹⁷⁵ na Itália. Vamos retornar às teses expostas por esses historiadores do progresso na apresentação do último debate, sobre a teoria de progresso propriamente dita. Nesse segundo debate, a relevância dessa listagem está na constatação da existência de um movimento intelectual. Esse movimento tinha como meta a compreensão do nascimento da ideia de progresso e suas relações com a cultura de cada país. Maravall é leitor dessas obras e se inspira nelas

¹⁶⁷VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História Geral do Brasil*. Salvador: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO (CDPB), 2011.

¹⁶⁸FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

¹⁶⁹DELVAILLE, Jules. *Essai sur L'Histoire de L'Idée de Progrès Jusqu'à la Fin du XVIIIe Siècle*. Paris: Librairies Félix Alcan et Guillaumin Réunies, 1910.

¹⁷⁰GILLOT, Hubert. *La Querelle des anciens et les modernes em France: de la "Défense et illustration de la langue française" aux "Parallèles des anciens et des modernes"*. Paris: A. Crepin-Leblond, 1914.

¹⁷¹BRUNETIÈRE, Ferdinand. *Études Critiques sur L'Histoire de la Littérature Française*. Paris: Librairie Hachette, 1911.

¹⁷²BURY, J. B. *The Idea Of Progress: An Inquiry Into Its Origin And Growth*. Project Gutenberg: 2010. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/4557/4557-h/4557-h.htm>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

¹⁷³JONES, Richard Foster. *Ancients and Moderns*. Washington: Dover Publications, 1982.

¹⁷⁴TUVESON, Ernest Lee. *Millenium and Utopia: A study in the background of the Idea of Progress*. Berkeley, EUA: University of California Press, 1950.

¹⁷⁵MONDOLFO, Rodolfo. *Una profundización progresiva de la consciencia filosófica*. 1960.

para estudar as particularidades do pensamento espanhol na relação com essa ideia. A importância desse estudo ser focado na nação espanhola está diretamente relacionada com a imagem de país que Maravall deseja mostrar. Esse elemento do progresso será um dos constituintes da sua caracterização do “*Ser de España*”.

Como dissemos acima, essa caracterização feita por Maravall é direcionada a favor de um movimento específico nos rumos políticos espanhóis. Dessa forma, ela também é direcionada contra os argumentos de outras caracterizações do “*Ser de España*” que tentam apontar os rumos políticos espanhóis para caminhos diversos dos almejados por Maravall e Ortega. Há várias correntes intelectuais empenhadas em realizar essa caracterização durante a primeira metade do século XX, cada qual com seu próprio projeto político. De forma a entender melhor o debate no qual o livro *Antiguos y Modernos* se insere dividiremos as propostas de acordo com o que chamaremos de “apontamento geográfico”. Procederemos dessa maneira pois cada um desses projetos de nação teve uma região geográfica de preferência com a qual a Espanha deveria se aproximar, ou evitar se aproximar, e com ela atar seu destino. Além disso, também tentaremos compreender as objeções de Maravall a cada uma dessas caracterizações.

A primeira dessas caracterizações que estudamos é aquela que chamaremos nessa dissertação de “Africana”. Essa visão do “*Ser de España*” mostra as similaridades da história espanhola e aquela africana. Iremos explorar essa visão através dos estudos do filósofo, ensaísta e romancista Miguel de Unamuno, especialmente no ensaio *Sobre la europeización*¹⁷⁶, no qual ele critica a “europeização da Espanha”. Há uma interessante querela entre Unamuno e Ortega sobre este tema, em especial o papel da Espanha na comunidade científica. A segunda caracterização do “*Ser de España*” é a que chamaremos

¹⁷⁶UNAMUNO, Miguel. *Sobre la europeización (arbitrariedades)*. *La España Moderna*, Madri, n. 216, pp. 64-83, 1906.

de “Oriental”. Essa visão da nação espanhola teve seus defensores nos historiadores e pensadores da esquerda ligados ao comunismo. Esses pensadores estiveram ativos durante quase todo o século XX e advogavam o alinhamento da Espanha com a política da União Soviética e com os outros países socialistas. Essa visão teve sua expressão política mais clara durante o governo republicano liderado pela esquerda durante a guerra civil espanhola. A terceira caracterização do “*Ser de España*” é aquela ligada ao franquismo do pós-guerra, que chamaremos de “Isolacionista”. Essa visão da nação espanhola estava ligada ainda à prática econômica da autossuficiência, comum nos países fascistas. Essa visão teve sua expressão política no período logo após a segunda guerra conhecido como “Autarquia”. A quarta e última caracterização do “*Ser de España*” é aquela que chamaremos de “Europeia”, advogada por Ortega e Maravall, entre outros. Essa é a visão que iremos procurar mostrar no trabalho de Maravall em “*Antiguos y Modernos*”. Sua expressão política dominante se deu após o fim da autarquia, o realinhamento espanhol com os aliados no Pacto de Madri, o alinhamento com o capital italiano, e especialmente durante e após os tratados para a entrada da Espanha na União Europeia. Veremos como a discussão acerca da formação da ideia de progresso na Espanha é importante nesse tipo específico de caracterização do país. Passaremos agora a uma revisão panorâmica do cerne de cada uma dessas caracterizações. Os nomes “Europeia”, “Africana” e “Isolacionista” foram usados por autores do período para tratar das suas próprias visões. O nome “Oriental” foi usado aqui por analogia às designações geográficas.

A primeira visão de “*Ser de España*” que estudamos é a “Africana”. Essa visão foi em parte desenvolvida no debate entre Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset, conhecido como “A europeização da Espanha ou a Espanholização da Europa”. O professor de história da filosofia espanhola da Universidade Complutense de Madri,

José Luis Abellán, fez um ciclo de conferências em que discute esse debate¹⁷⁷. Segundo Abellán, esse combate se dá entre os temas ciência e religião: Ortega defendia a europeização, a modernidade e a ciência; Unamuno defendia a mística, a aproximação com a África e a antiguidade, além de uma espanholização da Europa. Dessa forma, Unamuno começa seu famoso ensaio com seu questionamento sobre o “*Ser de España*”:

“Conviene hacer uno en sí mismo examen de conciencia nacional, y preguntarse como español qué valor íntimo y duradero tienen la mayor parte de los tópicos regenerativos que venimos repitiendo casi todos, unos más y otros menos.”

A partir dessa questão inicial, Unamuno rechaça o que ele chama de termos vagos: “Europeu” e “moderno”. Segundo ele, esses termos não correspondem ao caráter nacional espanhol e estão sendo forçados na cultura espanhola. Ele acredita que a raiz desses termos está em uma ortodoxia científica que não lhe interessa. O caráter europeu da Espanha teria sido uma consequência indesejada do auge político da Espanha após o descobrimento da América e do que ele chama de “intrometimento” dos espanhóis nos assuntos dos outros povos. Note-se o contraste de valorização: enquanto Maravall vê a descoberta da América como momento de maior expressão do caráter nacional da Espanha, Unamuno acredita que esse período foi onde a Espanha se perdeu por tentar controlar outros povos:

“Se ha dicho que con los Reyes Católicos y la unidad nacional se torció acaso el curso de nuestra historia. Lo cierto es que desde ellos, y mejor aún después de ellos, con el descubrimiento de América y nuestro entrometimiento en los negocios europeos, nos vimos arrastrados en la

¹⁷⁷CICLO DE CONFERENCIAS: Las grandes polémicas de la cultura española, 3, 1994, Madri. Disponível em: <https://www.march.es/conferencias/anteriores/voz.aspx?p0=2216>. Acesso em: 18 de Junho de 2018.

*corriente de los demás pueblos.”*¹⁷⁸

Para Unamuno esse processo não foi ruim apenas politicamente. Os efeitos culturais também teriam sido ruins, na medida em que o Renascimento teria dissipado a cultura medieval e a preocupação dos espanhóis com a morte:

Y entró en España la poderosa corriente del Renacimiento y nos fue borrando el alma medieval. Y el Renacimiento era en el fondo todo eso: ciencia, en forma sobre todo de Humanidades, y vida. Y se pensó menos en la muerte y se fue disipando la sabiduría mística.”

Unamuno centra sua crítica primeiro contra os termos “Europeu” e “Moderno” e depois contra o termo “Vida”. É nas alternativas a eles que se pode encontrar seu projeto para a Espanha.

Contra os dois primeiros termos, Unamuno faz menção às *Confissões* de Santo Agostinho, chamando o filósofo de “O Grande Africano Antigo”. Desse modo, contra “Europeu” ele fala “Africano”, fazendo referência à uma sabedoria tradicional, de ditados, retórica e paradoxos, preocupada com coisas além da lógica, impossíveis de serem discutidas num “*boulevard* parisiense”. Desse modo ele sugere um retorno à África. Para compreender essa posição, é importante lembrar que esse artigo é publicado após a guerra hispano-americana. Depois da perda das últimas colônias na América e na Ásia para os Estados Unidos, o único caminho possível para a colonização pela Espanha era a África. Já contra “Moderno”, Unamuno propõe “Antigo”. Sua grande crítica à modernidade está na preocupação que a modernidade tem com a vida. Essa é uma crítica à filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset. Segundo Unamuno, a ciência se preocupa com a vida e com as formas de aumentar a vida; já a sua oposta, a sabedoria, se preocupa

¹⁷⁸UNAMUNO, Miguel. *Sobre la europeización (arbitrariedades)*. *La España Moderna*, Madri, n. 216, pp. 64-83, 1906.

com a morte e com a forma de se preparar para a morte. Dessa forma, contra os termos “Ciência e Vida” ele propõe “Sabedoria e Morte”. Essa posição é reafirmada pela análise que Unamuno faz das obras que considera as maiores expressões artísticas espanholas: em Goya, Unamuno vê grandes expressões da morte (por exemplo, o deus tempo devorando seus filhos); em Dom Quixote, ele vê uma expressão das vaidades da vida, os moinhos contra os quais se luta. Já vimos acima que Maravall também se afasta de uma ortodoxia científica materialista, no entanto, ele escolhe outros caminhos menos extremos para lidar com esse problema, que não envolvem uma rejeição do método científico. Pelo contrário, em *Teoria del Saber Histórico*, Maravall faz uma discussão das transformações ocorridas na teoria da ciência após o evento da teoria da relatividade e de outras mudanças na física moderna. Essa discussão, que Maravall elabora em *Teoria...*, trabalha a questão da crítica à ortodoxia positivista sem a necessidade de se rejeitar toda a ciência.

A segunda caracterização da Espanha é a que chamamos de “Oriental”. Ela foi aventada pelos representantes da esquerda comunista, grupo que foi muito influente na política espanhola até chegar ao poder junto com outros grupos de esquerda. Politicamente, essa corrente intelectual partia de um ponto parecido com o de Unamuno ou de Ortega y Gasset. Os comunistas também acreditavam que a monarquia liberal baseada na constituição de 1876 havia sido uma falsificação da Espanha real¹⁷⁹. No entanto, os meios utilizados para essa falsificação eram diferentes e os meios de fazer a Espanha voltar à sua “realidade” também eram diferentes. Vale lembrar o significado específico do vocábulo “real” atribuído pela filosofia da história marxista. O livro *Historia del Partido Comunista de España* nos ajuda a tentar compreender o diagnóstico

¹⁷⁹MARÍA MARCO, José. *Unamuno, y el eterno dolor de España*. LA RAZÓN, Madri, 27, Setembro, 2014. Cultura, versão online. Disponível em: <https://www.larazon.es/cultura/unamuno-y-el-eterno-dolor-de-espana-NI7479096>. Acesso em 19 de Junho de 2018.

e o projeto do “*Ser de España*”¹⁸⁰ como visto pelos comunistas. Segundo os autores desse livro, essa falsificação da Espanha se dava na manutenção de privilégios da antiga nobreza, da igreja católica e da burguesia. O projeto para solucionar o problema espanhol estava na transferência do poder para o povo, seu legítimo possuidor. A realidade espanhola seria plural, como evidenciado pela separação do partido comunista da Catalunha do partido nacional. Houve uma forte influência trotskista na formação dessa visão. Dessa forma, os meios para essa transferência de poder seriam vários: incluíam sindicatos, milícias, diminuição do poder da igreja católica e uma aproximação com os países socialistas do leste europeu.

No entanto, esse projeto não chega ser executado. Os fascistas vencem a guerra civil em 1939, tomam o poder e começam a aplicar seu próprio projeto para a Espanha. Além disso, a aproximação com os países socialistas teve resultados que podemos chamar de “complicados”. A guerra civil espanhola coincidiu com o auge do expurgo stalinista. Há um livro escrito por um antigo embaixador e espião soviético, Alexander Orlov, tratando dos crimes de Stalin e do período em que esse embaixador atuou como conselheiro e espião na Espanha durante a guerra civil. Em “*The Secret History of Stalin's Crimes*”¹⁸¹, Orlov fala do seu papel de executor daqueles que chamava de “traidores”. Segundo ele, a política stalinista durante a guerra civil foi de caçar e executar aqueles que desviavam da cartilha de Stalin, como os trotskistas, além de líderes católicos.

No final de *Antiguos y Modernos*, vemos que Maravall compartilha de parte do diagnóstico de que a Espanha estava condenada pela manutenção de privilégios

¹⁸⁰ AZCÁRATE, Manuel; BALAGUER, Luis; CORDÓN, Antonio; FALCÓN, Irene; SANDOVAL, José. *Historia del Partido Comunista de España*. Paris: Éditions Sociales, 1960.

¹⁸¹ ORLOV, Alexander Mikhailovich. *The Secret History of Stalin's Crimes*. Londres: Jarrolds, 1954.

senhoriais e pelo engessamento da sociedade que esse fenômeno produzia. No entanto, como dissemos anteriormente, Maravall e Ortega não poderiam defender um projeto de nação para a Espanha que incluísse o totalitarismo estalinista. Maravall não acredita na eliminação da elite, mas na sua educação e formação. Nesse sentido ele segue as teses de Ortega y Gasset, como podemos ler em *A Rebelião das Massas*¹⁸².

A terceira caracterização do “*Ser de España*” é aquela feita pelos intelectuais franquistas. Essa caracterização é marcada pelo isolamento. Ela seguia as ideias fascistas ligadas àquilo que, na Alemanha, ficou conhecido como *Lebensraum*, ou seja, um território que se basta a si mesmo, correspondendo a um povo que também se basta a si mesmo. Na economia, essa visão do “*Ser de España*” se expressou através do protecionismo e do intervencionismo.

O resultado dessa visão fascista do caráter nacional espanhol foi uma depressão econômica quase constante durante os anos 1939 até o final de 1952. Foi apenas em 1952 que o PIB e o PIB *per capita* voltaram aos níveis de 1935, antes da guerra civil. É o que afirma o professor de história econômica Carlos Barciela López, da Universidade de Alicante¹⁸³. Segundo ele, a crise do pós-guerra foi resultado direto de uma escolha errada de Franco, baseada em uma visão da história espanhola equivocada. A situação só muda com a gradual abertura do país e da economia. Os primeiros marcos dessa abertura foram o *Concordato entre el Estado español y la Santa Sede* em 1953 e os *Pactos de Madri*, firmados com os Estados Unidos no mesmo ano.

As críticas de Maravall contra essa visão fascista do “*Ser de España*” são

¹⁸²ORTEGA Y GASSET, J. *A Rebelião das Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹⁸³BARCIELA LÓPEZ, Carlos. Los años del hambre. *El País*, Madri, 4, Fevereiro, 2012, Economía. Disponível em: https://elpais.com/economia/2012/02/03/actualidad/1328294324_702765.html. Acesso em: 20 de junho de 2018.

múltiplas. Focando no que está exposto em *Antigos y Modernos* fica claro que Maravall não poderia concordar com o autoritarismo que marca essa visão. Como já dissemos anteriormente, ele foi contrário ao totalitarismo, em qualquer orientação política. Além disso, Maravall também se opunha ao isolamento. Em *Antiguos y Modernos*, explora-se o papel do intercâmbio entre os povos para a formação da teoria de progresso e o início da modernidade. O trabalho que Maravall realiza analisando os escritos de Bartolomé de Las Casas sobre os índios e o florescimento do humanismo é um exemplo disso. Dessa forma, Maravall segue outro caminho em sua investigação do caráter nacional espanhol.

Chegamos à quarta caracterização do “*Ser de España*”, a que chamaremos de “Europeia”. Essa caracterização é um resultado do trabalho de vários historiadores, ensaístas, políticos e etc. Ela fez parte de um movimento dentro da Espanha que procurou aproximar o país com os países do ocidente europeu. Esse processo resultou, na prática, na entrada da Espanha na União Europeia, por exemplo, ou na entrada de capital estrangeiro durante os anos 60 e o crescimento econômico a taxas elevadas desde o começo dessa abertura até a crise do petróleo nos anos 1970.

Dentro dessa corrente, Maravall trabalha seguindo a posição de Ortega y Gasset. Essa posição já fora exposta desde o final do século XIX, como podemos ver na já citada discussão entre Ortega e Unamuno “A europeização da Espanha ou a Espanholização da Europa”. O professor da Universidade Complutense de Madri, Francisco Javier Ochoa de Michelena, trata dessa discussão da “geração de 98” em um artigo chamado *La europeización de España desde la cultura y las categorías del juicio. Reflexiones en torno a Ganivet, Unamuno y Ortega*¹⁸⁴. Segundo ele, Ortega parte do

¹⁸⁴OCHOA DE MICHELENA, Francisco Javier. La europeización de España desde la cultura y las categorías del juicio. Reflexiones en torno a Ganivet, Unamuno y Ortega, *Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales*, n. 8, pp. 193-213, 2007.

problema comum a toda essa geração: a perda das colônias americanas e asiáticas após a guerra com os Estados Unidos. Ochoa cita uma frase de Ortega de 1910, “*España es el problema, Europa es la solución*”. Em seguida ele argumenta que para Ortega, a Europa era vista como a fonte de uma cultura científica. Essa cultura científica deveria ser introduzida na Espanha, para que só então o “*Ser de España*” pudesse ser novamente afirmado de acordo com esse novo paradigma. O pensamento de Unamuno segue a direção contrária, afirmando que o pensamento espanhol é por natureza contrário à ciência. Quando questionado por Ortega sobre as invenções criadas nos países europeus ocidentais e nos EUA, Unamuno responde “que inventem eles!”, e continua argumentando que não importa quem inventa a luz elétrica, contanto que ela ilumine.

Maravall trabalha a questão através de um método diferente dessa geração anterior. Ele se propõe a lidar com a questão da adaptabilidade do pensamento moderno na Espanha, que Ortega promove e Unamuno afirma ser impossível e indesejável. Para tal, ele não recorre aos ensaios nem às discussões filosóficas. Seu método é a análise histórica dos processos intelectuais do passado da Espanha. Ele parte da discussão filosófica iniciada por Ortega e vai pesquisar no Renascimento um exemplo de momento em que a Espanha compartilhou o destino da Europa e participou ativamente na construção da modernidade. No entanto, como já dissemos anteriormente, Maravall não procura essências imutáveis. As correntes teóricas que ele segue deixam isso bem claro. A corrente neokantiana traz uma ênfase nos processos de transformação das categorias de pensamento que estruturam o relacionamento do homem com o mundo. Já a corrente de Burckhardt, Michelet e Vico traz a ênfase na forma das transformações históricas como meio de compreender cientificamente o caráter único – poderíamos dizer “caráter

ideográfico”, seguindo a classificação das ciências de Wilhelm Windelband¹⁸⁵ – dos eventos históricos.

Dessa forma, Maravall tenta mostrar um momento em que o povo espanhol já demonstrou a capacidade de transformar a história em direção à modernidade. Em *Antiguos y Modernos*, o autor afirma que foi durante a colonização da América que a Espanha mais contribuiu para a formação da modernidade. Na seção *La proyección del mito clásico sobre América*, Maravall escreve sobre a comparação de Hernán Cortés, conquistador do México, com os heróis da antiguidade:

“No solo con Hernán Cortés, sino con otros múltiples aspectos del tema americano, se aplica ese procedimiento. Es una transposición de los esquemas mentales con que se pensaban las cosas europeas, a las del nuevo mundo – en lo que talvez hay que ver la más colosal empresa intelectual española -. Al modo que llevamos ya visto en el ámbito europeo, también el modelo de los antiguos y la referencia a sus escritos están siempre presentes en la mente de estos españoles que emprenden las grandes aventuras trans-oceánicas. Solo que su enérgico afán de hombres de la “modernidad”, su vigoroso ethos renacentista, les impulsa a superar en todos los aspectos ese paradigma que les obsesiona.”¹⁸⁶

Maravall argumenta que, dessa forma, a Espanha ajudou a criar a modernidade. Ela se apropriou das tradições intelectuais e culturais comuns aos países do ocidente europeu e aplicou-os na América. Essas tradições são aquelas que Maravall analisa na primeira parte de *Antiguos y Modernos*, que discutimos no segundo capítulo dessa dissertação. Esses conhecimentos deram articulação às ações dos espanhóis na

¹⁸⁵WINDELBAND, Wilhelm. History and natural Science. *Theory & Psychology*, vol. 8, n. 1, pp. 5 - 22, 1998.

¹⁸⁶MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 439.

América, mas ao mesmo tempo foram testados, melhorados ou superados. Ou seja, a ideia causando alterações na matéria e a matéria causando alterações na ideia. Voltando ao nosso esquema da relação da ideia com o processo histórico, temos que esse é o segundo tempo:

Figura 3 – Segundo tempo da ideia na história – Processo

Ao longo desse processo histórico da colonização, os espanhóis foram tomando a consciência histórica moderna ao mesmo tempo em que construíam a modernidade. O resultado desse processo foi o que Maravall chama de “*Las três órdenes de superioridade de los tempos modernos*”. Essas ordens são a da dominação política, do saber e da técnica. A primeira e a mais simples é a da dominação política. Os espanhóis do Renascimento se veem superiores aos antigos pela maior extensão de seus domínios. Em relação à técnica e ao conhecimento, a formação dessa consciência demora um pouco mais. Em *Historia Natural y General de las Indias*¹⁸⁷, do capitão Oviedo y Valdés, 1478-1557, Maravall analisa alguns dos primeiros casos dessa nova consciência. Ele argumenta que em Oviedo já aparece a perspectiva de superioridade e cita frases como “*los grandes e innumerables secretos que están por saberse del segundo hemisferio*” e “*el mundo nunca cesará de enseñar novedades a los que vivieren y mucho más en estas Indias que en otras partes*”.

¹⁸⁷OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo Fernández de. *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar océano*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007.

A citação de Oviedo é interessante porque mostra exatamente o caráter nacional que Maravall quer mostrar. Oviedo era um capitão, estava diretamente ligado à construção do mundo moderno na colonização do Caribe. Além disso, ele também era um intelectual e simbolizou perfeitamente essa transformação nas ideias. Sua primeira obra foi um romance de cavalaria, tema claramente medieval¹⁸⁸. No entanto, sua participação ativa na formação da modernidade mudou sua expressão literária, culminando na escrita da *Historia Natural*.... Mais tarde surgem outras obras, inclusive aprofundando essa “fé no futuro” demonstrada por Oviedo. Analisaremos essas consequências intelectuais mais tardias em nossa discussão do terceiro debate, sobre o progresso. Maravall argumenta que essas mudanças foram profundas, não só no pensamento de algumas pessoas, mas em toda a cultura do ocidente. Elas fomentaram uma maior confiança na experiência e uma reação contra os argumentos de autoridade e antiguidade.

No livro *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, o professor português José Sebastião da Silva Dias apresenta uma análise mais extensa sobre esse tema¹⁸⁹. Silva Dias também bebe da corrente de pensamento iniciada por Burckhardt sobre o Renascimento. Como Maravall, ele associa os descobrimentos à mudança na civilização ocidental representada pelo Renascimento, é o que ele chama nessa obra de “explosão de vida”. Segundo Dias, essa nova cultura fomentada incluiu diversos movimentos. Começa com o simples aumento dos conhecimentos de geografia e história natural, além de uma nova gama de conhecimentos sobre civilizações e crenças diversas. Esses movimentos avançam com o que Dias chama de “A Revolução da Experiência”. Essa revolução é expressada, por exemplo, no trabalho dos intelectuais que tiveram que lidar com os problemas práticos da navegação. Dias analisa as discussões de

¹⁸⁸OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo Fernández de. *Libro del muy esforzado e invencible caballero Don Claribalte*. Madri: Real Academia Española, 1959. (Publicado originalmente em 1519).

¹⁸⁹DIAS, José Sebastião da Silva Dias. *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

intelectuais como Pedro Nunes, Duarte Pacheco e D. João de Castro. Segundo ele, nessas discussões é possível ver a luta da experiência e de um princípio de método prático contra o discurso de autoridade. Essa luta estava ligada diretamente com questões como a economia portuguesa, dado o caráter comercial das viagens. Ela também estava ligada à necessidade de sobrevivência de navegadores que se lançavam ao mar e não podiam submeter seus conhecimentos adquiridos na prática à autoridade de alguém que não passara pelos mesmos perigos que eles. Embora, é certo, esses intelectuais não tivessem a preocupação com um método científico, eles ajudaram a criar a cultura em que esse método fazia sentido. Dias se propõe a mostrar como esse impulso da civilização ocidental não era naturalmente alheio à mentalidade ibérica.

Dessa forma, Maravall faz sua caracterização do “*Ser de España*” em que foca a capacidade da Espanha de ser ativa na formação da modernidade e de compartilhar o destino da Europa. Contra as teses da visão que chamamos “Africana”, Maravall argumentaria que não só a Espanha seria capaz de se modernizar, por que já o fizera no passado, como também fora a própria Espanha uma das responsáveis pelo início desse processo. Dessa forma, a europeização e a modernização não seriam intrusões de ideias estranhas à vida intelectual espanhola. Esses processos seriam na verdade a reativação de potenciais essencialmente espanhóis. Contra as teses da visão “Oriental”, Maravall argumenta que a Espanha tem sua história atada ao ocidente, não apenas pela elite e pela burguesia, mas também pela história de todo seu povo. Por fim, contra a tese da visão “Isolacionista”, Maravall argumenta que foi justamente o intercâmbio com os outros povos e a atividade histórica de troca intelectual da Espanha com o mundo um dos responsáveis por um dos momentos mais importantes da história de seu país. Essa é contribuição de Maravall ao debate do “*Ser de España*”.

Passamos agora ao último debate. Nessa seção seguinte iremos nos concentrar

no principal argumento de *Antiguos y Modernos*.

Debate 3

O surgimento da teoria de progresso

O terceiro debate no qual no qual se insere o livro *Antiguos y Modernos* é o debate sobre a formação da teoria do progresso. Voltando ao nosso esquema, esse momento da formação de uma teoria corresponde ao terceiro tempo do relacionamento entre uma ideia e o processo histórico.

Figura 4 – Terceiro tempo da ideia na história – Ideia como produto do processo histórico

Maravall traça uma argumentação ao longo de todo o livro tentando mostrar os antecedentes (o primeiro tempo da ideia) e os processos de formação (o segundo

tempo) da ideia de progresso. No último capítulo, ele se centra nos textos em que essa teoria teria sido expressa de fato. Na parte quatro de *Antiguos y Modernos*, ele analisa séries de textos do Renascimento espanhol onde existem percepções e discussões do progresso em áreas específicas da sociedade: as artes e as letras; a política e a economia; os tratados militares; a técnica das armas de fogo, da engenharia, o espírito de cálculo e o começo da formação da mentalidade “burguesa”. Já na quinta parte, em seu capítulo único, Maravall se pergunta se não houve algum ou alguns intelectuais que tivessem ido além das percepções setoriais de progresso e que tivessem partido para uma “*interpretación progresiva de alcance general*”.¹⁹⁰

Maravall analisa o trabalho de alguns historiadores que já pesquisaram esse assunto. São nomes como os que já citamos anteriormente Jules Delvaille, Hubert Gillot e Ferdinand Brunetière na França; J. B. Bury, Richard F. Jones e Ernest Lee Tuveson na Inglaterra; Giovanni Gentile, Margiotta e Rodolfo Mondolfo na Itália. Segundo Maravall, em geral, a historiografia coloca o surgimento de uma teoria coerente do progresso apenas no século XVIII, após a querela dos antigos e modernos travada na França, instigada por figuras como Bernard le Bovier de Fontenelle e Charles Perrault. No entanto, em *Historia del Pensamiento social* de Barnes e Becker¹⁹¹, Maravall encontra uma narrativa da evolução do pensamento europeu em que a teoria de progresso já teria sido formada no século XVII. Para Barnes e Becker, essa teoria já teria aparecido em Michel de Montaigne, René Descartes e Francis Bacon. Maravall nota, no entanto, que os critérios usados pelos autores de *Historia del Pensamiento...*, para situar a teorização do progresso no século XVII, já podiam ser aplicados no século XVI em alguns escritores espanhóis:

¹⁹⁰MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 581.

¹⁹¹BARNES, Harry Elmer; BECKER, Howard. *Social Thought from Lore to Science*. Nova Iorque, EUA: D. C. Heath, 1938.

“Pero cuanto Barnes y Becker encuentran a ese respecto – crítica de los clásicos, independencia de los antiguos, pretensión de mejorar al mundo y al hombre, afirmación de la experiencia y de la razón como instrumentos de conocimiento – todo ello hemos visto ya en el XVI.”¹⁹²

Partindo desses critérios, Maravall vai buscar expressões da teorização de progresso entre os escritores do século XVI espanhol. Primeiramente ele busca expressões gerais, através de tópicos como *“Progreso”*, *“cultura”* e *“veritas filia temporis”*. Após esse procedimento, ele passa aos escritores em que esse processo de transformação cultural apareceria como teoria propriamente dita.

Segundo Maravall, o produto do processo histórico analisado em *“Antiguos y Modernos”* gerou, no século XVI, o que ele chama de *“El crecimiento de los tiempos como opinión común”*. Ele encontra, já no XVI, visões da história como a de dom Antonio de Guevara. Esse escritor valorizava os modernos como superiores aos antigos, já que os modernos puderam aprender com os erros dos antigos. Essa visão é característica de uma apreciação da cultura como acumulação de progressos que se somam ao longo do tempo, melhorando o homem e o mundo. Maravall também encontra essa visão de *“crecimiento de los tempos”* na obra de Juan Luis Vives. Vives foi um humanista de origem judaica, nascido em Valencia, em 1493. Vives estuda as emoções, corpo e história do ser humano, na linha dos estudos abrangentes do Renascimento. Em *De Discipliniis*, o livro mais influente de Vives, ele afirma o que Maravall chama de *“criterio general progresivo sobre la naturaleza humana y el curso de la historia”*. Após a análise da presença dessa cultura favorável ao surgimento de uma teoria de progresso, Maravall passa aos escritores dessa teoria.

¹⁹²MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 582.

Ele cita alguns desses autores no último capítulo de *Antiguos y Modernos*: Um deles é Cristóbal de Villalón, autor de *Ingeniosa comparación de lo antiguo con lo presente*¹⁹³, de 1539. Maravall identifica nessa obra uma clara valorização dos modernos sobre os antigos. Além disso, essa valorização não está ligada diretamente a uma área específica. Villalón estuda diversas áreas como as letras, a pintura, a política, a arte da fundição e do trabalho em vidro, a filosofia e a guerra. É após esse panorama geral que Villalón atribui um crescente melhoramento dos tempos aos modernos. Outro desses escritores é Pedro Mexía, autor de *Silva de Varia Lección*¹⁹⁴, de 1540. Ele também valoriza os modernos acima dos antigos e acredita que esse melhoramento se estenderá para o futuro. Juan Sedeño, autor de *Summa de varones ilustres*¹⁹⁵, de 1551, afirma que os tempos presentes são melhores que os antigos pois “*la naturaleza humana que de sí misma es endereçada a la bondad*”. Dessa maneira, a natureza humana teria um impulso natural a melhorar as coisas e a si mesma. A ideia de que está na natureza do mundo melhorar continuamente aparece na segunda metade do século XVI, com Pedro Simón Abril, em sua obra *Gramática latina*. Segundo ele, o mundo nasce incompleto e vai se aperfeiçoando. Como as coisas humanas seguem o mesmo princípio, elas também apresentam aperfeiçoamento ao longo da história; prova disto seria o estado de melhoramento dos modernos em relação aos antigos. Huarte de San Juan, autor de *Examen de ingenios*¹⁹⁶, propõe uma nova forma de filosofar. Essa é a obra a qual Maravall atribui o maior caráter de modernidade entre as que analisa. Essa “nova forma” estaria

¹⁹³VLLALÓN, Cristóbal. *Ingeniosa comparación entre lo antiguo y lo presente*. Madri: Sociedad de Bibliófilos Españoles, 1898. Disponível em:

<https://archive.org/details/ingeniosacompara00vill>. Acesso em: 21 de junho de 2018.

¹⁹⁴MEXÍA, Pedro. *Silva de Varia Lección*. Barcelona: Castalia Ediciones, 2001.

¹⁹⁵SEDEÑO, Juan. *Summa de varones ilustres*. Europeana, 2016. Disponível em:

https://www.europeana.eu/portal/es/record/2022701/oai_es_red_aracne_oai_ibso_bidiso_es_sdvirpiscy0000.html. Acesso em: 21 de junho de 2018.

¹⁹⁶SAN JUAN, Juan Huarte de. *Examen de Ingenios*. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000.

baseada na independência da razão de cada um. Essa opinião é compartilhada pelo médico Miguel Sabuco, com sua obra *Nueva Filosofía de la naturaleza del hombre, la cual mejora la vida y la salud humana*¹⁹⁷.

Através dessas obras, forma-se o que Maravall chama de “*la ilusión progresista*”¹⁹⁸. Já em finais do século XVI a cultura se fecha. Começa o Barroco e a política imperial dirige essa ânsia e esse gosto por novidades para áreas que considera inofensivas. No entanto, para Maravall, a semente de ilusão de progresso já havia sido plantada e iria florescer novamente em todo o ocidente nos séculos seguintes no iluminismo. Essa é a contribuição de Maravall para o debate sobre a formação da ideia de progresso.

¹⁹⁷SABUCO, Miguel. *Nueva filosofía de la naturaleza del hombre no conocida, ni alcanzada de los grandes filósofos antiguos, la cual mejora la vida y salud humana : con las adicciones de la segunda impresion escrita y sacada a luz por doña Oliva Sabuco de Nantes Barrera*. Biblioteca Digital Hispánica, 2010. Disponível em: <http://www.bne.es/es/Catalogos/BibliotecaDigitalHispanica/Acercade/>. Acesso em: 21 de junio de 2018.

¹⁹⁸MARAVALL, José Antonio Casesnoves. *Antiguos y Modernos*. Madri: Alianza Editorial, 1998, pág. 582.

Considerações finais

Essa dissertação dedicou-se a buscar a visão de história na obra *Antiguos y Modernos*. Ao longo da dissertação procuramos mostrar que o autor, José Antonio Maravall Casesnoves, pensa a história tanto a partir do contexto intelectual em que escreve quanto reagindo a questões de seu tempo. Sua obra é marcada pelos rumos da Espanha, sua pátria, e pelas turbulências pelas quais a Espanha passou ao longo do século XX. Também vimos que *Antiguos y Modernos* é fruto de uma junção de duas linhagens intelectuais de teorização da história desenvolvidas com certa distância cronológica, filosófica e geográfica entre elas, mas que encontraram uma síntese frutífera nessa obra. Por fim, vimos como essa obra foi pensada como resposta a diversos debates intelectuais correntes no século XX.

Na primeira metade de sua vida, Maravall atravessa os períodos conturbados da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial tendo essa experiência histórica em primeira mão. A primeira metade do século XX coincidiu, portanto, com o período de formação intelectual do autor de *Antiguos y Modernos*. Essa coincidência é muito interessante no sentido de que Maravall vivenciou os resultados mais acabados das utopias geradas pelos ideais do iluminismo. Não apenas assistiu, mas também enfrentou, sofreu perseguições, testemunhou a morte de amigos e o exílio de tantos outros. Maravall viveu o embate entre Nazismo e Comunismo, as duas grandes tentativas do homem moderno de organizar o mundo guiado em primeiro lugar pela razão e pela ciência.

Maravall foi aluno de Ortega, e compartilhou de seu conhecido desdém pelos extremos políticos. Assim como Ortega, Maravall assume a função de educador do seu povo. Uma função desempenhada com larga erudição e empenho, em obras que vão muito

além das suas teses principais. Em *Antiguos y Modernos*, mas também em *A Cultura do Barroco* e em outras, Maravall analisa centenas de autores, fazendo verdadeiros compêndios dos documentos de uma cultura espanhola aberta, progressista e inovadora, que muitas vezes passa despercebida e desprezada.

Dada essa participação de Maravall na história moderna espanhola e também sua vivência do que foram talvez os produtos mais terríveis da modernidade e do totalitarismo, também não devemos nos espantar com as escolhas teóricas que ele faz. O labor histórico de Maravall é marcado por duas correntes historiográficas cujas raízes vão fundo no ceticismo. Essas duas correntes tiveram suas origens em pensadores cujas principais preocupações giravam em torno da impossibilidade de um conhecimento racional totalizante. A primeira dessas correntes, cronologicamente, é aquela iniciada por Giambattista Vico (1668-1744), chegando até Maravall através de Burkhardt e da historiografia acerca do Renascimento. Giambattista Vico inicia sua produção filosófica original se contrapondo à posição de Rene Descartes (1596-1650) sobre as certezas do racionalismo. Dessa contraposição surge a *Ciencia Nuova*, propondo novos critérios de validade do conhecimento que não se baseavam na capacidade fundante da razão geométrica. A segunda dessas correntes é iniciada por David Hume (1711-1776), trazendo a tradição cética da antiguidade para apontar falhas intrínsecas na capacidade da razão de dar conta do conhecimento do mundo por experiência. O trabalho de Kant parte dessas incapacidades para iniciar uma crítica sistemática da razão e de seus limites. Esse pensamento chega a Maravall através do neokantismo, principalmente dos pensadores que se dedicaram às ciências humanas, como seu mentor, Ortega y Gasset.

Essa atitude filosófica de ceticismo em relação aos produtos da mente se mostra na obra de Maravall de diversas maneiras. Uma delas é a rejeição ao totalitarismo que já discutimos. A outra é a ênfase na parte empírica do trabalho, sua preocupação com

as fontes, com a crítica e com a fundamentação, nas fontes, das suas argumentações. *Antiguos y Modernos* é fruto de uma pesquisa longa e abrangente. Ela é composta de um raciocínio longo, partindo da tentativa de provar a existência de um ambiente propício ao surgimento de novas ideias, passando pelas transformações por que passaram, até chegar na tentativa de provar a existência de um início de pensamento progressista na Espanha do século XVI. Maravall tenta o máximo possível calcar cada um dos passos desse raciocínio em uma análise documental sólida. Dessa forma, ele procura atualizar e aprimorar um debate feito até então com pouca base documental, sem metodologia científica e pouca preocupação com questões práticas. Para tanto, ele abandona qualquer tentativa de entender o processo histórico a partir de uma causalidade única e determinante. Ele parece tentar compreender as causalidades enquanto uma espécie de conjunto sistêmico, cujos elementos interagem afetando-se e transformando-se ao mesmo tempo que produzem na causalidade do processo histórico. Suas contribuições na compreensão da relação entre a causalidade por fatores econômicos e a causalidade por fatores intelectuais talvez seja o melhor fruto dessa união peculiar entre a tradição de Vico e aquela de Kant.

O que realmente surpreende na obra de Maravall é o seu otimismo. Apesar de ter testemunhado tanto sofrimento e violência, Maravall chega à segunda metade do século XX cheio de projetos e ambições. São desse período suas principais obras, *Antiguos y Modernos* e *A Cultura do Barroco*. Nessas obras, Maravall estuda o Renascimento, que considera exemplo positivo de um momento em que a cultura espanhola foi aberta e inovadora, e o Barroco, que considera negativo, momento em que a sociedade é tomada por espetáculos impressionantes, mas vazios, e por controle social. Dessa maneira, Maravall consolida sua análise do que chama “conjuntos históricos”, no caso o Renascimento e o Barroco. Essas são obras importantes para o estudo da história

cultural da Espanha no seu chamado “*Siglo de Oro*”. Maravall termina *Antiguos y Modernos* com a esperança de que a Espanha que ele vive deixe para trás o fascismo, a ditadura e o atraso. Nessas duas obras de sua maturidade, Maravall propõe que a Espanha se afaste daquela Espanha barroca, marcada pelo controle social e pelas produções culturais vazias, e volte a se parecer com aquela Espanha do Renascimento, em harmonia com a sua própria era histórica, aberta e vibrante.

Bibliografia

- ADAMSON, P. *Philosophy in the Islamic World*. EUA: Oxford University Press, 2016.
- ALBIERI, Sara. David Hume: Filósofo e Historiador. *Revista de Ciências Sociais*. VOL. 9-N. 2, 2004-p. 19-3.
- ARRIAZA FERNÁNDEZ, Gerardo. Polarización, radicalización y fragmentación política de la sociedad granadina en la antesala de la Guerra Civil (1931-1936). *Revista del Centro de Estudios Historicos de Granada y su Reino*, Granada, Espanha, n.24, pp. 105-124, 2012.
- AZCÁRATE, Manuel; BALAGUER, Luis; CORDÓN, Antonio; FALCÓN, Irene; SANDOVAL, José. *Historia del Partido Comunista de España*. Paris: Éditions Sociales, 1960.
- BARNES, Harry Elmer; BECKER, Howard. *Social Thought from Lore to Science*. Nova Iorque, EUA: D. C. Heath, 1938.
- BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. *Quid tum?: o combate da arte em Leon Battista Alberti*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.
- BRECKMAN, Warren. *Marx, the Young Hegelians, and the Origins of Radical Social Theory: Dethroning the Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BURCKHARDT, Jacob. *The Letters of Jacob Burckhardt*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1955.
- BURY, J. B. *The Idea of Progress*. Londres: Macmillan and co., limited. 2013.
- CARVALHO, José Maurício; BESSA, Vanessa da Costa. Razão histórica e Razão vital e o problema do conhecimento em Ortega y Gasset. *Prometeus: Filosofia em Revista*, Sergipe, ano 5, nº 10, pp. 71-90, Julho-Dezembro/2012.
- _____. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.
- CARR, E. H. *What is History?*. Londres: 1967.
- CASSIRER, Ernst. *Substance and Function*. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1923. (Publicado originalmente em 1910)
- CASSIRER, Ernst. *Filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHIGNELL, Andrew. Introduction: on going back to Kant. *The Philosophical Forum*, Boston, EUA, v. 39, n. 2, pp. 109-124, junho de 2008.

COLLINGWOOD, R. G. *Progress as Created by Historical Thinking" in The Idea of History*. Oxford: Oxford University Press, 1946.

DE FELICE, Renzo. *Mussolini. Il Duce: gli anni del consenso, 1929-1936*. Turim, Italia: Einaudi, 2006,

DIAS, José Sebastião da Siva. *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*. Lisboa, Portugal: Editora Presença, 1982.

FRESÁN CUENCA, Francisco J. Un ideólogo olvidado: el joven José Antonio Maravall y la defensa del Estado Nacional Sindicalista. Su colaboración en *Arriba*, órgano oficial de FET y de las JONS. 1939-1941. *Memoria y Civilización (MyC)*, Pamplona, Espanha, v.6, 2003, pp. 153-187.

FERÉT, H.-M. *L'apocalypse de Saint Jean, vision chrétienne de l'histoire*. Paris: Corrêa, 1943.

GINLIAN, A. A. *Martial and the epigram in Spain in the sixteenth and seventeenth centuries*. Filadélfia, EUA: *University of Pensilvania*, 1930.

HEIL, Andreas, DAMSCHEN, Gregor. *Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist*. Leiden, Países Baixos: Brill, 2013.

HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Brasília: UnB, 2008.

_____. *Philosophy of Right*. Kitchener, Ontario, Canadá: Batoche Books Limited, 2001.

HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. (Publicado originalmente em holandês, em 1919)

HUME, David. *The History of England: from the Invasion of Julius Caesar to The Revolution in 1688*. Indianápolis, EUA: Liberty Classics, 1983

_____. *Treatise on Human Nature*. Disponível pelo projeto Gutenberg em: https://www.gutenberg.org/files/4705/4705-h/4705-h.htm#link2H_PART21. Acesso em: 2 de fevereiro de 2018.

IGLESIAS DEL CANO, María del Carmen. Presentación, noticia biográfica y bibliografía, in: Homenaje a José Antonio Maravall. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1985.

JAMIESON, Kathleen Hall. *Eloquence in an Electronic Age: The Transformation of Political Speechmaking*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1995.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Editora Acrópolis, 2008. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kant/1781/mes/pura.pdf>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018.

_____. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. *Prolegomena to Any Future Metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KEYNES, John Maynard. *The Economic Consequences of the Peace*. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Howe, 1920.

KOHN, Hans. *Historia del nacionalismo*. Cidade do México: S. Cosío, 1949.

LANGE, Friedrich Albert. “History of Materialism and Critique of its Present Importance”. Charleston, EUA: Nabu Press, 2010.

LARRAMENDI, L. H. de. *Cristiandad, tradición, realeza*. Madri: Calamo, 1952.

MACHIAVELLI N., *Principe*. Turim: Einaudi, 1972. (Publicado originalmente em 1513)

MALI, Joseph. *The Legacy of Vico in Modern Cultural History: From Jules Michelet to Isaiah Berlin*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012

MARAVALL, J. A. C. *A Cultura do Barroco*. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. *Antiguos y Modernos: visión de la historia e idea de progreso hasta el Renacimiento*. Madri: Alianza Editorial, 1998.

_____. *Carlos V y el pensamiento político del Renacimiento*. Madri: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 1999

_____. *El mundo social de “La Celestina”*. Madri: Editorial Gredos, 1964.

_____. *Estado Moderno y mentalidad social: siglos XV al XVII*. Madri: Ediciones de la Revista de Occidente, 1972

_____. *La oposición política bajo los Austrias*. Madri: Ariel, 1972.

_____. *Las Comunidades de Castilla. Una primera revolución moderna*. Madri: ALIANZA EDITORIAL, 1994.

_____. *Menéndez Pidal y la Historia del Pensamiento*. Madri: Arion Editorial, 1960.

_____. *Ortega en Nuestra Situación*. Madri: Taurus Ediciones, 1959.

_____. *Teoria del Saber Historico*. Madri: Editorial Revista de Occidente, 1958.

_____. *Velazquez y el espiritu de la modernidade*. Madri: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 1999.

MARX, Karl. *Critique of Hegel's Philosophy of Right*. Cambridge, RU: Cambridge University Press, 1970.

_____. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

_____; ENGELS, Friedrich. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 1999.

MENDOZA Y VIZCAINO, Enrique. *Historia de la guerra Hispano Americana*. México: A. Barral y Compañía Editores, 1989.

MEZ, Adam. *El Renacimiento del Islam*. Madri: Publicaciones de las Escuelas de estudios árabes de Madrid y Granada, 1936.

MIR, Conxita Curcó. *The Francoist Repression in the Catalan Countries*. *CATALAN HISTORICAL REVIEW*, Barcelona, N. 1, p.133-147, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000/2001.

MOTTO, Anna Lydia. *The Idea of Progress in Senecan Thought*. *The Classical Journal*, Chicago, v. 79, n. 3, pp. 225-240, 1984.

NAGY, Gregory. *The Ancient Greek Hero in 24 Hours*. Cambridge, EUA: Harvard University Press, 2013.

ORLOV, Alexander Mikhailovich. *The Secret History of Stalin's Crimes*. Londres: Jarrolds, 1954.

ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *História como Sistema / Mirabeau ou O Político*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

_____. *La España Invertebrada*. Madri: Espasa-Calpe, 2006 (publicado

originalmente em 1922).

_____. *Obras completas*. Madri: Fundación José Ortega y Gasset / Taurus, 2004.

ORTEGA, Soledad. Mavarall, Ortega y la Revista de Occidente. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madri, n. 477~78, p. 61-63, março/abril de 1990.

PASTOUREAU, Michel. *Noir – Histoire d'une Couleur*. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

PEDROSA, J. M. Los mitos en la era de los Descubrimientos. *Memoirs of the Cultural Documents Research Institute, Aichi Prefectural University*, N. 2, pp. 124-132, 2016.

PÉREZ, Joseph. *Los Comuneros*. Madri: La Esfera de los Libros, 2001.

PRZEWORSKI, Adam. *Capitalism and Democracy*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2012.

QUEIROZ, Tereza Aline Pereira. “O Renascimento”. São Paulo: Edusp, 1995.

RANKE, Leopold Von. *Histories of the Latin and Germanic Nations from 1494-1514*. Londres, GB: George Bell and Sons, 1887.

RESENDE, José. Em busca de uma teoria do sentido: Windelband, Rickert, Husserl, Lask e Heidegger. São Paulo: Editora da PUC – SP, 2013.

RUSSEL, Bertrand. *A HISTORY OF WESTERN PHILOSOPHY And Its Connection with Political and Social*

Circumstances from the Earliest Times to the Present Day. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1945.

SANTOS, Vinícius. A razão realizada? Notas sobre a filosofia da história de Hegel. *AUFKLÄRUNG*, João Pessoa, v.3, n.2, Dez., 2016, p.113-134.

SCHELER, Max. *El puesto del hombre en el cosmos*. Madrid: 1936.

SEBASTIÁN, Miguel. La falsa bonanza: Cómo hemos llegado hasta aquí y cómo intentar que no se repita. Barcelona: Ediciones Península, 2015.

STEIRGERWALD, David. *Wilsonian Idealism in America*. Ítaca, EUA: Cornell University Press, 1994.

UNAMUNO, Miguel. *Sobre la europeización (arbitrariedades)*. *La España Moderna*, Madri, n.

216, pp. 64-83, 1906.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. História Geral do Brasil. Salvador: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO (CDPB), 2011.

VICO, Giambattista. Princípios de ciência nova: acerca na natureza comum das nações. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

_____; MICHELET, Jules. *Oeuvres Choiesies de Vico*. Paris: Nabu Press, 2010.

VILAR, Pierre. Desenvolvimento econômico e análise histórica. Lisboa: Ed. Presença, 1982.

WELLS, H. G. *The War that will end War*. Whitefish, EUA: Kessinger Publishing, 2010.

WEHLING, Arno. Em Torno de Ranke: A questão da objetividade histórica. *Revista de História*, São Paulo, v. 46, nº 93, 1973.

WILSON, Edmund. *To the Finland Station: A Study in the Writing and Acting of History*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1972.

WINDELBAND, Wilhelm. History and natural Science. *Theory & Psychology*, vol. 8, n. 1, pp. 5 - 22, 1998.